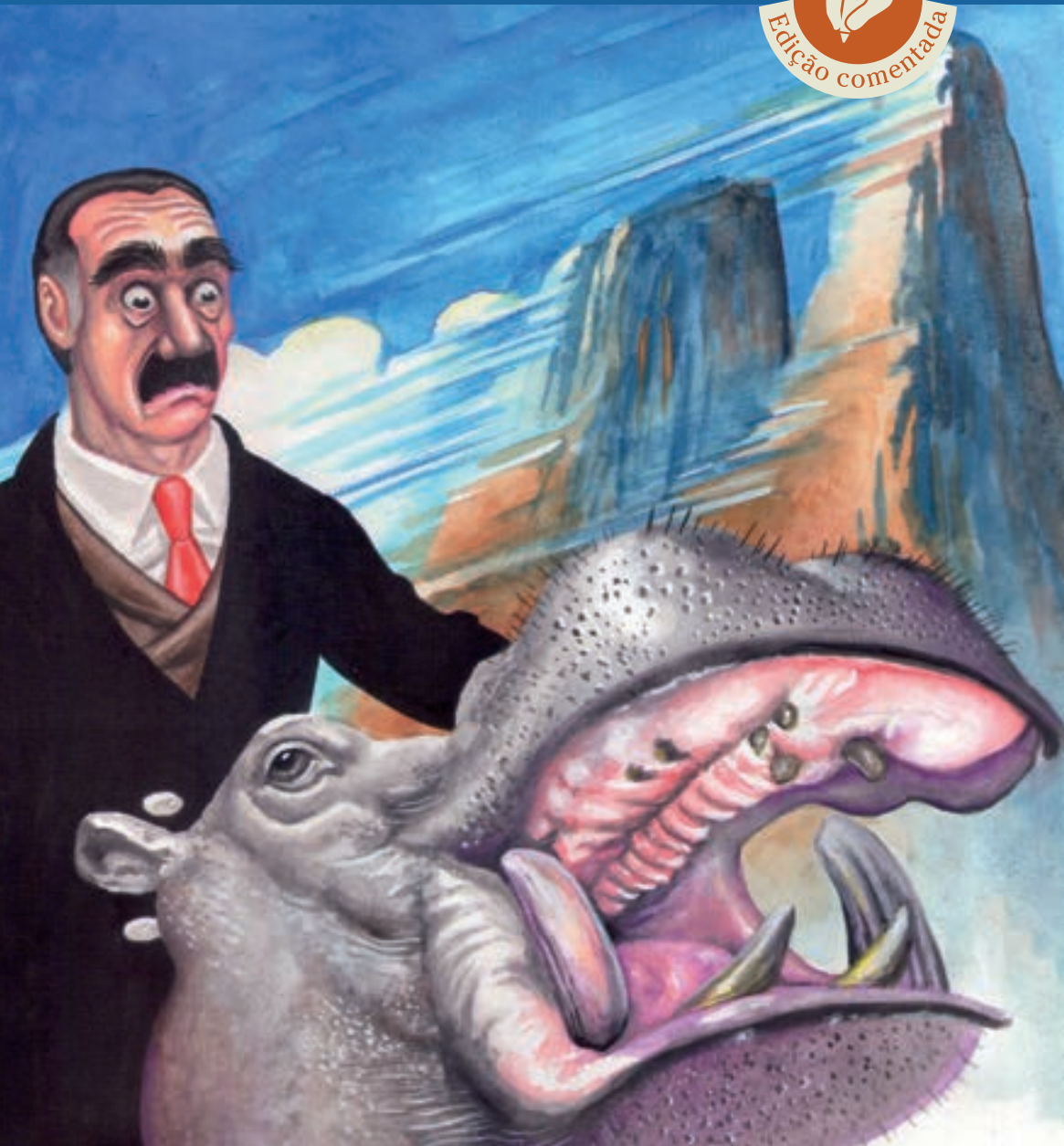


Clássicos da Literatura Brasileira

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis
Ilustrações:
Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

Memórias póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis

Memórias póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis

Ilustrações

Eduardo Schloesser
Iran Elson

Editora

Iêda Rocha

Leitura, Adaptação e Comentários

Rodolfo Santiago

Direção de arte

Elto Koltz

Diagramação

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial

Editora Prazer de Ler

Avenida Doutor Rinaldo de Pinho Alves, 2680
CEP: 53411-000 - Paratibe - Paulista / PE
Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638
CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2017

Impresso no Brasil

R695m

Rodolfo, Santiago

Memórias póstumas de Brás Cubas / Machado de Assis ;
leitura, adaptação e comentários Santiago Rodolfo ; ilustrações
Eduardo Schloesser. – Recife : Prazer de Ler, 2017.
224p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I. Assis,
Machado de, 1839-1908. II. Schloesser, Eduardo, 1962-. III. Título.
IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

PeR – BPE 17-20

ISBN: 978-85-8168-512-0

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Memórias póstumas de Brás Cubas

Dedico estas memórias póstumas como uma lembrança saudosa ao verme que roeu primeiro as carnes frias do meu cadáver.

Ao leitor.

Seria de se admirar se Stendhal confessasse ter escrito um de seus livros para apenas cem leitores. O que não admira, nem provavelmente causará perturbação, é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem **cinquenta**, nem vinte, e muito menos, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra redundante, na qual eu, Brás Cubas, se fiz uso da forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se acrescentei alguns traços de pessimismo. Pode ser. Obra de quem já está morto. Escrevia com a pena da piada e a tinta da tristeza, e não é difícil prever o que poderá sair dessa união. Além do mais, quem tiver ar de seriedade achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que quem for tolo não achará nele o seu romance comum; assim, fica protegido do respeito dos sérios e do amor dos tolos, que são as duas bases principais da opinião.

Mas, eu ainda espero receber as simpatias da opinião, e o caminho para isso é fugir a uma apresentação explícita e longa. O melhor início é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e confuso. **Consequentemente**, evito contar o processo impressionante que empreguei na elaboração destas Memórias, trabalhadas aqui no outro mundo. Seria interessante, mas exageradamente extenso, aliás, desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se agradar a você, fino leitor, estou satisfeito; se não agradar, pago com um peteleco, e adeus.

Brás Cubas



Capítulo I

Morte do autor

Por algum tempo fiquei em dúvida se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se colocaria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Visto que o comum seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar método diferente: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem o túmulo foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais elegante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a colocou no início, mas no fim; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, morri às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, firmes e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos mil reais¹. Fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! A verdade é que não houve cartas nem anúncios. Além do mais, chovia — choviscava — uma chuvinha pequena, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a inserir esta **ideia** criativa no discurso que fez à beira de minha cova: — Vocês, que o conheceram, meus senhores, podem dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos seres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como uma coberta fúnebre, tudo isso é a dor crua e má que lhe devora à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um puro louvor ao nosso ilustre finado.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei como herança. E foi assim que cheguei ao fim dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country*² de Hamlet, sem os medos nem as dúvidas do jovem príncipe, mas pausado e mancando, como quem vai embora tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Umas nove ou dez pes-

¹A expressão original é “trezentos contos”. Aproximadamente, um conto equivale a mil reais.

²Pode ser entendido como “país desconhecido” ou “terreno desconhecido” ou ainda “mundo desconhecido”.

soas me viram ir, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim — a filha, um lírio-do-vale — e... Tenham paciência! Daqui a pouco direi a vocês quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa desconhecida, ainda que não fosse parenta, sofreu mais do que as parentas. É verdade, sofreu mais. Não digo que se desesperou, não digo que se deixasse rolar pelo chão, soluçando. Minha morte não era coisa altamente dramática... Um solteirão que morre aos sessenta e quatro anos não aparenta reunir em si todos os elementos de uma tragédia. E, se fosse assim, o que menos convinha a essa anônima era transparecer isso. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

— Morto! Morto! — dizia ela.

A imaginação dela é como as cegonhas que um ilustre viajante viu voarem desde o Ilisso às ribas africanas, sem resistência das ruínas e dos tempos — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até as terras de uma África juvenil... Vamos deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu voltar aos primeiros anos. Agora, quero morrer **tranquilamente**, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que bate nas folhas de tinhorão da chácara, e o som agudo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um pendurador de correias. **Juro-lhes** que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida acabava em meu peito, com uma força de uma onda do mar, sumia a minha consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo virava planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que a causa de minha morte foi menos a pneumonia, do que uma **ideia** grandiosa e útil, é possível que o leitor não acredite em mim, e de toda forma é verdade. Vou lhe mostrar o caso. Julgue-o por si mesmo.

Capítulo II

O remédio

Um dia de manhã, estando a passear na chácara, veio a mim uma **ideia**. Depois de surgir, ficou martelando em meu cérebro insistentemente. Eu fiquei a contemplá-la. De repente, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.³

Essa **ideia** era nada menos que a invenção de um medicamento maravilhoso, um remédio anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa triste humanidade. Na carta de apresentação que redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens que seriam resultado da distribuição de um produto de efeitos tão grandes e tão profundos. Agora, porém, que estou aqui do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influenciou principalmente foi o prazer de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Xarope Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, acredito porém, que os hábeis reconhecerão este meu talento.

Assim, a minha **ideia** trazia duas faces, como as moedas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, vaidade. Digamos: — amor da glória.

Um tio meu, cônego que vivia da renda da igreja, costumava dizer que o amor da glória deste mundo era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que respondia outro tio, oficial de um dos antigos grupos militares, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, **consequentemente**, a sua mais genuína característica.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao xarope.

³ “Decifra-me ou devoro-te” é o enigma da Esfinge. A Esfinge é uma personagem mitológica responsável por atormentar os moradores de Tebas. Ela, ao cruzar com alguém, propunha um enigma. Caso a pessoa errasse, seria devorada por ela. Édipo foi um homem que deu resposta correta à esfinge e o monstro se lançou em um abismo. Édipo, depois do episódio, tornou-se rei de Tebas.

Capítulo III

Genealogia

Mas, já que falei nos meus dois tios, deixe-me fazer aqui um curto esboço genealógico⁴.

O fundador de minha família foi um certo Damião Cubas, que nasceu na primeira metade do século XVIII. Era artesão de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na pobreza e no desconhecimento, se exercesse somente o ofício de artesão de barris. Mas não; foi lavrador, plantou, colheu, trocou seu produto por boas e honradas quantidades de dinheiro, até que morreu, deixando grande herança a um filho, o formado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a linha de meus avós — dos avós que a minha família sempre confessou —, porque o Damião Cubas era afinal de contas um artesão, e talvez mau artesão, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, se deu bem no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde da Cunha.

Visto que este apelido de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, dizia meu pai, bisneto do Damião, que o dito apelido havia sido dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou tomando trezentos barris dos nativos. Meu pai era homem de imaginação; escapou do artesanato nas asas de um trocadilho⁵. Era um bom caráter, meu pai, homem digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns surtos de vaidade; mas quem não é um pouco vaidoso nesse mundo? É importante notar que ele não recorreu à invenção senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, enfiou-se na família daquele meu famoso homônimo, o **capitão-mor** Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Porém,

⁴ Um esboço genealógico é a descrição em ordem dos parentes pertencentes a uma família qualquer.

⁵ A expressão utilizada pelo autor para se referir ao artesanato é “tanoaria”. Tanoaria é a arte de produzir barris. Machado, no texto original, diz que o pai de Brás Cubas escapou da tanoaria nas asas de uma calembour. Calembour significa trocadilho, jogo de palavras, em francês.

a família do capitão-mor lhe fez oposição, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas africanas.

Alguns membros da minha família ainda são vivos, minha sobrinha Venância, por exemplo, o lírio-do-vaie, que é a flor das damas do seu tempo; o pai também está vivo, o Cotrim, um sujeito que... Mas não antecipemos os fatos; acabemos de uma vez com o nosso xarope.

Capítulo IV

A ideia fixa

A minha **ideia**, depois de tantas reflexões, virou **ideia** fixa. Deus te livre, leitor, de uma **ideia** fixa; antes um cisco, antes um cisco no olho. Vê o Cavour; foi a **ideia** fixa da unidade italiana que o matou. A verdade é que Bismarck não morreu; mas é necessário advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna contadora de fatos **heroicos**⁶.

Por exemplo, Suetônio nos deu um Cláudio, que era uma pessoa simples — ou “uma abóbora” como lhe chamou Sêneca, e um Tito, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou um meio de demonstrar que dos dois cézares, o delicioso, o verdadeiramente delicioso, foi o “abóbora” de Sêneca. E tu, madama Lucrécia, flor dos Bórgias, se um poeta te pintou como a Messalina católica, apareceu um Gregorovius incrédulo que apagou muito essa qualidade, e, se não veio a ser um lírio, também não ficou como um pântano. Eu me deixo ficar entre o poeta e o sábio.

Viva pois a história, a temporária história que dá para tudo; e, tornando à **ideia** fixa, direi que é ela a que faz os homens fortes e os doidos; a **ideia** que muda, vaga ou furta-cor é a que faz os Cláudios — fórmula Suetônio.⁷

Era fixa a minha **ideia**, fixa como... Não me ocorre nada que seja realmente fixo nesse mundo: talvez a lua, talvez as pi-

⁶ Perceba o leitor como Machado de Assis é conhecedor profundo dos fatos históricos que envolveram a humanidade.

⁷ Perceba que, além de conhecedor da história e da filosofia, Machado de Assis é um bom conhecedor da retórica, pois, com argumentos lógicos, deixa clara sua posição sobre o personagem Brás Cubas.

râmides do Egito, talvez a finada dieta germânica. Veja o leitor a comparação que melhor lhe couber, veja e não fique torcendo o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus amigos, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos. Mas, é necessário dizer que este livro é escrito com paciência, com a paciência de um homem já livre da brevidade do século, obra completamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora de caráter inabalável, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói, não esquentava nem esfria, e é todavia mais do que passatempo e menos do que ensinamentos.

Vamos lá; ajeite o seu nariz, e tornemos ao xarope. Deixemos a história com as suas manias de mulher elegante. Nenhum de nós lutou a batalha de Salamina, nenhum escreveu a confissão de Augsburgo; de minha parte, se alguma vez me lembro de Cromwell, é só pela **ideia** de que Sua Alteza, com a mesma mão que havia trancado o parlamento, teria imposto aos ingleses o emplasto Brás Cubas. Não se riam dessa vitória comum da farmácia e do puritanismo. Quem não sabe que, ao pé de cada bandeira grande, pública, visível, há muitas vezes várias outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteiam e ficam à sombra daquela, e que várias vezes lhe sobrevivem? Mal comparando, é como a arraia-miúda, que se acolhia à sombra do castelo-feudal; caiu este e a arraia ficou. Verdade é que se fez grande e nobre... Não, a comparação não presta.

Capítulo V

Em que aparece a orelha de uma senhora

Um dia, quando eu estava ocupado em preparar e testar minha invenção, recebi no corpo uma rajada de vento; adoeci logo e não me tratei. Tinha o xarope no cérebro; trazia comigo a **ideia** fixa dos doidos e dos fortes. Eu me via, ao longe, surgir da miséria e subir ao céu, como uma águia imortal, e era impossível que qualquer dor desviasse minha atenção. No outro dia estava pior; tratei-me enfim, mas não por completo, sem regra, nem cuidado, nem persistência; essa foi a origem do mal que me trouxe

à eternidade. Sabem já que morri numa sexta-feira, dia de azar, e acredito ter provado que foi a minha invenção que me matou. Há demonstrações menos claras e não menos triunfantes.

Não era impossível, entretanto, que eu chegasse a alcançar o fim de um século⁸, e a figurar nos jornais, entre micróbios. Tinha saúde e vigor. Acreditava-se que, em vez de estar lançando as bases de uma invenção farmacêutica, tratava de juntar os elementos de uma instituição política, ou de uma reforma religiosa. Vinha a corrente de ar, que vence em eficácia o planejamento humano, e lá se ia tudo. Assim é a sorte dos homens.

Eu me despedi da mulher com essa reflexão, não digo que discreta, mas com certeza mais formosa entre as suas contemporâneas, a desconhecida do primeiro capítulo, a tal, cuja imaginação como as das cegonhas do Ilisso... Tinha então 54 anos, era uma ruína, uma imponente ruína. Imagine o leitor que nos amamos, ela e eu, muitos anos antes e que um dia, já enfermo, vejo-a ficar à porta da sepultura...

Capítulo VI

Chimène, qui l'eût dit? Rodrigue, qui l'eût cru?

Vejo que ela chega à porta da sepultura, pálida, comovida, vestida de preto, e ali fica durante um minuto, sem força de entrar ou detida pela presença de um homem que estava comigo. Da cama, onde estava morto, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto. Havia já dois anos que nos não víamos, e eu a via agora não como era, mas como havia sido, como havíamos sido, porque um Ezequias misterioso tinha feito o sol voltar até os dias de antes. O sol voltou, joguei fora todas as misérias, e este punhado de pó, que a morte ia espalhar na eternidade do nada, pôde mais do que o tempo, que é o ministro da morte. Nenhuma água de Juventa igualaria ali a simples saudade.

Acreditem em mim, melhor é lembrar; ninguém se garante na felicidade presente; há nela uma gota da saliva de Caim.

⁸ Brás Cubas está fazendo referência à impossibilidade de se chegar aos cem anos.

Passado o tempo e acabada a dor, então sim, então talvez se pode aproveitar mais, porque, entre uma e outra dessas duas ilusões, melhor é a que não dói.

A lembrança não durou muito; a realidade dominou logo; o presente descartou o passado. Talvez eu mostre ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das histórias humanas. O que agora importa saber é que Virgília — chamava-se Virgília — entrou na sala, firme, com a seriedade que lhe davam as roupas e os anos, e veio até o meu leito. O estranho levantou-se e saiu. Era um sujeito que me visitava todos os dias para falar do valor da moeda, da colonização e da necessidade de desenvolver as linhas de trem; nada mais interessante para um velho. Saiu; Virgília ficou de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem dizer uma palavra. Quem diria? De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações vazios, devastados pela vida e cansados dela, não sei se da mesma forma, mas enfim cansados. Virgília tinha agora a beleza da velhice, um ar sério e maternal; estava menos magra do que quando a vi, pela última vez, numa festa de São João, na Tijuca; e, porque era das que duram muito, só agora começavam os cabelos escuros a se misturarem com alguns fios de prata.

— Anda visitando os defuntos? Disse-lhe eu. — Que defuntos! Respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de apertar as minhas mãos: — Ando vendo se coloco os vadios na rua.

Não tinha a carícia de choro de outro tempo; mas a voz era amiga e doce. Sentou-se. Eu estava só, em casa, com um simples enfermeiro; podíamos falar um ao outro, sem perigo. Virgília deu-me longas notícias de fora, contando tudo com graça, com um certo ar de fofoca, que era o sal da conversa; eu, prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em me cansar dele, em me convencer de que não deixava nada.

— Que ideias essas! Interrompeu-me Virgília um tanto zangada. — Olhe que eu não volto mais. Morrer! Todos nós vamos morrer; basta estarmos vivos.

E vendo o relógio:

— Jesus! São três horas. Vou-me embora.

— Já?

— Já; virei amanhã ou depois.

— Não sei se faz bem, respondi; o doente é um solteirão e a casa não tem senhoras...

— E sua irmã?

— Virá aqui passar uns dias, mas não pode ser antes de sábado.

Virgília refletiu um instante, levantou os ombros e disse com seriedade:

— Estou velha! Ninguém mais presta atenção em mim. Mas, para evitar dúvidas, virei com o Nhonhõ.

Nhonhõ era um estudante, único filho de seu casamento, que, na idade de cinco anos, havia sido cúmplice inconsciente de nossos amores. Vieram juntos, dois dias depois, e confesso que, ao vê-los ali, na minha sala, fui tomado de um constrangimento que nem me permitiu responder logo às palavras carinhosas do rapaz. Virgília percebeu e disse ao filho:

— Nhonhõ, não repares nesse grande manhoso que aí está; não quer falar para fazer crer que está à morte.

O filho sorriu, eu creio que também sorri, e tudo acabou em pura gargalhada. Virgília estava serena e risonha, tinha o jeito das vidas puras. Nenhum olhar suspeito, nenhum gesto que pudesse denunciar nada; uma igualdade de palavra e de espírito, um controle sobre si mesma, que pareciam e talvez fossem raras. Como se tocássemos, eventualmente, nuns amores não verdadeiros, meio secretos, meio divulgados, via-a falar com ironia e um pouco de indignação da mulher de que se tratava, aliás sua amiga. O filho sentia-se satisfeito, ouvindo aquela palavra digna e forte, e eu perguntava a mim mesmo o que diriam de nós os gaviões, se Buffon tivesse nascido gavião...⁹

Era o meu delírio que começava.

⁹ Nas palavras de Brás Cubas, Machado anuncia a divisão sexista da época e todo o cuidado em manter as aparências frente a um relacionamento que não podia ser anunciado à sociedade. O homem era a figura do gavião, e a mulher, a da donzela.



Capítulo VII

O delírio

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; isso eu faço, e a ciência me agradecerá. Se o leitor não gosta de contemplar estes fenômenos mentais, pode passar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, barrigudo, destro, barbeando um funcionário chinês, que me pagava o trabalho com beliscões e doces: caprichos de mandarim¹⁰.

Logo depois, me senti transformado na Suma Teológica de São Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fios de prata e estampas; **ideia** esta que fez com que meu corpo ficasse completamente imóvel; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre a barriga, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque o gesto lhe dava a imagem de um defunto.¹¹

Ultimamente, depois que voltei à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me levou embora. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, em pouco tempo, a viagem de tal modo se tornou estranha, que me atrevi a interrogá-lo, e de alguma forma lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

— Engana-se, replicou o animal, nós vamos à origem dos séculos.

Insinuei que deveria ser muito longe; mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma dessas coisas; e, perguntando-lhe, visto que ele falava, se era descendente do cavalo de Aquiles ou da asna de Balaão¹², respondeu-me com um gesto próprio destes dois quadrúpedes: abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me

¹⁰ Mandarim é um alto cargo no governo chinês.

¹¹ Brás Cubas está passando por um delírio antes da morte. Neste momento, ele cruza as mãos sobre a barriga e fica na posição de um defunto.

¹² Brás Cubas, em seu delírio falando com o hipopótamo, faz alusão à mitologia pagã (com Aquiles) e à bíblica (com Balaão).

ser levado pela sorte. Já agora não acredito ser possível confessar que sentia umas pontadas de curiosidade, por saber onde ficava o início dos tempos, se era tão misteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma coisa mais ou menos do que o fim dos mesmos tempos: reflexões de um cérebro doente. Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembro-me só que a sensação de frio aumentava com a viagem, e que chegou um momento em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Logo, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e vários animais grandes e de neve. Tudo neve; um sol de neve chegava a nos gelar. Tentei falar, mas apenas pude murmurar esta pergunta ansiosa:

— Onde estamos?

— Já passamos o Éden.

— Bem; paremos na tenda de Abraão.

— Mas se nós caminhamos para trás! Respondeu me criticando.

Fiquei envergonhado e confuso. A jornada começou a ficar cansativa e esquisita, o frio incômodo, o balanço violento e o resultado desconhecido. E depois — pensamentos de enfermo —, visto que chegamos ao fim indicado, não era impossível que os tempos, irritados por terem descoberto sua origem, me esmagassem entre as unhas que deviam ser tão antigas como eles. Enquanto pensava assim, íamos devorando caminho, e a planície voava debaixo dos nossos pés, até que o animal parou, e pude olhar mais **tranquilamente** em torno de mim. Olhar somente; nada vi, além da imensa brancura da neve, que desta vez havia invadido o próprio céu, até ali azul. Talvez, às vezes, me aparecia uma ou outra planta, enorme, bruta, balançando as suas grandes folhas ao vento. O silêncio daquela região era igual ao do sepulcro: dizia-se que a vida das coisas havia ficado tola diante do homem.

Caiu do ar? Soltou-se da terra? Não sei; sei que um vulto imenso, uma figura de mulher me apareceu então, olhando para mim com uns olhos brilhantes como o sol. Tudo nessa figura tinha o tamanho das formas selvagens, e tudo fugia da com-

preensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia opaco era muitas vezes transparente. Espantado, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao fim de algum tempo, que foi rápido, perguntei quem era e como se chamava: curiosidade de delírio.

— Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

Ao ouvir esta última palavra, recuei um pouco, tomado de medo. A figura soltou uma gargalhada que produziu em torno de nós o efeito de um tufão; as plantas torceram-se e um longo gemido quebrou o silêncio das coisas de fora.

“Não te assustes,” disse ela, “minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se impõe. Você vive: não quero outro flagelo.”

— Vivo? Perguntei, enterrando as unhas nas mãos, como para me convencer da existência.

— Sim, verme, tu vives. Não receies perder essa roupa que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives: agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciência recobrar um instante de esperteza, tu dirás que queres viver.

Dizendo isto, ela estendeu o braço, segurou-me pelos cabelos e levantou-me ao ar, como se fosse uma pena. Só então pude ver de perto seu rosto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma feição grosseira, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibilidade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel. Raivas, se as tinha, ficavam guardadas no coração. Ao mesmo tempo, nesse rosto de expressão fria, havia um ar de juventude, mistura de força e vitalidade, diante do qual me sentia eu o mais bobo e desgraçado dos seres.

— Entendeste-me? Disse ela, no fim de algum tempo de mútua contemplação.

— Não, respondi; nem quero entender-te; tu és absurda, tu és uma lenda. Estou sonhando, claro, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma **ideia** de alienado, isto é, uma coisa vã, que a razão ausente não pode controlar nem tocar. Natureza, tu? A Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida uma dor, nem, como tu, traz esse rosto

indiferente, como o sepulcro. E por que Pandora?

— Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tens medo?

— Sim; o teu olhar me fascina.

— Acredito; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a me devolver o que te emprestei. Grande vaidoso. A vaidade do nada espera-te.

Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso vale, pareceu-me que era o último som que chegava a meus ouvidos; pareceu-me sentir a decomposição de mim mesmo. Então, olhei para ela com olhos suplicantes, e pedi mais alguns anos.

— Pobre minuto! exclamou. Para que queres mais alguns instantes de vida? Para devorar e ser devorado depois? Não está cheio do espetáculo e da luta? Conheces de sobra tudo o que eu proporcionei menos vil ou menos aflitivo: o branco do dia, a melancolia da tarde, o silêncio da noite, os jeitos da terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres, sublime idiota?

— Viver somente, não peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor da vida, senão você? E, se eu amo a vida, por que te hás de dar um golpe em ti mesma, matando-me?

— Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, agradável, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo resiste. Egoísmo, você diz? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o bezerro porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novillo é novo melhor ainda: é o estatuto universal. Sobe e olha.

Dizendo isso, levou-me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a um dos lados, e contemplei, durante um tempo longo, ao longe, através de um nevoeiro, uma coisa única. Imagine você, leitor, uma redução dos tempos, e um passar de todos eles, todas as raças, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. Tal era o espetáculo, cruel e curioso espetáculo.

A história do homem e da terra tinha assim uma intensidade que não podiam lhe dar nem a imaginação nem a ciência, porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, enquanto que o que eu via ali era a junção viva de todos os tempos. Para descrevê-la seria preciso congelar o relâmpago. Os tempos desfilavam num turbilhão, e, apesar disso, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim — flagelos e delícias —, desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a raiva que inflama, a inveja que saliva, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. Eram as várias formas de um mal, que ora mordida a víscera, ora mordida o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim¹³, em torno da espécie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia à indiferença, que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, ferido e rebelde, corria diante da fatalidade das coisas, atrás de uma figura nebulosa e desconhecida, feita de retalhos, um retalho de algo que não consegue tocar, outro de improvável, outro de invisível, costurados todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura — nada menos que a figura¹⁴ da felicidade — ou lhe fugia para sempre, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a levava ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão.¹⁵

Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de angústia, que Natureza ou Pandora escutou sem reclamar nem rir; e não sei por que confusão de transtorno mental fui eu que me pus a rir — de um riso descompassado e idiota.

— Tem razão, disse eu, a coisa é divertida e vale a pena

¹³ Arlequim era um personagem que tinha o propósito de divertir. Perceba que a humanidade é colocada em condição de piada em relação ao tempo que passa.

¹⁴ A expressão usada no original foi “quimera”.

¹⁵ O narrador descreve sua impressão sobre a humanidade ao longo dos tempos. É uma impressão negativa.

— talvez monótona, mas vale a pena. Quando Jó amaldiçoava o dia em que nasceu, é porque lhe davam chance de ver daqui de cima o espetáculo. Vamos lá, Pandora, abre a boca e digere-me; a coisa é divertida, mas digere-me.

A resposta levou-me fortemente a olhar para baixo e a ver os tempos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham às gerações, umas tristes, como os Hebreus do cativeiro, outras alegres, como os devassos de Cômodo, e todas elas pontuais na sepultura. Quis fugir, mas uma força misteriosa segurava meus pés; então disse comigo: “Bem, os séculos vão passando, chegará o meu, e passará também, até o último, que me dará o entendimento da eternidade”. E fixei os olhos, e continuei a ver as idades, que vinham chegando e passando, já então **tranquilo** e convicto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e sua apresentação de sistemas, de **ideias** novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as primícias de uma primavera, e amarelavam depois, para voltar a ser novo mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía a casa e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, criava a ciência, que examina, e a arte que encanta, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia ao topo das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo. Meu olhar, saciado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e atrás dele os futuros. Aquele vinha ágil, forte, vibrante, cheio de si, um pouco desconhecido, audaz, conhecedor, mas ao fim tão miserável como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia. Redobrei de atenção; fitei a vista; ia enfim ver o último, — o último! ; mas então já a rapidez da marcha era tal, que escapava a toda a compreensão; ao pé dela o relâmpago seria como um século. Talvez por isso entraram os objetos a se trocarem; uns cresceram, outros minguaram, outros perderam-se no ambiente; um

nevoeiro cobriu tudo, — menos o hipopótamo que ali havia me trazido, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era efetivamente um gato. Encarei-o bem; era o meu gato Sultão, que brincava à porta da alcova, com uma bola de papel...¹⁶

Capítulo VIII

Razão contra Loucura

O leitor já compreendeu que era a Razão que voltava à casa, e convidava a Loucura a sair, clamando, e fazendo jus, as palavras de Tartufo: *La maison est à moi, c'est à vous d'en sortir*¹⁷.

Mas é mania antiga da Loucura criar amor nas vidas alheias, de modo que, apenas senhora de uma, dificilmente a colocarão para fora. É mania; não se tira daí; faz tempo que a vergonha lhe calejou. Agora, se percebermos o imenso número de casas que ocupa, umas de vez, outras durante as suas estações mais calmas, concluiremos que esta amável peregrina é o terror dos proprietários. No nosso caso, houve quase um distúrbio à porta do meu cérebro, porque a dita-cuja não queria entregar a casa, e a dona não cedia da intenção de tomar o que era seu. Afinal, já a Loucura se contentava com um cantinho no sótão.

— Não, senhora, replicou a Razão, estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experiente, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto.

— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou para resolver um mistério...

— Que mistério?

— São dois, disse a Loucura; o da vida e o da morte; **peço-lhe** só uns dez minutos.

A Razão começou a rir.

¹⁶ Machado consegue, brilhantemente, converter o delírio à realidade. De olhar para o hipopótamo, o animal foi se transformando num gato, em seu gato real que estava ali na sala. O delírio de Brás Cubas revelou a ele que a vida é passageira e que não há nada de novo na existência. Tudo passa. Essa é uma visão pessimista da vida que Machado de Assis acaba por descrever no delírio de Brás Cubas.

¹⁷: Em tradução livre: A casa é minha, é você quem tem que sair.

— Você é sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa.

E, dizendo isto, segurou seus braços e a arrastou para fora; depois entrou e se fechou. A Loucura ainda gemeu algumas súplicas, grunhiu algumas palavras zangadas; mas desenganou-se depressa, cansou, em ar de vencida, e foi andando...

Capítulo IX

Transição

E vejam agora com que habilidade, com que arte eu faço a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou na presença de Virgília; Virgília foi o meu pequeno pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram? Nenhuma juntura aparente, nada que divirta a atenção pausada do leitor: nada. De modo que o livro fica assim com todas as vantagens do método, sem a rigidez da regra. Na verdade, era tempo. Que isto de regra, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-la sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não percebe e não se preocupa. É como a **eloquência**, que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e mágica, e outra brigona, engomada e murcha. Vamos ao dia 20 de outubro.¹⁸

Capítulo X

Naquele dia

Naquele dia, a árvore dos Cubas brotou uma graciosa flor¹⁹. Nasci; a Pascoela me recebeu nos braços, notável parteira, que se gabava de ter aberto a porta do mundo a uma geração inteira

¹⁸ Neste fragmento, o narrador descreve como o livro e sua narrativa devem ser. Fazendo referência à transição das narrativas de morte para nascimento, ele sugere que a simplicidade e a objetividade são tudo na escrita.

¹⁹ A poeticidade do texto é forte com a metáfora do nascimento.

de nobres. Não é impossível que meu pai ouvisse tal declaração dela; creio, todavia, que o sentimento paterno é que o induziu a gratificá-la generosamente. Lavado e enfaixado, fui desde logo o herói da nossa casa. Cada um dizia a meu respeito o que mais lhe agradava. Meu tio João, o antigo oficial de infantaria, acreditava que eu tinha um certo olhar de Bonaparte, coisa que meu pai não pôde ouvir sem náuseas; meu tio Ildefonso, então simples padre, dizia que eu seria um cônego.

— Cônego é o que ele há de ser, e não digo mais por não parecer orgulho; mas não me admiraria nada se Deus o destinasse a ser um bispo... É verdade, um bispo; não é coisa impossível. O que você acha, mano Bento?

Meu pai respondia a todos que eu seria o que Deus quisesse; e me levantava ao ar, como se quisesse me mostrar à cidade e ao mundo; perguntava a todos se eu me parecia com ele, se era inteligente, bonito...

Digo essas coisas por alto, segundo o que ouvi narrar anos depois; ignoro parte dos pormenores daquele dia famoso. Sei que a vizinhança veio ou mandou cumprimentar o recém-nascido, e que durante as primeiras semanas foram muitas as visitas em nossa casa. Não houve cadeirinha que não trabalhasse; foi feita muita roupa. Se não conto os mimos, os beijos, as admirações, as bênçãos, é porque, se os contasse, não acabaria mais o capítulo, e é preciso acabá-lo.

Não posso dizer nada do meu batizado, porque nada me disseram sobre ele, a não ser que foi uma das mais felizes festas do ano seguinte, 1806; batizei-me na Igreja de São Domingos, uma terça-feira de março, dia claro, luminoso e puro, sendo padrinhos o coronel Rodrigues de Matos e sua esposa. Um e outro descendiam de famílias antigas do norte e honravam muito o sangue que lhes corria nas veias, que havia sido derramado na guerra contra a Holanda. Os nomes de ambos foram das primeiras coisas que aprendi; e certamente os dizia com muita graça, ou revelava algum talento precoce, porque não havia pessoa estranha diante de quem não me obrigassem a recitá-los.

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho.

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor Coronel Paulo Vaz Lobo César de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos; minha madrinha é a Excelentíssima Senhora Dona Maria Luísa de Macedo Resende e Sousa Rodrigues de Matos.

— É muito esperto o seu menino! exclamavam os ouvintes.

— Muito esperto, concordava meu pai; e os olhos brilhavam de orgulho, e ele abria a mão sobre a minha cabeça, **olhava-me** longo tempo, namorado, cheio de si.

Comecei a andar não sei bem quando, mas antes do tempo. Talvez por apressar a natureza, obrigavam-me cedo a agarrar às cadeiras, pegavam-me da fralda, davam-me carrinhos de pau.

— Só só, nhonhô, só só, dizia-me a empregada. E eu, atraído pelo chocalho de lata, que minha mãe agitava diante de mim, lá ia para a frente, cai aqui, cai ali; e andava, provavelmente mal, mas andava, e fiquei andando.

Capítulo XI

O menino é pai do homem

Cresci; e nisso é que a família não se meteu; cresci naturalmente, como crescem as flores e os gatos. Talvez os gatos são menos sabidos, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns aspectos do menino.

Desde os cinco anos eu merecia o nome de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, ágil, indiscreto, traquino e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque havia me negado uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com a maldade, coloquei um pouco de cinza na panela, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que havia estragado o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; colocava as mãos no chão, recebia um cordão nos queixos, como um freio, eu subia em suas costas, com uma varinha na mão, batia nele,

dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia — algumas vezes gemendo —, mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu dizia: — “Cala a boca, besta!”. — Esconder os chapéus das visitas, colocar rabos de papel em pessoas importantes, puxar o cabelo, dar beliscões nos braços das mulheres, e outras muitas façanhas deste tipo, eram mostras de um gênio indomável, mas devo crer que eram também expressões de um espírito forte, porque meu pai tinha grande admiração; e, se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder os chapéus; mas cheio de opinião, egoísta e algo desprezível dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder os chapéus deles, alguma vez puxei o cabelo deles.

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, procurei diminuí-la, explicá-la, classificá-la por partes, entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas levando em consideração as circunstâncias e os lugares. Minha mãe me doutrinava de seu jeito, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que as orações, os nervos e o sangue me governavam, e a boa conduta perdia o espírito, que a faz viver, para se tomar uma fórmula inútil. De manhã, antes do café, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: Ah! Danado! Ah! Danado!

Sim, meu pai me adorava. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, muito crédula, sinceramente piedosa — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; tinha medo das trovoadas e do marido. O marido era na terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta e, em partes, negativa. Meu tio cônego fazia às vezes alguns reparos ao irmão; dizia-lhe que ele me dava

mais liberdade do que ensino e mais afeição do que regras; mas meu pai respondia que aplicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado; e, por este modo, sem confundir o irmão, iludia-se a si próprio.

Além da transmissão e da educação, houve ainda o exemplo estranho, o meio doméstico. Vimos os pais; vejamos os tios. Um deles, o João, era um homem de língua solta, vida boêmia, conversa aventureira. Desde os onze anos me contava piadas reais ou não, todas cheias de obscenidade ou imundície. Não respeitava a minha adolescência, como não respeitava a batina do irmão; com a diferença que este fugia logo que ele enveredava por assunto escabroso. Eu não; deixava-me estar, sem entender nada, a princípio, depois entendendo e enfim achando graça. No fim de certo tempo, quem procurava era eu; e ele gostava muito de mim, dava-me doces, levava-me para passear. Em casa, quando lá ia passar alguns dias, não poucas vezes me aconteceu achá-lo, no fundo da chácara, no lavadouro, conversando com as empregadas que batiam roupa; aí é que era um desfiar de piadas, de ditos, de perguntas, e um estalar de risadas, que ninguém podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa. As pretas, com uma tanga no ventre, a levantar um palmo dos vestidos, umas dentro do tanque, outras fora, inclinadas sobre as peças de roupa, a batê-las, a ensaboá-las, a torcê-las, iam ouvindo e respondendo às piadas do tio João, e a **comentá-las** de quando em quando com esta palavra:

— Cruz, diabo!... Este sinhô João é o diabo!

O tio cônego era bem diferente. Esse tinha muita seriedade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era homem que visse a parte substancial da Igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as batinas, as maneiras. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma falha no ritual o atormentava mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia compreender facilmente sobre um trecho de Tertuliano, ou expor, sem vacilar, a história do símbolo de **Niceia**; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se

deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as inculcar, de as impor aos outros.

Não digo nada de minha tia materna, Dona Emerenciana, e aliás era a pessoa que mais autoridade tinha sobre mim; essa se diferenciava grandemente dos outros; mas viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos. Outros parentes e alguns íntimos não merecem a pena de ser citados; não tivemos uma vida comum, mas pouco **frequente**, com grandes claros de separação. O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada — vulgaridade de personagens, amor das aparências, das confusões, falta de vontade, domínio do capricho e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.

Capítulo XII

Um episódio de 1814

Mas eu não quero passar adiante sem contar sumariamente um episódio interessante de 1814; tinha nove anos.

Napoleão, quando eu nasci, já estava em todo o esplendor da glória e do poder; era imperador e tinha conseguido inteiramente a admiração dos homens. Meu pai, que à força de persuadir os outros da nossa nobreza havia acabado persuadindo-se a si próprio, nutria contra ele um ódio puramente mental. Era isso motivo de algumas contendas em nossa casa, porque meu tio João, não sei se por espírito de classe e simpatia de ofício, perdoava no ditador o que admirava no general; meu tio padre era inflexível, os outros parentes dividiam-se; daí as controvérsias e as rusgas.

Quando a notícia da primeira queda de Napoleão chegou ao Rio de Janeiro, houve naturalmente grande abalo em nossa casa, mas nada a mais. Os vencidos, testemunhas do festejo público, julgaram mais prudente o silêncio; alguns foram além e bateram palmas. A população, cordialmente alegre, não negou



demonstrações de afeto à real família; houve iluminações, salvas, Te Deum²⁰, cortejo e aclamações. Apareci nesses dias com uma espada nova, que meu padrinho me deu no dia de Santo Antônio; e, francamente, interessava-me mais a espada do que a queda de Bonaparte. Nunca me esqueci desse fenômeno. Nunca mais deixei de pensar comigo que a nossa espada é sempre maior do que a espada de Napoleão. E notem que eu ouvi muito discurso, quando era vivo, li muita página de grandes ideias e maiores palavras, mas não sei por que, no fundo dos aplausos que me arrancavam da boca, lá ecoava alguma vez este conceito de experimentado:

— Vai embora, você só cuida do espadim.

A minha família não se contentou em ter uma participação anônima no festejo público; entendeu que era oportuno e indispensável celebrar a destituição do imperador com um jantar, e tal jantar que o ruído das aclamações chegasse aos ouvidos de Sua Alteza, ou, quando menos, de seus ministros. Dito e feito. Veio abaixo toda a velha prataria, herdada do meu avô Luís Cubas; vieram as toalhas de Flandres, as grandes jarras da Índia; matou-se um frango capão; encomendaram-se às madres da Ajuda os doces e marmeladas; lavaram-se, arearam-se, poliram-se as salas, escadas, castiçais, arandelas, as vastas mangas de vidro, todos os aparelhos do clássico luxo.

Dada a hora, estava reunida uma sociedade selecionada, o juiz de fora, três ou quatro oficiais militares, alguns comerciantes e letrados, vários funcionários da administração, uns com suas mulheres e filhas, outros sem elas, mas todos comungando no desejo de atolar a memória de Bonaparte no papo de um peru. Não era um jantar, mas um *Te-Deum*, foi o que pouco mais ou menos disse um dos letrados presentes, o Doutor Vilaça, de discurso distinto, que acrescentou aos pratos de casa as iguarias das musas. Lembro-me, como se fosse ontem, lembro-me de o ver se levantar, com a sua longa cabeleira, casaco de seda, uma esmeralda no dedo, pedir a meu tio padre que lhe repetisse o mote, e, repetido o mote, cravar os olhos na testa de uma senhora, depois tossir, levantar a mão direita, toda fechada, menos

²⁰ É um hino da liturgia cristã.

o dedo indicador, que apontava para o teto; e, assim posto e composto, devolver o mote. Não fez uma rima, mas três; depois jurou aos seus deuses não acabar mais. Pedia um mote, davam a ele, ele transformava em rima prontamente, e logo pedia outro e mais outro; a tal ponto que uma das senhoras presentes não pôde calar a sua grande admiração.

— A senhora diz isso, respondia modestamente o Vilaça, porque nunca ouviu o Bocage, como eu ouvi, no fim do século, em Lisboa. Aquilo sim! Que facilidade! E que versos! Tivemos lutas de uma e duas horas, no botequim do Nicola, a rimarmos, no meio de palmas e bravos. Imenso talento o do Bocage! Era o que me dizia, há dias, a Senhora Duquesa de Cadaval...

E estas três últimas palavras, expressas com muita ênfase, produziram em toda a **assembleia** um sentimento de admiração e espanto. Pois esse homem tão dado, tão simples, além de lutar com poetas, conversava com duquesas! Um Bocage e uma Cadaval! A partir do contato com tal homem, as mulheres se sentiam superfinas; os homens olhavam com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade. Ele, entretanto, ia adiante, a acumular adjetivo sobre adjetivo, advérbio sobre advérbio, a criar todas as rimas de tirano e de usurpador. Era à sobremesa; ninguém já pensava em comer. No intervalo das rimas, corria um burburinho alegre, uma conversa de estômagos satisfeitos; os olhos moles e úmidos, ou vivos e quentes, espreguiçavam-se ou saltavam de uma ponta à outra da mesa, cheia de doces e frutas, aqui o abacaxi em fatias, ali o melão em talhadas, os potes de cristal deixando ver o doce de coco, finamente ralado, amarelo como uma gema — ou então o melado escuro e grosso, não longe do queijo e do cará. De quando em quando um riso jovem, grande, desabotoado, um riso de família, vinha quebrar a seriedade política do banquete. No meio do interesse grande e comum, agitavam-se também os pequenos e particulares. As moças falavam das modinhas que haviam de cantar, e da dança e do solo inglês; nem faltavam senhoras que promettessem dançar, só para mostrar como eram nos seus bons tempos de criança. Um sujeito, ao pé de mim, dava a outro notícia recente dos escravos novos, que

estavam a vir, segundo cartas que havia recebido de Luanda, uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que... Trazia-as justamente na bolsa, mas não as podia ler naquela ocasião. O que garantia é que podíamos contar, só nessa viagem, uns cento e vinte negros, pelo menos.

— Trás... trás... trás... fazia o Vilaça batendo com as mãos uma na outra. O barulho parava de súbito, como uma finalização de orquestra, e todos os olhos se voltavam para o rimador. Quem ficava longe colocava a mão atrás da orelha para não perder palavra; a principal parte, antes mesmo da rima, tinha já um meio riso de aplauso, trivial e belo.

Quanto a mim, lá estava, solitário e esquecido, a me divertir com um doce de meu gosto. No fim de cada rima ficava muito contente, esperando que fosse a última, mas não era, e a sobremesa continuava intacta. Ninguém se lembrava de dar a primeira voz. Meu pai, à cabeceira, saboreava a goles extensos a alegria dos convidados, mirava-se todo nas faces alegres, nos pratos, nas flores; deliciava-se com a familiaridade existente entre os mais distantes espíritos, resultado de um bom jantar. Eu via isso porque arrastava os olhos da sobremesa para ele e dele para a sobremesa, como a pedir que me servisse; mas fazia isso em vão. Ele não via nada; via a si mesmo. E as rimas sucediam-se, como gotas d'água, obrigando-me a recolher o desejo e o pedido. Fui paciente o quanto pude; e não pude muito. Pedi em voz baixa o doce; enfim, bradei, berrei, bati com os pés. Meu pai, que seria capaz de me dar o sol, se eu exigisse, chamou um escravo para me servir o doce; mas era tarde. A tia Emericiana havia me arrancado da cadeira e me entregado a uma escrava, independentemente de meus gritos e recusas.

Não foi outro o crime do rimador: atrasou a sobremesa e foi a causa de minha exclusão. Tanto bastou para que eu pensasse em uma vingança, qualquer que fosse, mas grande e exemplar, coisa que de alguma maneira o tornasse ridículo. Que ele era um homem importante, o Doutor Vilaça, medido e lento, quarenta e sete anos, casado e pai. Não me contentava

o rabo de papel nem o rabo de cavalo; havia de ser coisa pior. Entrei a espreitá-lo, durante o resto da tarde, a segui-lo, na chácara onde todos desceram a passear. Vi-o conversando com Dona Eusébia, irmã do sargento-mor Domingues, uma robusta senhora que, se não era bonita, também não era feia.

— Estou muito zangada com o senhor, dizia ela.

— Por quê?

— Porque... não sei por quê... porque é o meu destino... creio às vezes que é melhor morrer...

Tinham entrado numa pequena mata; era fim do dia; eu os segui. O Vilaça levava nos olhos umas chispas de vinho e de sensualidade.

— Deixe-me, disse ela.

— Ninguém está nos vendo. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias, de paixão, de saudades...

Dona Eusébia levou o lenço aos olhos. O poeta vasculhava na memória algum texto literário e achou este, que mais tarde verifiquei ser de uma das óperas do Judeu:

— Não chore, meu bem; não queira que o dia amanheça com duas auroras.

Disse isto; puxou a mulher para si; ela resistiu um pouco, mas deixou-se ir; uniram os rostos, e eu ouvi estalar, muito de leve, um beijo, o mais medroso dos beijos.

— O Doutor Vilaça deu um beijo em Dona Eusébia! gritei eu correndo pela chácara.

Foi um escândalo esta minha palavra; o espanto imobilizou a todos; os olhos espalhavam-se a uma e outra banda; trocavam-se sorrisos, segredos, disfarçadamente, as mãos arrastavam as filhas, colocando a culpa no sereno. Meu pai puxou as minhas orelhas, disfarçadamente, irritado com a indiscrição; mas, no dia seguinte, ao almoço, lembrando o caso, sacudiu meu nariz, a rir: Ah! danado! ah! danado!

Capítulo XIII

Um pulo

Unamos agora os pés e demos um pulo por cima da escola, a cansativa escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cascudos, levar e ir fazer traquinices, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a desocupados.

Tinha amarguras esse tempo; tinha os carões, os castigos, as lições árduas e longas, e pouco mais, muito pouco e muito leve. Só era pesada a palmatória, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias infantis, você que foi o instrumento²¹ com que um velho mestre, magro e calvo, me colocou no cérebro o alfabeto, a leitura, a sintaxe e o mais que ele sabia, santa palmatória, tão xingada pelos modernos, quem me dera ter ficado sob o seu jugo, com a minha alma juvenil, as minhas ignorâncias e a minha espada, aquela espada de 1814, tão superior à espada de Napoleão! Que querias você, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição de cor e compostura na aula; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é a mestra das últimas letras; com a diferença que você, se me metia medo, nunca me meteu raiva. Vejo-o ainda agora entrar na sala, com as suas chinelas de couro branco, capa, lenço na mão, careca à mostra, barba raspada; vejo-o sentar, respirar, resmungar, absorver uma pitada inicial, e nos chamar depois para a lição. E fez isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da Rua do Piolho, sem cansar o mundo com a sua mediocridade, até que um dia deu o grande mergulho nas trevas, e ninguém chorou, a não ser um preto velho — ninguém, nem eu, que devo a você os princípios da escrita.

Chamava-se Ludgero o mestre; quero escrever seu nome todo nesta página: Ludgero Barata — um nome mortal, que servia aos meninos de eterno mote a piadas. Um de nós, o Quincas Borba, esse então era cruel com o pobre homem. Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar nos bolsos

²¹ A expressão no original foi “compelle intrare”, que significa “obrigar a entrar”.

das calças — umas calças grandes —, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. Se ele a encontrava ainda nas horas da aula, dava um pulo, circulava os olhos chamejantes, dizia-nos os últimos nomes: éramos sevandijas, capadócius, malcriados, moleques. Uns tremiam, outros rosnavam; o Quincas Borba, porém, deixava-se estar quieto, com os olhos espetados no ar.

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, criativo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e o apresentava mimado, tomado banho, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente bagunçar, à toa, como dois rebeldes sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. Além disso, nos nossos jogos infantis, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha elegância o menino traquino, e seriedade, certa magnificência nas atitudes, nos jeitos. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os fatos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política e do meu primeiro cativo pessoal.

Capítulo XIV

Primeiro beijo

Tinha dezessete anos; já forçava o aparecimento de algo que eu chamava de bigode. Os olhos, vivos e resolutos, eram a minha feição verdadeiramente máscula. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se era uma criança com fumos de homem, se um homem com ares de menino. Por fim, era um lindo jovem, lindo e audacioso, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, firme, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar

com eles nas ruas do nosso século²². O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de larvas e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros.

Sim, eu era esse jovem bonito, airoso, rico; e facilmente se imagina que mais de uma moça inclinou diante de mim pensativa, ou levantou para mim os olhos desejosos. De todas, porém, a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se digo; este livro é puro, ao menos na intenção; na intenção é puríssimo. Mas que seja; ou se há de dizer tudo ou nada. A que me cativou foi uma dama espanhola. Marcela, a “linda Marcela”, como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes. Era filha de um hortelão das Astúrias; disse-me ela mesma, num dia de sinceridade, porque a opinião aceita é que havia nascido de um estudioso de Madri, vítima da invasão francesa, ferido, encarcerado, espingardeado, quando ela tinha apenas doze anos. *Cosas de España*. Quem quer que fosse, porém, o pai, letrado ou lavrador, a verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, feliz, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela dureza do tempo, que não permitia arrastar pelas ruas os seus desastres e confusões; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. Naquele ano, ela morria de amores por um certo Xavier, sujeito abastado e tuberculoso — uma pérola.

Via Marcela, pela primeira vez, no Rossio Grande, na noite das luminárias, logo que constou a declaração da independência, uma festa de primavera, um amanhecer da alma pública. Éramos dois rapazes, o povo e eu; vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude. Via Marcela sair de uma cadeirinha, gentil e vistosa, um corpo magro, cheio de curvas, independente, alguma coisa que nunca havia achado nas mulheres puras. — Segue-me, disse ela ao pajem. E eu a segui, tão pajem como o outro, como se a ordem me fosse dada, deixei-me ir enfeitado, vibrante, cheio das primeiras auroras. A meio caminho, chamaram-lhe

²² É possível perceber aqui a relação que o narrador personagem estabelece entre as duas visões estéticas: a romântica e a realista. Ao final do parágrafo, a visão realista se apresenta.

“linda Marcela”, lembrou-me que havia ouvido tal nome de meu tio João e fiquei, confesso que fiquei tonto.

Três dias depois meu tio perguntou-me, em segredo, se queria ir a um jantar de moças, nos Cajueiros. Fomos; era na casa de Marcela. O Xavier, com toda a sua tuberculose, presidia ao banquete noturno, em que eu pouco ou nada comi, porque só tinha olhos para a dona da casa. Que gentil que estava a espanhola! Havia mais uma meia dúzia de mulheres — todas de partido —, e bonitas, cheias de graça, mas a espanhola... O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, impulsivo, tudo isso me levou a fazer uma coisa única; à saída, à porta da rua, disse a meu tio que esperasse um instante e tornei a subir as escadas.

— Esqueceu alguma coisa? perguntou Marcela de pé, no patamar.

— O lenço.

Ela ia abrir caminho para voltar à sala; eu segurei-lhe nas mãos, puxei-a para mim e dei-lhe um beijo. Não sei se ela disse alguma coisa, se gritou, se chamou alguém; não sei nada; sei que descii outra vez as escadas, veloz como um tufão e incerto como um bêbado.

Capítulo XV

Marcela

Gastei trinta dias para ir do Rossio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. Que, em verdade, há dois meios de conquistar a vontade das mulheres: o violento, como o touro da Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Dânae, três inventos do deus Zeus, que, por estarem fora da moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno. Não falarei dos planos que tracei, nem as alternativas de confiança e temor, nem as esperas inúteis, nem nenhuma outra dessas coisas preliminares. Afirmo-lhes que o asno foi digno do corcel — um asno de Sancho²³, bem filósofo, que me levou à casa dela, no fim do citado período; descii dele, bati na

²³ Referência ao texto de Dom Quixote. Assim, Brás Cubas, o narrador, mostra a formação cultural.

traseira e o mandei pastar.

Primeira comoção da minha juventude, que doce que me foi! Tal devia ser, na criação bíblica, o efeito do primeiro sol. Imagine você esse efeito do primeiro sol, a bater de frente na face de um mundo em flor. Pois foi a mesma coisa, leitor amigo, e, se alguma vez contou dezoito anos, deve lembrar-se que foi assim mesmo.

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não sou bom; teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma; mas, quando a certeza não pôde resistir à evidência, o Xavier depôs as medalhas, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu universo; mas, ai triste! não era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei a bondade de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as bondades, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe e a induzi a desviar alguma coisa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; passei a fazer uso da herança de meu pai, a assinar dívidas, que devia resgatar um dia com honra.

Em verdade, dizia-me Marcela, quando eu lhe levava alguma seda, alguma **joia**; em verdade, você quer brigar comigo... Pois isto é coisa que se faça... um presente tão caro...

E, se era **joia**, dizia isto a contemplá-la entre os dedos, a procurar melhor luz, a usá-la em si, e a rir, e a me beijar com uma repetição impetuosa e sincera; mas, protestando, saía a felicidade dos olhos, e eu me sentia feliz em vê-la assim. Gostava muito das nossas antigas moedas de ouro, e eu levava para ela quantas podia obter; Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava; escondia-a por medo dos escravos. A casa em que morava, nos Cajueiros, era própria. Eram sólidos e bons os móveis, de jacarandá lavrado, e todos os demais enfeites, espelhos, jarras, travessas — uma linda travessa da Índia, que lhe doara

um desembargador. Travessa do diabo, deu-me grandes sacudidas nos nervos. Disse isso muitas vezes à própria dona; não lhe escondi o tédio que me faziam esses e outros presentes dos seus amores antigos. Ela me ouvia e ria, com expressão feliz, feliz e outra coisa, que eu nesse tempo não entendia bem, mas agora, relembando o caso, penso que era um riso misto, como devia ter a criatura que nascesse, por exemplo, de uma bruxa de Shakespeare com um serafim de Klopstock.²⁴ Não sei se me explico. E, porque tinha notícia dos meus cuidados tardios, parece que gostava de os provocar mais. Assim foi que um dia, como eu não pudesse lhe dar certo colar, que ela vira num loja, disse-me que era um simples mimo, que o nosso amor não precisava de estímulo tão vulgar.

— Não lhe **perdo**, se você fizer de mim essa triste **ideia**, concluiu ameaçando-me com o dedo.

E logo, súbita como um passarinho, abriu as mãos, segurou com elas o meu rosto, puxou-me para si e fez um afago gracioso, um mimo de criança. Depois, reclinada na marquesa, continuou a falar daquilo, com simplicidade e franqueza. Jamais permitiria que lhe comprassem os afetos. Vendera muita vez as aparências, mas a realidade, guardava-a para poucos. Duarte, por exemplo, o alferes Duarte, que ela amara muito, dois anos antes, só com muita insistência conseguia dar-lhe alguma coisa de valor, como acontecia comigo; ela só lhe aceitava sem relutância os mimos de preço barato, como a cruz de ouro, que lhe deu, uma vez, de festas.²⁵

— Esta cruz...

Dizia isto, colocando a mão no peito e tirando uma cruz fina, de ouro, presa a uma fita azul e pendurada ao colo.

— Mas essa cruz, observei eu, não me dissesse que era seu pai que...

Marcela abanou a cabeça com um ar de desculpas:

— Não percebeste que era mentira, que eu dizia isso para não molestar você? Vem cá, querido, não sejas assim descon-

²⁴ Notamos a duplicidade de sentido que há na fala de Brás Cubas. Machado sempre fazia muito bom uso das **ambiguidades**.

²⁵ A ironia de Machado de Assis está presente nas palavras descritivas sobre o caráter de Marcela.

fiado comigo... Amei a outro; que importa, se acabou? Um dia, quando nos separarmos...

— Não diga isso! Gritei eu.

— Tudo acaba! Um dia...

Não pôde acabar; um soluço cortou sua voz; estendeu as mãos, pegou as minhas, encostou-me ao seio e sussurrou-me baixo ao ouvido: — Nunca, nunca, meu amor! Eu agradei com os olhos úmidos. No dia seguinte levei para ela o colar que havia recusado.

— Para lembrar de mim, quando nos separarmos, disse eu.

Marcela teve primeiro um silêncio indignado, depois fez um gesto magnífico: tentou atirar o colar à rua. Eu segurei seu braço; pedi-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a **joia**. Sorriu e ficou.

Entretanto, me retribuía muito os sacrifícios; espreitava os meus mais escondidos pensamentos; não havia desejo a que não atendesse com a alma, sem esforço, por uma espécie de lei da consciência e necessidade do coração. Nunca o desejo era razoável, mas um capricho puro, uma criancice, vê-la vestir de certo modo, com tais e tais enfeites, este vestido e não aquele, ir a passeio ou outra coisa assim, e ela cedia a tudo, risonha e faladora.

— Você é das Arábias, dizia-me.

E ia pôr o vestido, a renda, os brincos, com uma obediência de encantar.

Capítulo XVI

Uma reflexão imoral

Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Acredito haver dito, no capítulo 14, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros desse mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos enfeites e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. Esta é a reflexão imoral que eu pretendia fazer, a qual é ainda mais obscura do que imoral, porque não

se entende bem o que eu quero dizer. O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a vestir com um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me...

Capítulo XVII

Do trapézio e outras coisas

...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, tomou um grande susto; achou que o caso excedia de um capricho juvenil.

— Desta vez, disse ele, vai para a Europa; vai cursar uma universidade, provavelmente Coimbra; quero você para homem sério e não para bagunceiro e esperto. E como eu fizesse um gesto de espanto: — Esperto, sim, senhor; não é outra coisa um filho que me faz isto...

Sacou da bolsa as minhas dívidas, já resgatados por ele, e os jogou em minha cara. — Vê, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensa que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pilantra! Desta vez ou toma juízo, ou fica sem coisa nenhuma.

Estava furioso, mas de um furor temperado e curto. Eu o ouvi calado, e nada opus à ordem da viagem, como de outras vezes havia feito; pensava na **ideia** de levar Marcela comigo. Fui ter com ela; expus-lhe a crise e fiz-lhe a proposta. Marcela me ouviu com os olhos no ar, sem responder logo; como insistisse, disse-me que ficava, que não podia ir para a Europa.

— Por que não?

— Não posso, disse ela com ar aflito; não posso ir respirar aqueles ares, enquanto me lembrar de meu pobre pai, morto por Napoleão...

— Qual deles: o hortelão ou o advogado?²⁶

Marcela franziu a testa, cantarolou uma canção, entre

²⁶ Aqui fica clara a ironia construída sobre o caráter de Marcela.

dentes; depois queixou-se do calor, e mandou vir um copo de aluá.²⁷ Trouxe-lhe a empregada, numa bandeja de prata, que fazia parte dos meus onze contos. Marcela ofereceu-me educadamente o refresco; minha resposta foi dar com a mão no copo e na salva; o líquido virou em seu colo, a empregada deu um grito, eu gritei para que fosse embora. Ficando a sós, derramei todo o desespero de meu coração; disse-lhe que ela era um monstro, que jamais me tivera amor, que me deixara descer a tudo, sem ter ao menos a desculpa da sinceridade; chamei-lhe muitos nomes feios, fazendo muitos gestos descompostos. Marcela deixara-se estar sentada, a estalar as unhas nos dentes, fria como um pedaço de mármore. Tive ímpetos de a estrangular; de a humilhar ao menos, subjugando-a a meus pés. Ia talvez fazê-lo; mas a ação trocou-se noutra; fui eu que me atirei aos pés dela, arrependido e suplicante; beijei seus pés, recordei aqueles meses da nossa felicidade solitária, repeti-lhe os nomes queridos de outro tempo, sentado no chão, com a cabeça entre os joelhos dela, apertando-lhe muito as mãos; ofegante, enlouquecido, pedi-lhe com lágrimas que não me desamparasse... Marcela esteve alguns instantes a olhar para mim, calados ambos, até que brandamente me desviou e, com um ar enfatiado:

— Não me aborreça, disse.

Levantou-se, sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou para o quarto. — Não! gritei eu; não entre... não quero... Ia segurá-la: era tarde; ela havia entrado e se fechado.

Saí desorientado; gastei duas mortais horas andando pelos bairros mais estranhos e desertos, onde fosse difícil me encontrar. Ia mastigando o meu desespero, com uma espécie de gula mórbida; lembrava os dias, as horas, os instantes de delírio, e ora me satisfazia em crer que eles eram eternos, que tudo aquilo era um pesadelo, ora, enganando-me a mim mesmo, tentava rejeitá-los de mim, como um fardo inútil. Então resolvia embarcar imediatamente para cortar a minha vida em duas metades, e me deleitava com a **ideia** de que Marcela, sabendo

²⁷ Bebida refrigerante feita com farinha de arroz ou milho e fermentada com açúcar; caldo de cana ou cascas de frutas.



da partida, ficaria cheia de saudades e remorsos. Que ela havia me amado muito, devia sentir alguma coisa, uma lembrança qualquer, como do alferes Duarte... Nisto, o dente do ciúme enterrava-me no coração; e toda a natureza gritava que era preciso levar Marcela comigo.

— Por força... por força... dizia eu ferindo o ar com uma punhada.

Enfim, tive uma **ideia** salvadora... Ah! Mente dos meus pecados, mente das concepções difíceis de serem compreendidas! A **ideia** salvadora trabalhou em minha mente, como a do xarope (capítulo 2). Era nada menos que fasciná-la, fasciná-la muito, deslumbrá-la, arrastá-la; lembrei-me pedir-lhe por um meio mais concreto do que a súplica. Não medi as **consequências**: recorri a um derradeiro empréstimo; fui à Rua dos Ourives, comprei a melhor **joia** da cidade, três diamantes grandes, encastoados num pente de marfim; corri à casa de Marcela.

Marcela estava reclinada numa rede, o gesto mole e cansado, uma das pernas penduradas, a ver-lhe o pezinho calçado de meia de seda, os cabelos soltos, derramados, o olhar quieto e sonolento.

— Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma.

E mostrei-lhe o pente com os diamantes. Marcela teve um leve sobressalto, ergueu metade do corpo, e, apoiada num cotovelo, olhou para o pente durante alguns instantes curtos; depois retirou os olhos; tinha-se dominado. Então, eu lancei-lhe as mãos aos cabelos, segurei-os, arrumei-os, improvisei um penteado, sem nenhum jeito, e o preendi com o pente de diamantes; recuei, tornei a aproximar-me, corrigi-lhe os cachos, abaixei-os de um lado, busquei alguma simetria naquela desordem, tudo com uma minuciosidade e um carinho de mãe.

— Pronto, disse eu.

— Doido! Foi a sua primeira resposta.

A segunda foi puxar-me para si e pagar-me o sacrifício com um beijo, o mais ardente de todos.

Depois tirou o pente, admirou muito a matéria e a forma, olhando aos poucos para mim e abanando a cabeça, com um

ar de repreensão:

— Ora você! dizia.

— Vens comigo?

Marcela refletiu um instante. Não gostei da expressão com que passeava os olhos de mim para a parede, e da parede para a **joia**; mas toda a má impressão se foi, quando ela me respondeu resolutamente:

— Vou. Quando embarcas?

— Daqui a dois ou três dias.

— Vou.

Agradei-lhe de joelhos. Tinha achado a minha Marcela dos primeiros dias e disse-lhe; ela sorriu e foi guardar a **joia**, enquanto eu descia a escada.

Capítulo XVIII

Visão do corredor

No fim da escada, ao fundo do corredor escuro, parei alguns instantes para respirar, apalpar-me, reunir as **ideias** dispersas, me organizar enfim no meio de tantas sensações profundas e contrárias. Achava-me feliz. Certo é que os diamantes corrompem um pouco a felicidade; mas não é menos certo que uma mulher bonita pode muito bem amar os gregos e os seus presentes. E depois eu confiava na minha boa Marcela; podia ter defeitos, mas amava-me...

— Um anjo! Murmurei eu olhando para o teto do corredor.

E aí, como um desdém, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, o qual vinha de cima de um nariz, que era ao mesmo tempo o nariz de Bakbarah e o meu. Pobre namorado das *Mil e Uma Noites!* Vi-te ali mesmo correr atrás da mulher do homem, ao longo da galeria, ela a acenar com a posse, e tu a correr, a correr, a correr, até a alameda comprida, de onde saíste à rua, onde todos os correeiros te vaiaram e espancaram. Então **pareceu-me** que o corredor de Marcela era a alameda, e que a rua era a de Bagdá. Com efeito, olhando para a porta, vi na calçada três dos correeiros, um de batina, outro de capa, outro à paisana,

os quais todos três entraram no corredor, tomaram-me pelos braços, meteram-me num carro, meu pai à direita, meu tio cônego à esquerda, o da capa na frente, e lá me levaram à casa do intendente de polícia, de onde fui transportado a um navio que devia seguir para Lisboa. Imaginem se resisti; mas toda a resistência era inútil.

Três dias depois segui barra fora, abatido e mudo. Não chorava sequer, tinha uma **ideia** fixa... Malditas **ideias** fixas! A dessa ocasião era dar um mergulho no oceano, repetindo o nome de Marcela.

Capítulo XIX

A bordo

Éramos onze passageiros, um homem doido, acompanhado pela mulher, dois rapazes que iam a passeio, quatro comerciantes e dois empregados. Meu pai recomendou-me a todos, começando pelo capitão do navio, que aliás tinha muito que cuidar de si, porque, além do mais, levava a mulher tuberculosa em último grau.

Não sei se o capitão suspeitou alguma coisa do meu projeto de morte, ou se meu pai o pôs de sobreaviso; sei que não tirava os olhos de cima de mim; chamava-me para toda a parte. Quando não podia estar comigo, levava-me para a mulher. A mulher ia quase sempre numa cama rasa, a tossir muito e a garantir que me havia de mostrar os arredores de Lisboa. Não estava magra, estava transparente; era impossível que não morresse de uma hora para outra. O capitão fingia não crer na morte próxima, talvez por enganar-se a si mesmo. Eu não sabia nem pensava nada. Que importava a mim o destino de uma mulher tuberculosa, no meio do oceano? O mundo para mim era Marcela.

Uma noite, logo no fim de uma semana, achei oportunidade propícia para morrer. Subi cauteloso, mas encontrei o capitão, que, junto à proteção, tinha os olhos fitos no horizonte.

— Algum temporal? Disse eu.

— Não, respondeu ele estremecendo; não; admiro o es-

plendor da noite. Veja; está celestial!

O estilo desmentia a pessoa, muito rude e aparentemente alheia a falas rebuscadas. Fitei-o; ele pareceu saborear o meu espanto. No fim de alguns segundos, pegou-me na mão e apontou para a lua, perguntando-me por que não fazia uma poesia à noite; respondi-lhe que não era poeta. O capitão rosnou alguma coisa, deu dois passos, meteu a mão no bolso, sacou um pedaço de papel, muito amarrotado; depois, à luz de uma lanterna, leu uma ode horaciana sobre a liberdade da vida marítima. Eram versos dele.

— Que tal?

Não me lembro do que lhe disse; lembro-me de que ele me apertou a mão com muita força e muitos agradecimentos; logo depois recitou-me dois sonetos; ia recitar-me outro, quando o vieram chamar da parte da mulher: — Lá vou, disse ele; e recitou-me o terceiro soneto, com pausa, com amor.

Fiquei só; mas a musa do capitão tinha tirado do espírito os pensamentos maus; preferi dormir, que é modo provisório de morrer. No dia seguinte, acordamos debaixo de um temporal, que meteu medo a toda a gente, menos ao doido; esse entrou a dar pulos, a dizer que a filha o mandava buscar, numa berlinda; a morte de uma filha havia sido a causa da loucura. Não, nunca haverei de esquecer a figura estranha do pobre homem, no meio do tumulto das gentes e dos uivos do furacão, a cantarolar e a bailar, com os olhos a pular da cara, pálido, cabelo arrepiado e longo. Às vezes parava, erguia ao ar as mãos magras, fazia umas cruces com os dedos, depois um xadrez, depois umas argolas, e ria muito, desesperadamente. A mulher não podia já cuidar dele; entregue ao terror da morte, rezava por si mesma a todos os santos do céu. Enfim, a tempestade amainou. Confesso que foi uma diversão excelente à tempestade do meu coração. Eu, que meditava ir ter com a morte, não ousei fitá-la quando ela veio ter comigo.

O capitão perguntou-me se havia tido medo, se havia estado em risco, se não havia achado maravilhoso o espetáculo: tudo isso com um interesse de amigo. Naturalmente a conversa foi sobre a vida do mar; o capitão perguntou-me se não gostava de idílios piscatórios; eu respondi-lhe ingenua-

mente que não sabia o que era.

— Vai ver, respondeu.

E recitou-me um poemazinho, depois outro — uma égloga, e enfim cinco sonetos, com os quais finalizou nesse dia a confiança literária. No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos sérios havia abraçado a profissão marítima, porque a avó queria que ele fosse padre, e com efeito possuía alguns estudos latinos; não chegou a ser padre, mas não deixou de ser poeta, que era a sua vocação natural. Para prová-lo, recitou-me logo, de corpo presente, uma centena de versos. Notei um fenômeno: os gestos que ele usava eram tais, que uma vez me fizeram rir; mas o capitão, quando recitava, de tal sorte olhava para dentro de si mesmo, que não viu nem ouviu nada. Os dias passavam, e as águas, e os versos, e com eles ia também passando a vida da mulher. Estava por pouco. Um dia, logo depois do almoço, disse-me o capitão que a enferma talvez não chegasse ao fim da semana.

— Já! Exclamei.

— Passou muito mal a noite.

Fui vê-la; achei-a, na verdade, quase morta, mas falando ainda de descansar em Lisboa alguns dias, antes de ir comigo a Coimbra, porque era seu propósito levar-me à universidade. Deixei-a consternado; fui achar o marido a olhar para as ondas, que vinham morrer no costado do navio, e tratei de o consolar; ele agradeceu-me, relatou-me a história dos seus amores, elogiou a fidelidade e a dedicação da mulher, lembrou os versos que lhe fez, e os recitou. Neste ponto vieram buscá-lo da parte dela; corremos ambos; era uma crise. Esse e o dia seguinte foram cruéis; o terceiro foi o da morte; eu fugi ao espetáculo, tinha repugnância. Meia hora depois encontrei o capitão, sentado num monte de cabos, com a cabeça nas mãos; disse-lhe alguma coisa de conforto.

— Morreu como uma santa, respondeu ele; e, para que estas palavras não pudessem ser levadas como fraqueza, ergueu-se logo, sacudiu a cabeça e fitou o horizonte, com um gesto longo e profundo.

— Vamos, continuou, entreguemo-la à cova que nunca mais se abre²⁸.

²⁸ Machado dá às palavras do capitão o tom da metáfora da sepultura.

Efetivamente, poucas horas depois, era o cadáver lançado ao mar, com as cerimônias do costume. A tristeza murchara todos os rostos; o do viúvo trazia a expressão de um monte fortemente atingido pelo raio. Grande silêncio. A onda abriu o ventre, acolheu o presente, fechou-se — uma leve ruga —, e a embarcação foi andando. Eu fiquei alguns minutos à popa, com os olhos naquele ponto incerto do mar em que ficava um de nós... Fui dali ter com o capitão, para distraí-lo.

— Obrigado, disse-me ele compreendendo a intenção; creia que nunca me esquecerei dos seus bons serviços. Deus é que há de pagar. Pobre Leocádia! Você se lembrará de nós no céu.

Enxugou com a manga uma lágrima importuna; eu busquei uma ajuda na poesia, que era a paixão dele. Falei-lhe dos versos, que me lera, e ofereci-me para imprimi-los. Os olhos do capitão animaram-se um pouco. — Talvez aceite, disse ele; mas não sei... são bem frouxos versos. Jurei-lhe que não; pedi que os reunisse e me desse antes do desembarque.

— Pobre Leocádia! Murmurou ele sem responder ao pedido. Um cadáver... o mar... o céu... o navio...

No dia seguinte veio ler para mim um poema feito recentemente, em que estavam lembradas as circunstâncias da morte e da sepultura da mulher; leu com a voz comovida demais, e a mão trêmula; no fim, perguntou-me se os versos eram dignos do tesouro que perdera.

— São, disse eu.

— Não haverá nada, ponderou ele, no fim de um instante, mas ninguém me negará sentimento, se não é que o próprio sentimento prejudicou a perfeição...

— Não me parece; acho os versos perfeitos.

— Sim, eu creio que... Versos de marujo.

— De marujo poeta.

Ele levantou os ombros, olhou para o papel e tornou a recitar a composição, mas já então sem tremuras, acentuando as intenções literárias, dando relevo às imagens e melodia aos versos. No fim, confessou-me que era a sua obra mais acabada; eu disse-lhe que sim; ele apertou-me muito a mão e predisse-me um grande futuro.

Capítulo XX

Bacharelo-me

Um grande futuro! Enquanto esta palavra me batia no ouvido, devolvia eu os olhos, ao longe, no horizonte misterioso e vago. Uma **ideia** expelia outra, a ambição desmontava Marcela. Um grande futuro? Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político ou até bispo — bispo que fosse —, uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior. A ambição, dado que fosse águia, quebrou nessa ocasião o ovo e desvendou a pupila vermelha e penetrante. Adeus, amores! Adeus, Marcela! Dias de delírio, **joias** sem preço, vida sem regime, adeus. Aqui me vou às fadigas e à glória; deixo vocês com as calcinhas da primeira idade²⁹.

E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A universidade esperava-me com as suas matérias difíceis; estudei-as muito mediocrementemente e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-me com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades — principalmente de saudades. Eu tinha conquistado em Coimbra uma grande imagem de folião; era um acadêmico leviano, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer enraizada no cérebro, confesso que me achei de algum modo vencedor, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava a liberdade, dava-me a responsabilidade. Guardei-o, deixei as margens do Mondego, e vim por ali fora completamente desconsolado, mas sentindo já uns ímpetos, uma curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver — de prolongar a universidade pela vida adiante...

²⁹ Aqui fica marcada a mudança na maturidade da personagem. Ficar com as calcinhas da primeira idade é o mesmo que entender que as coisas da infância ficaram para trás.

Capítulo XXI

O condutor

Vai então, empacou o jumento em que eu vinha montado; bati nele, ele deu dois coices, depois mais três, enfim mais um, que me jogou fora da sela, e com tal desastre, que o pé esquerdo ficou preso no estribo; tento agarrar-me ao ventre do animal, mas já então, espantado, disparou pela estrada afora. Digo mal: tentou disparar, e deu dois saltos, mas um condutor, que ali estava, acudiu a tempo de lhe pegar na rédea e detê-lo, não sem esforço nem perigo. Dominado o bruto, desvencilhei-me do estribo e me pus de pé.

— Olhe do que você escapou, disse o condutor.

E era verdade; se o jumento corresse por ali afora, me machucaria muito, e não sei se a morte não estaria no fim do desastre; cabeça partida, uma congestão, qualquer transtorno aqui dentro, e lá se ia a ciência em flor. O condutor salvara-me talvez a vida; era positivo; eu o sentia no sangue que me agitava o coração. Bom condutor! Enquanto eu voltava à consciência de mim mesmo, ele cuidava de consertar os arreios do jumento, com muito zelo e arte. Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não porque tal fosse o preço da minha vida — essa era inestimável —, mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que ele me salvou. Está dito, dou-lhe as três moedas.

— Pronto, disse ele, apresentando-me a rédea.

— Já já, respondi; me deixe, que ainda não estou em mim...

— Ora qual!

— E eu não ia morrendo?

— Se o jumento corre por aí afora, é possível; mas, com a ajuda do Senhor, você viu que não aconteceu nada.

Fui aos bolsos, tirei um colete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma. Com efeito, uma moeda era bastante para lhe dar estremeções de alegria. Examinei-lhe a roupa; era um **pobre-diabo**, que nunca jamais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a, via-a reluzir à luz do sol; não a viu o condutor,

porque eu tinha lhe voltado as costas;³⁰ mas suspeitou-o talvez, entrou a falar ao jumento de um modo significativo; dava-lhe conselhos, dizia-lhe que tomasse juízo, que o “senhor doutor” podia castigá-lo; um monólogo paternal. Valha-me, Deus! Até ouvi estalar um beijo: era o condutor que lhe beijava a testa.

— Olé! Exclamei.

— Queira o senhor perdoar, mas o diabo do bicho está olhando para a gente com tanta graça...

Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, cavalguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco apressado, melhor direi um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas, a algumas braças de distância, olhei para trás, o condutor fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vinténs que eu devera ter dado ao almocreve, em lugar do cruzado em prata. Porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício; estava no lugar certo e na hora certa, parecia constituí-lo simples instrumento de Providência; e de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum. Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo, lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; tive (por que não direi tudo?), tive remorsos.³¹

Capítulo XXII

Volta ao Rio

Jumento de uma figa, interrompeu minhas reflexões. Já agora não digo o que pensei dali até Lisboa, nem o que fiz em Lisboa, na península e em outros lugares da Europa, da velha Europa, que nesse tempo parecia remoçar. Não, não direi que assisti às alvoradas do romantismo, que também eu fui fazer

³⁰ Perceba como o autor apresenta o caráter do personagem.

³¹ O caráter da personagem acaba por ser apresentado como alguém desprezível. Diante do feito de ter a vida salva, achou muito pagar com a moeda de prata.

poesia efetiva no colo da Itália; não direi coisa nenhuma. Teria de escrever um diário de viagem e não umas memórias, como estas são, nas quais só entra a substância da vida.

Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às súplicas de meu pai: — Vem, dizia ele na última carta; se não vier depressa, achará tua mãe morta! Esta última palavra foi para mim um golpe. Eu amava minha mãe; tinha ainda diante dos olhos as circunstâncias da última bênção que ela me dera, a bordo do navio. “Meu triste filho, nunca mais te verei”, soluçava a pobre senhora apertando-me ao peito. E essas palavras vinham agora, como uma profecia realizada.

Note-se que eu estava em Veneza, ainda recendente aos versos de Lord Byron; lá estava, mergulhado em pleno sonho, revivendo o passado, crendo-me na Sereníssima República. É verdade; uma vez aconteceu-me perguntar ao locador se o doge ia a passeio nesse dia. — Que doge, *signor mio*? Caí em mim, mas não confessei a ilusão; disse-lhe que a minha pergunta era um tipo de piada americana; ele mostrou compreender e acrescentou que gostava muito das piadas americanas. Era um locador. Pois deixei tudo isso, o locador, o doge, a Ponte dos Suspiros, a gôndola, os versos do Lord, as damas do Rialto, deixei tudo e disparei como uma bala na direção do Rio de Janeiro.

Vim... Mas não; não alonguemos este capítulo. Às vezes, esqueço-me a escrever, e a caneta vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou autor. Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões; e nós não somos um público *in-folio*, mas *in-12*, pouco texto, larga margem, tipo elegante, corte dourado e vinhetas... principalmente vinhetas... Não, não alonguemos o capítulo.³²

Capítulo XXIII

Triste, mas curto

Vim. Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política, era o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mu-

³² Neste momento, Machado apresenta sua crítica severa aos leitores e aos escritores da época.

lher de manta, o preto do ganho, as coisas e cenas da infância, esculpidas na memória. Nada menos que uma renascença. O espírito, como um pássaro, não se deu conta da corrente dos anos, arrepiou o **voo** na direção da fonte original, e foi beber da água fresca e pura, ainda não mesclada do enxurro da vida.³³

Reparando bem, há aí um lugar-comum. Outro **lugar-comum**, tristemente comum, foi a consternação da família. Meu pai abraçou-me com lágrimas. — Tua mãe não pode viver, disse-me ele. Com efeito, não era já o reumatismo que a matava, era uma úlcera no estômago. A infeliz padecia de um modo cru, porque a úlcera é indiferente às virtudes do sujeito; quando rói, rói; roer é o seu ofício. Minha irmã Sabina, já então casada com o Cotrim, andava a cair de cansaço. Pobre moça! dormia três horas por noite, nada mais. O próprio tio João estava abatido e triste. Dona Eusébia e algumas outras senhoras lá estavam também, não menos tristes e não menos dedicadas.

— Meu filho!

A dor suspendeu por um pouco as forças; um sorriso iluminou o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna. Era menos um rosto do que uma caveira: a beleza havia passado, como um dia brilhante; restavam os ossos, que não emagrecem nunca. Mal poderia conhecê-la; havia oito ou nove anos que não nos víamos. Ajoelhado, ao pé da cama, com as mãos dela entre as minhas, fiquei mudo e quieto, sem ousar falar, porque cada palavra seria um soluço, e nós temíamos avisá-la do fim. Vão temor! Ela sabia que estava prestes a acabar; **disse-me**; verificamos isso na manhã seguinte.

Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repetida, que me encheu de dor e espanto. Era a primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de ouvir falar; quando muito a tinha visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério, ou trazia-lhe a **ideia** embrulhada nas amplificações de aulas dos professores de coisas antigas — a morte traiçoeira de César, a séria de Sócrates, a orgulhosa de Catão. Mas esse duelo do ser e do não-ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho

³³ O alto teor poético está expresso nas palavras de Brás Cubas.

político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar. Não chorei; lembro-me que não chorei durante o espetáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta. Quê? Uma criatura tão dócil, tão meiga, tão santa, que nunca jamais havia feito cair uma lágrima de desgosto, mãe carinhosa, esposa imaculada, era necessário que morresse assim, tratada, mordida pelo dente firme de uma doença sem misericórdia? Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano...

Triste capítulo; passemos a outro mais alegre.

Capítulo XXIV

Curto, mas alegre

Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um verdadeiro livro de bobagens e presunções. Jamais o problema da vida e da morte havia oprimido meu cérebro; nunca até esse dia havia me deitado sobre o abismo do Inexplicável; faltava-me o essencial, que é o estímulo, o medo...

Para lhes dizer a verdade toda, eu refletia as opiniões de um cabeleireiro, que achei em Módena, e que se distinguia por não as ter absolutamente. Era a flor dos cabeleireiros; por mais demorada que fosse a operação do penteado, não cansava nunca; ele intercalava as penteadelas com muitas conversas e piadas, cheias de um pico, de um sabor... Não tinha outra filosofia. Nem eu. Não digo que a universidade não tivesse ensinado alguma; mas eu decorei só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim: embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as coisas a fraseologia, a casca, a ornamentação.

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; perceba que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a

não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de enganar os outros, engana-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se a vergonha, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício terrível. Mas, na morte, que diferença! Que desabafo! Que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentejoulas, despregar-se, despintar-se, não se barbear, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há plateia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá e não nos examine e julgue; mas a nós é que não se dá o exame nem o julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.

Capítulo XXV

Na Tijuca

Ui! Lá ia a caneta a escorregar para o principal. Sejamos simples, como era simples a vida que levei na Tijuca, durante as primeiras semanas depois da morte de minha mãe.

No sétimo dia, acabada a missa fúnebre, peguei uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque, — o Prudêncio do capítulo 11 — e fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade. Meu pai forçou essa resolução, mas eu é que não podia nem queria obedecer-lhe. Sabina desejava que eu fosse morar com ela algum tempo — duas semanas, ao menos; meu cunhado esteve a ponto de me levar à força. Era um bom rapaz este Cotrim; havia passado de leviano a cauteloso. Agora comercializava em gêneros de estiva, trabalhava de manhã até a noite, com ardor, com perseverança. De noite, sentado à janela, deixando o tempo passar, não pensava em outra coisa. Amava a mulher e um filho, que então tinha, e que lhe morreu alguns anos depois. Diziam que era avaro.

Renunciei tudo; tinha o espírito assustado. Acredito que por isso é que começoi a aparecer em mim a hipocondria, essa

flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil. “Que bom que é estar triste e não dizer coisa nenhuma!” Quando esta palavra de Shakespeare me chamou a atenção, confesso que senti em mim um eco, um eco delicioso. Lembro-me que estava sentado, debaixo de um tamarineiro, com o livro do poeta aberto nas mãos, e o espírito ainda mais cabisbaixo do que a figura — ou jururu, como dizemos das galinhas tristes. Apertava ao peito a minha dor noturna, com uma sensação única, uma coisa a que poderia chamar sensualidade do aborrecimento. Sensualidade do aborrecimento: decore esta expressão, leitor; guarde-a, examine-a e, se não chegar a entendê-la, pode concluir que ignora uma das sensações mais sutis desse mundo e daquele tempo.

Às vezes caçava, outras dormia, outras lia — lia muito —, outras enfim não fazia nada; deixava-me encher de **ideia** em **ideia**, de imaginação em imaginação, como uma borboleta vadia ou faminta. As horas iam pingando uma a uma, o sol caía, as sombras da noite velavam a montanha e a cidade. Ninguém me visitava; recomendei expressamente que me deixassem só.

Um dia, dois dias, três dias, uma semana inteira passada assim, sem dizer palavra, era bastante para sacudir-me da Tijuca fora e restituir-me ao barulho. Com efeito, ao fim de sete dias, estava farto da solidão; a dor havia diminuído; o espírito já não se contentava com o uso da espingarda e dos livros, nem com a vista do arvoredado e do céu.

A mocidade reagia, era preciso viver. Meti no baú o problema da vida e da morte, os hipocondríacos do poeta, as camisas, as meditações, as gravatas, e ia fechá-lo, quando o moleque Prudêncio me disse que uma pessoa do meu conhecimento havia se mudado na véspera para uma casa roxa, situada a duzentos passos da nossa.

— Quem?

— Nhonhô talvez não se lembre mais de Dona Eusébia...

— Lembro-me... É ela?

— Ela e a filha. Vieram ontem de manhã.

Ocorreu-me logo o episódio de 1814, e senti-me vexado; mas adverti que os acontecimentos tinham-me dado razão. Na verdade, foi impossível evitar as relações íntimas do Vilaça

com a irmã do sargento; antes mesmo do meu embarque, já se falava misteriosamente no nascimento de uma menina. Meu tio João mandou-me dizer depois que o Vilaça, ao morrer, havia deixado um bom legado a Dona Eusébia, coisa que deu muito que falar em todo o bairro. O próprio tio João, guloso de escândalos, não tratou de outro assunto na carta, aliás de muitas folhas. Tinham-me dado razão os acontecimentos. Ainda porém que me não dessem, 1814 lá ia longe, e, com ele, a travessura, e o Vilaça, e o beijo da moita; finalmente, nenhuma relação estreitas existiam entre mim e ela. Fiz comigo essa reflexão e acabei de fechar o baú.

— Nhonhô não vai visitar sinhá Dona Eusébia? **perguntou-me** o Prudêncio. Foi ela quem vestiu o corpo da minha defunta senhora.

Lembrei-me que a vira, entre outras senhoras, por ocasião da morte e do enterro; ignorava porém que ela houvesse prestado a minha mãe esse derradeiro favor. A ponderação do moleque era razoável; eu devia-lhe uma visita; determinei fazê-la imediatamente, e descer.

Capítulo XXVI

O autor hesita

Súbito ouço uma voz: — Olá, meu rapaz, isto não é vida! Era meu pai, que chegava com duas propostas na bolsa. Sentei-me no baú e o recebi sem alvoroço. Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-me a mão com um gesto comovido:

— Meu filho, conforme-se com a vontade de Deus.

— Já me conformei, foi a minha resposta, e beijei a mão dele.

Não tinha almoçado; almoçamos juntos. Nenhum de nós fez referência ao triste motivo da minha reclusão. Uma só vez falamos nisso, de passagem, quando meu pai fez recair a conversa no Governo: foi então que falou da carta de pêsames que um dos Regentes havia lhe mandado. Trazia a carta consigo, já bastante amarrotada, talvez por muitas outras pessoas terem lido. Creio haver dito que era de um dos Regentes. Leu duas vezes.

— Já lhe fui agradecer este sinal de consideração, concluiu meu pai, e acho que você deve ir também...

— Eu?

— Você; é um homem notável, está no lugar do Imperador. Além do mais, trago comigo uma **ideia**, um projeto, ou... sim, vou dizer tudo; trago dois projetos, um lugar de deputado e um casamento.

Meu pai disse isto com pausa, e não no mesmo tom, mas dando às palavras um jeito e disposição, cujo fim era colocá-las mais profundamente no meu espírito. A proposta, porém, era tão diferente das minhas últimas sensações, que eu cheguei a não entendê-la bem. Meu pai não fraquejou e a repetiu; encarceu o lugar e a noiva.

— Aceitas?

— Não entendo de política, disse eu depois de um instante; quanto à noiva... deixe-me viver como um urso, que sou.

— Mas os ursos casam-se, replicou ele.

— Pois traga-me uma ursa. Olhe, a Ursa Maior...

Riu-se meu pai e, depois de rir, tornou a falar sério. Era necessária para mim a carreira política, dizia ele, por vinte e tantas razões, que deduziu com singular simplicidade, ilustrando-as com exemplos de pessoas do nosso conhecimento. Quanto à noiva, bastava que eu a visse; se a visse, iria logo pedi-la ao pai, logo, sem demora de um dia. Experimentou assim a fascinação, depois a persuasão, depois a intimação; eu não dava resposta,afiava a ponta de um palito ou fazia bolas de miolo de pão, a sorrir ou a refletir; e, para tudo dizer, nem dócil nem rebelde à proposta. Sentia-me confuso. Uma parte de mim mesmo dizia que sim, que uma esposa formosa e uma posição política eram bens dignos de apreço; outra dizia que não; e a morte de minha mãe me parecia como um exemplo da fragilidade das coisas, das afeições, da família...

— Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va!, repetiu, batendo as sílabas com o dedo.

Bebeu o último gole de café; ajeitou-se, e começou a falar de tudo, do Senado, da Câmara, da Regência, da restauração, do Evaristo, de um carro que pretendia comprar, da nossa casa

de Matacavalos... Eu ficava ao canto da mesa, a escrever sem rumo num pedaço de papel, com uma ponta de lápis; traçava uma palavra, uma frase, um verso, um nariz, um triângulo e repetia-os muitas vezes, sem ordem, ao acaso, assim:

Arma virumque Cano

A

Arma virumque cano

arma virumque cano

arma virumque

arma virumque cano

virumque

Maquinalmente tudo isto; e, mesmo assim, havia certa lógica, certa dedução; por exemplo, foi o virumque que me fez chegar ao nome do próprio poeta, por causa da primeira sílaba; ia a escrever virumque, e sai-me Virgílio; então continuei:

Vir

Virgílio

Virgílio

Virgílio

Virgílio

Virgílio

Meu pai, um pouco despeitado com aquela indiferença, ergueu-se, veio a mim, lançou os olhos ao papel...

— Virgílio! exclamou. É você, meu rapaz; a sua noiva **chama-se** justamente Virgília.

Capítulo XXVII

Virgília?

Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...? A mesma; era justamente a senhora, que em 1869 devia assistir aos meus últimos dias, e que antes, muito antes, teve grande participação nas minhas mais íntimas sensações. Naquele tempo tinha apenas uns quinze ou dezesseis anos; e era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em



SCHLESER

que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas³⁴; mas também não digo que lhe marcasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, nova, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, infantil, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção — devoção ou talvez medo; creio que medo.

Aí tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que devia influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezesseis anos. Você que me lê, se ainda for viva, quando estas páginas vierem à luz, você que me lê, Virgília amada, não repare na diferença entre a linguagem de hoje e a que primeiro empreguei quando a vi. Creia que era tão sincero então como agora; a morte não me tornou rabugento, nem injusto.

— Mas, dirá você, como é que pode assim discernir a verdade daquele tempo, e exprimi-la depois de tantos anos?

Ah! Indiscreta! Ah! Ignorante! Mas é isso mesmo que nos faz senhores da terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos. Deixa Pascal dizer que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

Capítulo XXVIII

Contanto que...

— Virgília? Interrompi eu.

— Sim, senhor; é o nome da noiva. Um anjo, meu caro, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, desta altura, viva e esperta, e uns olhos... filha do Dutra...

— Que Dutra?

— O Conselheiro Dutra, não conhece; uma influência política. Vamos lá, aceita?

— Não respondi logo; fitei por alguns segundos a ponta da

³⁴ Crítica ao modo como os escritores românticos falseiam a realidade.

bota; declarei depois que estava disposto a examinar as duas coisas, a candidatura e o casamento, contanto que...

— Contanto quê?

— Contanto que não fique obrigado a aceitar as duas; creio que posso ser separadamente homem casado ou homem público...

— Todo o homem público deve ser casado, interrompeu sentenciosamente meu pai. Mas seja como quiser; estou por tudo; fico certo de que, se a vir, acreditará. Demais, a noiva e o parlamento são a mesma coisa... isto é, não... saberá depois... Vai; aceito a demora, contanto que...

— Contanto quê?... interrompi eu, imitando-lhe a voz.

— Ah! Danado! Contanto que não fique aí inútil, obscuro e triste; não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para não o ver brilhar, como deve, e convém, e a todos nós; é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais. Olha, estou com sessenta anos, mas, se fosse necessário começar vida nova, começava, sem hesitar um só minuto. Teme a obscuridade, Brás; foge do que é ínfimo. Olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. Não estrague as vantagens da sua posição, os seus meios...

E foi adiante o mágico, a agitar diante de mim um chocalho, como me faziam, em pequeno, para eu andar depressa, e a flor da hipocondria recolheu-se ao botão para deixar a outra flor menos amarela, e nada mórbida, — o amor da nomeada, o xarope Brás Cubas.

Capítulo XXIX

A visita

Meu pai havia vencido; dispus-me a aceitar o diploma e o casamento, Virgília e a Câmara dos Deputados.

— As duas Virgílias, disse ele num assomo de ternura política. Aceitei-os; meu pai deu-me dois fortes abraços. Era o seu próprio sangue que ele, enfim, reconhecia.

— Desce comigo?

— Desço amanhã. Vou fazer primeiramente uma visita a Dona Eusébia...

Meu pai torceu o nariz, mas não disse nada; despediu-se e desceu. Eu, na tarde desse mesmo dia, fui visitar Dona Eusébia. Achei-a a repreender um jardineiro, mas deixou tudo para vir falar-me, com um alvoroço, um prazer tão sincero, que me constrangeu logo. Creio que chegou a me cobrir com o seu par de braços robustos. Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações de contentamento:

— Ora, o Brasinho! Um homem! Quem diria, há anos... Um homenzarrão! E bonito! Qual! Você não se lembra bem de mim...

Disse-lhe que sim, que não era possível esquecer uma amiga tão familiar de nossa casa. Dona Eusébia começou a falar de minha mãe, com muitas saudades, com tantas saudades, que me cativou logo, posto me entristecesse. Ela percebeu nos meus olhos e evitou a conversa; pediu-me que lhe contasse a viagem, os estudos, os namoros... Sim, os namoros também; confessou-me que era uma velha divertida. Nisto recordei-me do episódio de 1814, ela, o Vilaça, a moita, o beijo, o meu grito e, estando a recordá-lo, ouço um ranger de porta, um barulho de saias e esta palavra:

— Mamãe... mamãe...

Capítulo XXX

A flor da moita

A voz e as saias pertenciam a uma mocinha morena, que se deteve à porta, alguns instantes, ao ver gente estranha. Silêncio curto e constrangido. Dona Eusébia o quebrou, enfim, com resolução e franqueza:

— Vem cá, Eugênia, disse ela, cumprimenta o Doutor Brás Cubas, filho do Senhor Cubas; veio da Europa.

E voltando-se para mim:

— Minha filha Eugênia.

Eugênia, a flor da moita, mal respondeu ao gesto de cortesia que lhe fiz; olhou-me admirada e acanhada, e lentamente se aproximou da cadeira da mãe. A mãe ajeitou uma das suas tranças do cabelo, cuja ponta se desmanchava. — Ah! travessa! dizia. Não imagina, doutor, o que isto é... E beijou-a com tanta

ternura que me comoveu um pouco; lembrou-me minha mãe, e — direi tudo — tive umas cócegas de ser pai.

— Travessa? Disse eu. Pois já não está em idade própria, ao que parece.

— Quantos lhe dá?

— Dezesete.

— Menos um.

— Dezesseis. Pois então! É uma moça.

Não pôde Eugênia encobrir a satisfação que sentia com esta minha palavra, mas emendou-se logo e ficou como antes, ereta, fria e muda. Em verdade, ela parecia ainda mais mulher do que era; seria criança nos seus ares de moça; mas assim quieta, impassível, tinha a compostura da mulher casada. Talvez essa circunstância lhe diminuía um pouco da graça virginal. Depressa nos familiarizamos; a mãe fazia-lhe grandes elogios, eu **escutava-os** de bom grado, e ela sorria, com os olhos brilhantes, como se lá dentro do cérebro estivesse a voar uma borboletinha de asas de ouro e olhos de diamante...

Digo lá dentro, porque aqui fora o que voou foi uma borboleta preta, que subitamente entrou na varanda e começou a bater as asas em derredor de Dona Eusébia. Dona Eusébia deu um grito, levantou-se, praguejou umas palavras soltas:

— T'esconjuro!... sai, diabo!... Virgem Nossa Senhora!...

— Não tenha medo, disse eu; e, tirando o lenço, expeli a borboleta. Dona Eusébia sentou-se outra vez, ofegante, um pouco envergonhada; a filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava a impressão com muita força de vontade. Apertei-lhes a mão e sai, a rir comigo da superstição das duas mulheres, um rir filosófico, desinteressado, superior. De tarde, vi passar a filha de Dona Eusébia, seguida de um pajem; fez-me um cumprimento com a ponta do chicote; e confesso que me lisonjeei com a **ideia** de que, alguns passos adiante, ela voltaria a cabeça para trás; mas não voltou.

Capítulo XXXI

A borboleta preta

No dia seguinte, como se eu estivesse a me preparar para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela. Lembrei-me do caso da véspera, e ri; entrei logo a pensar na filha de Dona Eusébia, no susto que havia tido e na dignidade que, apesar dele, soube conservar. A borboleta, depois de voar muito em torno de mim, pousou-me na testa. Sacudi, ela foi pousar na vidraça; e, porque eu sacudisse de novo, saiu dali e veio parar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra como a noite. O gesto brando com que, uma vez parada, começou a mover as asas, tinha um certo ar de desdém, que me irritou muito. Dei de ombros, saí do quarto; mas voltando lá, minutos depois, e achando-a ainda no mesmo lugar, senti um tremor dos nervos, lancei mão de uma toalha, bati nela e ela caiu.

Não caiu morta; ainda torcia o corpo e movia as antenas da cabeça. Tive piedade; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no portal da janela. Era tarde; a infeliz morreu dentro de alguns segundos. Fiquei um pouco aborrecido, incomodado.

— Também por que diabo não era ela azul? disse eu comigo.

E esta reflexão — uma das mais profundas que se tem feito desde a invenção das borboletas — me consolou do malefício e me reconciliou comigo mesmo. Deixei-me estar a contemplar o cadáver, com alguma simpatia, confesso. Imaginei que ela havia saído do mato, almoçada e feliz. A manhã era linda. Veio por ali fora, modesta e negra, fazendo as suas borboletices, sob o vasto céu azul, que é sempre azul, para todas as asas. Passa pela minha janela, entra e dá comigo. Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem; descreveu infinitas voltas em torno do meu corpo, e viu que me movia, que tinha olhos, braços, pernas, um ar divino, uma estatura colossal. Então disse consigo: “Este é provavelmente o inventor das borboletas.” A **ideia** subjugou-a, aterrou-a; mas o medo, que é também sugestivo, insinuou-lhe que o melhor modo de agradar ao seu criador era beijá-lo na testa, e beijou-me na testa. Quando

enxotada por mim, foi pousar na vidraça, viu dali o retrato de meu pai, e não é impossível que descobrisse meia verdade, a saber, que estava ali o pai do inventor das borboletas, e voou a lhe pedir misericórdia.

Pois um golpe de toalha encerrou a aventura. Não lhe valeu a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes, contra uma toalha de rosto, dois palmos de linho cru. Vejam como é bom ser superior às borboletas! Porque, é justo dizê-lo, se ela fosse azul, ou cor de laranja, não teria mais segura a vida; não era impossível que eu a atravessasse com um alfinete, para recreio dos olhos. Não era. Esta última **ideia** restituiu-me a consolação; uni o dedo grande ao polegar, despedi um peteleco e o cadáver caiu no jardim. Era tempo; aí vinham já as próvidas formigas... Não, volto à primeira **ideia**; creio que para ela era melhor ter nascido azul.

Capítulo XXXII

Coxa de nascença

Fui dali acabar os preparativos da viagem. Já agora não demoro mais. Desço imediatamente; desço, ainda que algum leitor cauteloso me detenha para perguntar se o capítulo passado é apenas enrolação... Ai, não contava com Dona Eusébia. Estava pronto, quando entrou por casa. Vinha convidar-me para transferir a descida, e ir lá jantar nesse dia. Cheguei a recusar; mas instou tanto, tanto, tanto, que não pude deixar de aceitar; além do mais, eu lhe devia aquela compensação; fui.

Eugênia não usou nenhum enfeite nesse dia por minha causa. Creio que foi por minha causa — se é que não andava sempre assim. Nem os brincos de ouro, que trazia na véspera, lhe pendiam agora das orelhas, duas orelhas finamente recortadas numa cabeça de ninfa. Um simples vestido branco, de cassa, sem enfeites, tendo ao colo, em vez de broche, um botão de madrepérola, e outro botão nos punhos, fechando as mangas, e nem sombra de pulseira.

Era isso no corpo; não era outra coisa no espírito. **Ideias** claras, maneiras planas, certa graça natural, um ar de senhora

e não sei se alguma outra coisa; sim, a boca, exatamente a boca da mãe, a qual me lembrava o episódio de 1814, e então dava-me ímpetos de rimar o mesmo mote à filha...

— Agora vou mostrar-lhe a chácara, disse a mãe, logo que esgotamos o último gole de café.

Sáimos à varanda, dali à chácara, e foi então que notei uma circunstância. Eugênia mancava um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se havia machucado o pé. A mãe **calou-se**; a filha respondeu sem vacilar:

— Não, senhor, sou coxa de nascença.

Mandei-me ao inferno; chamei-me desastrado, grosseirão. Certamente, a simples possibilidade de ser manca era bastante para lhe não perguntar nada. Então lembrei-me que da primeira vez que a vi — na véspera — a moça chegara-se lentamente à cadeira da mãe, e que, naquele dia, já a achei à mesa de jantar. Talvez fosse para encobrir o defeito; mas por que razão o confessava agora? Olhei para ela e reparei que ia triste.

Tratei de apagar os vestígios de meu azar; não me foi difícil, porque a mãe era, segundo confessara, uma velha divertida e prontamente começou a conversar comigo. Vimos toda a chácara, árvores, flores, tanque de patos, tanque de lavar, uma infinidade de coisas, que ela ia me mostrando, e comentando, ao passo que eu, olhando de lado, analisava os olhos de Eugênia...

Palavra que o olhar de Eugênia não era coxo, mas direito, perfeitamente são; vinha de uns olhos pretos e **tranquilos**. Creio que duas ou três vezes baixaram, um pouco turvados; mas duas ou três vezes somente; em geral, fitavam-me com franqueza, sem medos, nem cobertas.

Capítulo XXXIII

Bem-aventurados os que não descem

O pior é que era manca. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma postura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso desdém. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita? Tal era a per-

gunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar com a solução do enigma. O melhor que há, quando se não resolve um enigma, é sacudi-lo pela janela fora; foi o que eu fiz; lancei mão de uma toalha e enxotei essa outra borboleta preta, que me perturbava no cérebro. Fiquei aliviado e fui dormir. Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério, sem explicá-lo.

Amanheceu chovendo, transferi a descida; mas no outro dia, a manhã era límpida e azul, e apesar disso fiquei, não apenas no terceiro dia, e no quarto, até o fim da semana. Manhãs bonitas, ventiladas, convidativas; lá embaixo a família me chamava, e a noiva, e o discurso, e eu sem responder a nada, encantado ao pé da minha Vênus Manca. Encantado é uma maneira de realçar o estilo; não havia encanto, mas gosto, uma certa satisfação física e moral. Eu a queria, é verdade; ao pé dessa criatura tão singela, filha ilegítima e coxa, feita de amor e desprezo, ao pé dela eu me sentia bem, e ela creio que ainda se sentia melhor, ao meu pé. E isto na Tijuca. Uma simples poesia. Dona Eusébia nos vigiava, mas pouco; temperava a necessidade com a conveniência. A filha, nessa primeira explosão da natureza, entregava-me a alma em flor.

— O senhor desce amanhã? Disse-me ela no sábado.

— Pretendo.

— Não desça.

Não desci e acrescentei um versículo ao Evangelho: — Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças. Com efeito, foi no domingo esse primeiro beijo de Eugênia — o primeiro que nenhum outro varão jamais havia tomado dela, e não roubado ou tomado, mas felizmente entregue, como um devedor honesto paga uma dívida. Pobre Eugênia! Se você soubesse quais **ideias** me vagavam pela mente naquela ocasião! Você, trêmula de comoção, com os braços nos meus ombros, a ver em mim o teu bem-vindo esposo, e eu com os olhos em 1814, na moita, no Vilaça, e a suspeitar que não podia mentir ao teu sangue, à tua origem...

D. Eusébia entrou inesperadamente, mas não tão súbita, que nos apanhasse ao pé um do outro. Eu fui até a janela. Eugênia

sentou-se a consertar uma das tranças. Que fingimento gracioso! Que arte infinita e delicada! Que hipocrisia profunda! E tudo isso natural, vivo, não estudado, natural como o apetite, natural como o sono. Tanto melhor! Dona Eusébia não suspeitou nada.

Capítulo XXXIV

A uma alma sensível

Há aí, entre as cinco ou dez pessoas que me **leem**, há aí uma alma sensível, que está certamente um tanto aflita com o capítulo anterior, começa a tremer pela sorte de Eugênia, e talvez..., sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame cínico. Eu cínico, alma sensível? Pela coxa de Diana! Esta afronta merecia ser lavada com sangue, se o sangue lavasse alguma coisa nesse mundo. Não, alma sensível, eu não sou cínico, eu fui homem; meu cérebro foi um tabuleiro em que se deram peças de todo gênero, uma confusão de coisas e pessoas, em que podia ver tudo, desde a rosa de Esmirna até a arruda do seu quintal, desde o magnífico leito de Cleópatra até o recanto da praia em que o mendigo tem o seu sono. Não havia ali a atmosfera somente da águia e do beija-flor; havia também a da lesma e do sapo. Retira, pois, a expressão, alma sensível, castiga os nervos, limpa os óculos — que isso às vezes é dos óculos — e acabemos de uma vez com esta flor da moita.

Capítulo XXXV

O caminho de Damasco

Ora aconteceu que, oito dias depois, como se eu estivesse no caminho de Damasco, ouvi uma voz misteriosa, que me susurrou as palavras da Escritura (Act., IX, 7): “Levanta-te e entra na cidade”. Essa voz saía de mim mesmo e tinha duas origens: a piedade, que me desarmava ante a beleza da pequena, e o terror de vir a amar e casar com ela. Uma mulher manca! Quanto a este motivo da minha descida, ela sabia. Foi na varanda, na tarde de uma segunda-feira, ao anunciar-lhe que na seguinte manhã viria para baixo. — Adeus, suspirou ela estendendo-me a mão com

simplicidade; faz bem. E, como se eu nada dissesse, continuou:

— Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo. Ia **dizer-lhe** que não; ela retirou-se lentamente, engolindo as lágrimas. Alcancei-a a poucos passos e jurei-lhe por todos os santos do céu que eu era obrigado a descer, mas que não deixava de lhe querer e muito; tudo suavidades frias, que ela escutou sem dizer nada.

— Acredita em mim? Perguntei eu no fim.

— Não, e digo-lhe que faz bem.

Quis retê-la, mas o olhar que me lançou não foi já de súplica, senão de império. Desci da Tijuca, na manhã seguinte, um pouco amargurado, um pouco satisfeito. Vinha dizendo a mim mesmo que era justo obedecer a meu pai, que era conveniente abraçar a carreira política... que a constituição... que a minha noiva... que o meu cavalo...

Capítulo XXXVI

A propósito de botas

Meu pai, que não me esperava, abraçou-me cheio de ternura e agradecimento. — Agora é sério? Disse ele. Posso enfim...?

Deixei-o nessa reticência e fui descalçar as botas, que estavam apertadas. Uma vez aliviado, respirei fundo e me deitei, enquanto os pés e todo eu entrávamos numa relativa paz. Então considerei que as botas apertadas são uma das maiores virtudes da terra, porque, fazendo doer os pés, dão força ao prazer de as descalçar. Matam os pés, desgraçados, faz viver depois, e aí tem a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros. Enquanto esta **ideia** me trabalhava na mente, eu lançava os olhos para a Tijuca e via a aleijadinha perder-se no horizonte do passado, e sentia que o meu coração não demoraria também a descalçar as suas botas. E descalçou. Quatro ou cinco dias depois, saboreava esse rápido, maravilhoso momento de gozo, que vem depois da dor, a uma preocupação, a um incômodo... Daqui entendi eu que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, porque só aumenta a fome, com o fim de criar a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre.

Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas.

Você, minha Eugênia, é que não as descalçou nunca; foi aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, trabalhadora, até que veio também para esta outra margem... O que eu não sei é se a sua existência era muito necessária ao tempo. Quem sabe? Talvez alguém a menos no mundo viesse a evitar a tragédia humana.

Capítulo XXXVII

Enfim!

Enfim! Aqui está Virgília. Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra, perguntei a meu pai se havia algo combinado sobre o casamento.

— Nada. Há tempos, conversando com ele a seu respeito, confessei-lhe o desejo que tinha de ver você deputado; e de tal modo falei, que ele prometeu fazer alguma coisa, e creio que o fará. Quanto à noiva, é o nome que dou a uma criaturinha, que é uma **joia**, uma flor, uma estrela, uma coisa rara... é a filha dele; imaginei que, se casasses com ela, mais depressa seria deputado.

— Só isto?

— Só isto.

Fomos dali à casa do Dutra. Era uma pérola esse homem, risonho, jovial, patriota, um pouco irritado com os males públicos, mas não desesperado para os curar depressa. Achou que a minha candidatura era verdadeira; convinha, porém, esperar alguns meses. E logo me apresentou à mulher — uma estimável senhora — e à filha, que não desmentiu em nada o relato de meu pai. Juro, em nada. Releia o capítulo 27. Eu, que levava **ideias** a respeito da pequena, olhei-a de certo modo; ela, que não sei se as tinha, não me fitou de modo diferente; e o nosso olhar primeiro foi pura e simplesmente conjugal. No fim de um mês, estávamos íntimos.

Capítulo XXXVIII

A quarta edição

— Venha jantar amanhã, disse-me o Dutra uma noite.

Aceitei o convite. No dia seguinte, mandei que o carro me esperasse no Largo de São Francisco de Paula, e fui dar várias voltas. Lembram ainda a minha teoria das edições humanas? Pois saibam que, naquele tempo, eu estava na quarta edição, revista e emendada, mas ainda cheia de descuidos e erros; defeito que, aliás, achava alguma explicação no tipo, que era elegante, e na encadernação, que era luxuosa. Dadas as voltas, ao passar pela Rua dos Ourives, consulto o relógio e o vidro cai na calçada. Entro na primeira loja que vi; era um cubículo — pouco mais — empoeirado e escuro.

Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e marcado não se destacava logo à primeira vista; mas logo que se destacava era um espetáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário, via-se que havia sido bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce destruíram a flor das belezas. A doença tinha sido terrível; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e feridas, buracos e caroços, e davam uma sensação de lixa grossa, enormemente grossa. Eram os olhos a melhor parte do vulto, e aliás tinham uma expressão única e detestável, que mudou, entretanto, logo que eu comecei a falar. Quanto ao cabelo, estava claro e quase tão sujo como os portais da loja. Num dos dedos da mão esquerda brilhava um diamante. Acreditam? Essa mulher era Marcela.

Não a conheci logo, era difícil; ela porém me conheceu apenas quando lhe dirigi a palavra. Os olhos brilharam e trocaram a expressão usual por outra, meia doce e meia triste. Vi um movimento como para esconder-se ou fugir; era o instinto da vaidade, que não durou mais de um instante. Marcela acomodou-se e sorriu.

— Quer comprar alguma coisa? disse ela estendendo-me a mão.

Não respondi nada. Marcela compreendeu a causa do meu silêncio (não era difícil) e só hesitou, creio eu, em decidir

o que dominava mais, se o susto do presente, se a memória do passado. Deu-me uma cadeira e, com o balcão no meio, falou-me longamente de si, da vida que havia levado, das lágrimas que eu tinha causado nela, das saudades, dos desastres, enfim das doenças, que lhe destruíram o rosto, e do tempo, que ajudou a doença, adiantando sua decadência. Verdade é que tinha a alma decadente. Vendeu tudo, quase tudo; um homem, que a amou antes, e morreu nos seus braços, deixou aquela loja de joias, mas, para que a desgraça fosse completa, era agora pouco procurada a loja — talvez pela particularidade de administrar uma mulher. Em seguida pediu-me que lhe contasse a minha vida. Gastei pouco tempo em contar; não era longa, nem interessante.

— Casou? Disse Marcela no fim de minha narração.

— Ainda não, respondi secamente.

Marcela lançou os olhos para a rua, com o jeito de quem reflete ou relembra; eu fui então ao passado e, no meio das recordações e saudades, perguntei a mim mesmo por que motivo havia feito tanta confusão. Não era esta certamente a Marcela de 1822; mas a beleza de outro tempo valia uma terça parte dos meus sacrifícios? Era o que eu buscava saber, interrogando o rosto de Marcela. O rosto dizia-me que não; ao mesmo tempo os olhos me contavam que, já antes, como hoje, ardia neles o desejo da cobiça. Os meus é que não souberam ver; eram olhos da primeira edição.

— Mas por que entrou aqui? Viu-me da rua? Perguntou ela, saindo daquela espécie de transe.

— Não, achava que estava entrando numa casa de relojoeiro; queria comprar um vidro para este relógio; vou a outra parte; desculpe-me; tenho pressa.

Marcela suspirou com tristeza. A verdade é que eu me sentia tocado e aborrecido, ao mesmo tempo, e queria me ver fora daquela casa. Marcela, entretanto, chamou um moleque, deu-me o relógio, e, apesar da minha oposição, mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro. Não havia remédio; sentei-me outra vez. Ela disse que desejava ter a proteção dos conhecidos de outro tempo; ponderou que mais tarde ou mais cedo era natural que me casasse, e garantiu que me daria finas

joias por preços baratos. Não disse preços baratos, mas usou uma metáfora delicada e transparente. Comecei a desconfiar que não tinha passado nenhum desastre (salvo a doença), que tinha bastante dinheiro e que negociava com o único fim de responder à paixão do lucro, que era o verme roedor daquela existência; foi isso mesmo que me disseram depois.

Capítulo XXXIX

O vizinho

Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

— Como passou hoje de manhã? Disse ele a Marcela.

— Assim, assim. Vem cá, Maricota.

O sujeito levantou a criança pelos braços e passou-a para dentro do balcão.

— Anda, disse ele; pergunta a Dona Marcela como passou a noite. Estava ansiosa por vir aqui, mas a mãe não pôde **vesti-la**... Então, Maricota? Toma a bênção... Olha a surra! Assim... Não imagina o que ela é lá em casa; fala na senhora a todos os instantes, e aqui parece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?

— Não diga, não, papai.

— Então foi alguma coisa feia? perguntou Marcela batendo na cara da menina.

— Eu lhe digo; a mãe ensina a rezar todas as noites um padre-nosso e uma ave-maria, oferecidos a Nossa Senhora; mas a pequena ontem veio pedir com voz muito humilde... imagine o quê?... que queria oferecê-los a Santa Marcela.

— Coitadinha! Disse Marcela beijando-a.

— É um namoro, uma paixão, como a senhora não imagina...

A mãe diz que é feitiço...

Contou mais algumas coisas o sujeito, todas muito agradáveis, até que saiu levando a menina, não sem deitar-me um olhar interrogativo ou desconfiado. Perguntei a Marcela quem era ele.

— É um relojoeiro da vizinhança, um bom homem; a mu-

lher também; e a filha é bonita, não? Parecem gostar muito de mim... é boa gente.

Ao proferir estas palavras, havia um tremor de alegria na voz de Marcela; e no rosto como que se parecesse um sinal de sorte...

Capítulo XL

No carro

Nisto entrou o moleque trazendo o relógio com o vidro novo. Era tempo; já me custava estar ali; dei uma moedinha de prata ao moleque; disse a Marcela que voltaria noutra ocasião, e saí rapidamente. Para dizer tudo, devo confessar que o coração batia um pouco; mas era uma espécie de sino de finados. O espírito ia travado de impressões opostas. Notem que aquele dia havia amanhecido alegre para mim. Meu pai, ao almoço, repetiu-me, por antecipação, o primeiro discurso que eu tinha de proferir na Câmara dos Deputados; rimos muito, e o sol também, que estava brilhante, como nos mais belos dias do mundo; do mesmo modo que Virgília devia rir, quando eu lhe contasse as nossas fantasias do almoço. Vai senão quando cai-me o vidro do relógio; entro na primeira loja que vejo; e eis que me surge o passado, que me corta e beija; que me interroga, com um rosto cortado de saudades e marcas.

Lá o deixei; meti-me às pressas no carro, que me esperava no Largo de São Francisco de Paula, e ordenei ao motorista que rodasse pelas ruas fora. O carro entrou a me balançar, as molas gemiam, as rodas cortavam rapidamente a lama que a chuva recente havia deixado, e tudo isso me parecia estar parado. Não há, às vezes, um certo vento morno, não forte nem áspero, mas abafado, que nos não leva o chapéu da cabeça, nem redemoinha nas saias das mulheres, e todavia é ou parece ser pior do que se fizesse uma e outra coisa, porque abate, afrouxa e como que dissolve os espíritos? Pois eu tinha esse vento comigo; e, certo de que ele me soprava por estar naquela espécie de garganta entre o passado e o presente, almejava por sair à planície do futuro. O pior é que o carro não andava.

— João, bradei eu ao condutor. Este carro anda ou não anda?



— Uê! nhonhô! Já estamos parados na porta de sinhô Conselheiro.

Capítulo XLI

A alucinação

E era verdade. Entrei apressado; achei Virgília ansiosa, mau humor, face nublada. A mãe, que era surda, estava na sala com ela. No fim dos cumprimentos, disse-me a moça com sequidão:

— Esperávamos que viesse mais cedo.

Defendi-me do melhor modo; falei do carro e de um amigo, que havia me segurado. De repente a voz nos lábios perde a força, fico cheio de assombro. Virgília... seria Virgília aquela moça? Fitei-a muito, e a sensação foi tão penosa, que recuei um passo e desviei a vista. Tornei a olhá-la. As doenças tinham comido seu rosto; a pele, ainda antes tão fina, rosada e pura, aparecia-me agora amarela, marcada pelo mesmo flagelo que havia devastado o rosto da espanhola. Os olhos, que eram travessos, estavam murchos; tinha o lábio triste e a atitude cansada. Olhei-a bem; peguei-lhe na mão e chamei-a brandamente a mim. Não me enganava; eram as doenças. Creio que fiz um gesto de repulsa.

Virgília afastou-se e foi sentar-se no sofá. Eu fiquei algum tempo a olhar para os meus próprios pés. Devia sair ou ficar? Rejeitei a primeira **ideia**, que era simplesmente absurda, e encaminhei-me para Virgília, que lá estava sentada e calada. Céus! Era outra vez a fresca, a juvenil, a florida Virgília. Em vão procurei no rosto dela algum vestígio da doença; nenhum havia; era a pele fina e branca do costume.

— Nunca me viu? Perguntou Virgília, vendo que a encarava com insistência.

— Tão bonita, nunca.

Sentei-me, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas. Seguiram-se alguns segundos de pausa. Falei-lhe de coisas estranhas ao incidente; ela porém não me respondia nada, nem olhava para mim. Menos o estalo, era a estátua do Silêncio. Uma só vez me deitou os olhos, mas muito de cima, mexendo a pontinha esquerda do lábio, contraindo as sobranceiras, ao

ponto de as unir; e todo esse conjunto de coisas dava-lhe ao rosto uma expressão média entre engraçada e trágica.

Havia alguma afetação naquele desdém; era um disfarce do gesto. Lá dentro, ela sofria, e não pouco — ou fosse mágoa pura, ou só despeito; e porque a dor que se finge dói mais, é muito provável que Virgília sofresse em dobro do que realmente devia sofrer. Creio que isto é metafísica.

Capítulo XLII

Que escapou a Aristóteles

Outra coisa que também me parece metafísica é isto: dá-se movimento a uma bola, por exemplo; ela rola, encontra outra bola, transmite-lhe o impulso, e eis a segunda bola a rolar como a primeira rolou. Suponhamos que a primeira bola se chama... Marcela, — é uma simples suposição; a segunda, Brás Cubas a terceira, Virgília. Temos que Marcela, recebendo um peteleco do passado, rolou até tocar em Brás Cubas, o qual, cedendo à força impulsiva, entrou a rolar também até esbarrar em Virgília, que não tinha nada com a primeira bola; e eis aí como, pela simples transmissão de uma força, se tocam os extremos sociais e se estabelece uma coisa que poderemos chamar solidariedade do aborrecimento humano. Como é que este capítulo escapou a Aristóteles?

Capítulo XLIII

Marquesa, porque eu serei marquês

Positivamente, era um demoniozinho Virgília, um demoniozinho angélico, se querem, mas era, e então...

Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me tomou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente digno de um César. Não se importou; não houve a menor violência de família. Dutra veio me dizer, um dia, que esperasse outra chance, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi; tal foi o começo da minha derrota.

Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.

— Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano.

Virgília replicou:

— Promete que algum dia me fará baronesa?

— Marquesa, porque eu serei marquês.

Desde então fiquei perdido. Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com o seu espanto, o seu despeito e três ou quatro beijos que lhe dera. Talvez cinco beijos; mas dez que fossem não queria dizer coisa nenhuma. O lábio do homem não é como a pata do cavalo de Átila, que purificava o solo em que batia; é justamente o contrário.

Capítulo XLIV

Um Cubas!

Meu pai ficou atônito com o desenlace, e parece que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que havia criado, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim acabados, sem sofrer um forte abalo no organismo. A princípio, não quis acreditar. Um Cubas! Um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu, já então informado da nossa origem artesã, esqueci um instante a dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência.

— Um Cubas! Repetia ele na manhã seguinte, ao almoço.

O almoço não foi alegre; eu próprio estava caindo de sono. Tinha ficado acordado uma parte da noite. De amor? Era impossível; não se ama duas vezes a mesma mulher, e eu, que tinha de amar aquela, tempos depois, não estava agora preso por nenhum outro vínculo, além de uma fantasia passageira, alguma obediência e muita história. E isto basta a explicar a perda do sono; era despeito, um despeitozinho agudo como ponta de alfinete, o qual se desfez, com charutos, murros, leituras complexas, até romper a manhã, a mais **tranquila** das manhãs.

Mas eu era moço, tinha o remédio em mim mesmo. Meu pai

é que não pôde suportar facilmente a pancada. Pensando bem, pode ser que não morresse precisamente do desastre; mas, que o desastre lhe complicou as últimas dores, é positivo. Morreu depois de quatro meses — deprimido, triste, com uma preocupação intensa e contínua, como um remorso, um desencanto mortal que lhe substituiu os reumatismos e tosses. Teve ainda uma meia hora de alegria; foi quando um dos ministros o visitou. Vi-lhe — lembro bem —, vi nele o grato sorriso de outro tempo, e nos olhos uma concentração de luz, que era, por assim dizer, o último brilho da alma expirante. Mas a tristeza tomou logo, a tristeza de morrer sem me ver posto em algum lugar alto, como aliás me cabia.

— Um Cubas!

Morreu alguns dias depois da visita do ministro, uma manhã de maio, entre os dois filhos, Sabina e eu, e mais o tio Ildefonso e meu cunhado. Morreu sem poder fazer uso da ciência dos médicos, nem do nosso amor, nem dos cuidados, que foram muitos, nem de coisa nenhuma; tinha de morrer, morreu.

— Um Cubas!

Capítulo XLV

Notas

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, convites, convidados que entravam. Lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão a prego e martelo, seis pessoas que o pegam, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o carro fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as correias, o rodar dos carros, um a um... Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.

Capítulo XLVI

A herança

Veja-nos agora o leitor, oito dias depois da morte de meu pai, minha irmã sentada num sofá, pouco adiante, o Cotrim, de pé, encostado a um consolo, com os braços cruzados e a morder o bigode, — eu a passear de um lado para outro, com os olhos no chão. Luto pesado. Profundo silêncio.

— Mas, afinal, disse Cotrim; esta casa pouco mais pode valer de trinta contos; digamos que valha trinta e cinco...

— Vale **cinquenta**, ponderei; a Sabina sabe que custou **cinquenta** e oito...

— Podia custar até sessenta, tornou Cotrim; mas não quer dizer que valesse, e menos ainda que hoje. Você sabe que as casas, há anos, baixaram muito. Olhe, se esta vale os **cinquenta** contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campo?

— Não fale nisso! Uma casa velha.

— Velha! Exclamou Sabina, levantando as mãos ao teto.

— Parece nova, aposto.

— Ora, mano, deixe-se dessas coisas, disse Sabina, erguendo-se do sofá; podemos arranjar tudo em boa amizade e com respeito. Por exemplo, o Cotrim não aceita os escravos, quer só o motorista de papai e o Paulo...

— O boleeiro não, acudi eu; fico com o carro e não comprarei outro.

— Bem, fico com o Paulo e o Prudêncio.

— O Prudêncio está livre.

— Livre?

— Há dois anos.

— Livre? Como seu pai arranjava estas coisas aqui em casa, sem dizer a ninguém! Está certo. Quanto à prata... creio que não libertou a prata?

Tínhamos falado na prata, a velha prataria do tempo de Dom José I, a porção mais séria da herança, já pelo trabalho, já pela aparência, já pela origem da propriedade; dizia meu pai que o Conde da Cunha, quando vice-rei do Brasil, a dera de presente a meu bisavô Luís Cubas.

— Quanto à prata, continuou o Cotrim, eu não faria questão nenhuma, se não fosse o desejo que sua irmã tem de ficar com ela; e acho que tem razão. Sabina é casada, e precisa de uma copa digna, apresentável. Você é solteiro, não recebe, não...

— Mas posso casar.

— Para quê? Interrompeu Sabina.

Era tão sublime esta pergunta, que por alguns instantes me fez esquecer os interesses. Sorri; peguei na mão de Sabina, bati levemente na palma, tudo isso com tão boa sombra, que o Cotrim interpretou o gesto como de ternura, e agradeceu.

— Que foi? Respondi; não cedi coisa nenhuma, nem cedo.

— Nem cede?

Abanei a cabeça.

— Deixa, Cotrim, disse minha irmã ao marido; vê se ele quer ficar também com a nossa roupa do corpo, é só o que falta.

— Não falta mais nada. Quer o carro, quer o condutor, quer a prata, quer tudo. Olhe, é muito mais certo nos levar à justiça e provar com testemunhas que Sabina não é sua irmã, que eu não sou seu cunhado, e que Deus não é Deus. Faça isto, e não perde nada, nem uma colherinha. Ora, meu amigo, outro ofício!

Estava tão cansado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação: dividir a prata. Riu-se e perguntou-me a quem caberia o bule e a quem o açucareiro; e depois desta pergunta, declarou que teríamos tempo de liquidar a pretensão, quando menos em juízo. Entretanto, Sabina havia ido até a janela que dava para a chácara e, depois de um instante, voltou e propôs ceder o Paulo e outro preto, com a condição de ficar com a prata; eu ia dizer que não me convinha, mas o Cotrim adiantou-se e disse a mesma coisa.

— Isso nunca! Não faço esmolas! Disse ele.

Jantamos tristes. Meu tio cônego apareceu à sobremesa e ainda presenciou uma pequena briga.

— Meus filhos, disse ele, lembrem-se que meu irmão deixou um pão bem grande para ser repartido por todos.

Mas Cotrim:

— Creio, creio. A questão, porém, não é de pão, é de manteiga. Pão seco é que eu não engulo.

Fizeram-se finalmente as partilhas, mas nós estávamos brigados. E digo que, ainda assim, custou-me muito a brigar com Sabina. Éramos tão amigos! Jogos infantis, raivas de crianças, risos e tristezas da idade adulta, dividimos muita vez esse pão da alegria e da miséria, irramente, como bons irmãos que éramos. Mas estávamos brigados. Tal qual a beleza de Marcela, que se esvaiu com as doenças.

Capítulo XLVII

O recluso

Marcela, Sabina, Virgília... aí estou eu a fundir todas as contradições, como se esses nomes e pessoas não fossem mais do que modos de ser da minha afeição interior. Pena de maus costumes, ata uma gravata ao estilo, veste-lhe um colete menos vil; e depois sim, depois, vem comigo, entre nessa casa, estire-se nessa rede que me embalou a melhor parte dos anos que decorreram desde o inventário de meu pai até 1842. Vem; se te cheirar a algum aroma de cabeleireiro, não cuides que o mandei derramar para meu prazer; é um vestígio da N. ou da Z. ou da U. — que todas essas letras maiúsculas embalam aí a sua elegante nojeira. Mas, se além do aroma, quiser outra coisa, fique com o desejo, porque eu não guardei retratos, nem cartas, nem memórias; a mesma comoção esvaiu-se e só ficaram as letras iniciais.

Vivi meio distante, indo de longe em longe a alguma festa, ou teatro, ou palestra, mas a maior parte do tempo passei comigo mesmo. Vivia; deixava-me ir ao ritmo dos dias, ora confusos, ora tediosos, entre a ambição e o desânimo. Escrevia política e fazia literatura. Mandava artigos e versos para as folhas públicas e cheguei a alcançar certa reputação de polêmico e de poeta. Quando me lembrava do Lobo Neves, que era já deputado, e de Virgília, futura marquesa, perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves, — eu, que valia mais, muito mais do que ele —, e dizia isto a olhar para a ponta do nariz...

Capítulo XLVIII

Um primo de Virgília

— Sabe quem chegou ontem de São Paulo? Perguntou uma noite Luís Dutra.

Luís Dutra era um primo de Virgília, que também vivia com as musas. Os versos dele agradavam e valiam mais do que os meus; mas ele tinha necessidade da confirmação de alguns, que lhe confirmasse o aplauso dos outros. Como era tímido, não interrogava a ninguém; mas deleitava-se com ouvir alguma palavra de aceitação; então criava novas forças e voltava juvenilmente ao trabalho.

Pobre Luís Dutra! Apenas publicava alguma coisa, corria à minha casa e começava a girar em minha volta, esperando um julgamento, uma palavra, um gesto, que lhe aprovasse a recente produção, e eu falava de mil coisas diferentes — do último baile do Catete, da discussão das câmaras, de brigas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas. Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, direcionava a conversa para o assunto dele, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo, e eu dizia-lhe que sim ou que não, mas ia para o outro lado, e lá ia ele atrás de mim, até que parava e saía triste. Minha intenção era fazê-lo duvidar de si mesmo, desanimá-lo, eliminá-lo. E tudo isto a olhar para a ponta do nariz...

Capítulo XLIX

A ponta do nariz

Nariz, consciência sem remorsos, me valeu muito na vida... Já meditou alguma vez no destino do nariz, amado leitor? A explicação do Doutor Pangloss é que o nariz foi criado para uso dos óculos, — e tal explicação confesso que até certo tempo me pareceu definitiva; mas veio um dia, em que, estando a pensar nesse e em outros pontos obscuros de filosofia, percebi como a única, verdadeira e definitiva explicação.

Assim, bastou-me prestar atenção no costume do faquir. Sabe o leitor que o faquir gasta longas horas a olhar para a ponta do nariz, com o fim único de ver a luz celeste. Quando ele finca os olhos na ponta do nariz, perde o sentimento das coisas externas, embeleza-se no invisível, apreende o impalpável, desvincula-se da terra, dissolve-se, some. Essa sublimação do ser pela ponta do nariz é o fenômeno mais impressionante do espírito, e a habilidade de obter isso não pertence ao faquir somente: é universal. Cada homem tem necessidade e poder de contemplar o seu próprio nariz, com a finalidade de ver a luz celeste, e tal admiração, cujo efeito é a subordinação do universo a um nariz somente, constitui o equilíbrio das sociedades. Se os narizes se contemplassem exclusivamente uns aos outros, o gênero humano não chegaria a durar dois séculos: extinguiu-se com as primeiras tribos.

Ouçõ daqui uma negação do leitor: Como pode ser assim, diz ele, se ninguém nunca percebeu os homens contemplando o seu próprio nariz?

Leitor desatento, isso prova que nunca entrou no cérebro de um chapeleiro. Um chapeleiro passa por uma loja de chapéus; é a loja de um concorrente, que abriu há dois anos; tinha então duas portas, hoje tem quatro; promete ter seis e oito. Nas vidraças estão os chapéus do rival; pelas portas entram os fregueses do rival; o chapeleiro compara aquela loja com a sua, que é mais antiga e tem só duas portas, e aqueles chapéus com os seus, menos buscados, ainda que de igual preço.

Morre naturalmente; mas vai andando, concentrado, com os olhos para baixo ou para a frente, a indagar as causas da prosperidade do outro e do seu próprio atraso, quando ele chapeleiro é muito melhor chapeleiro do que o outro chapeleiro... Nesse instante é que os olhos se fixam na ponta do nariz.

A conclusão, portanto, é que há duas forças capitais: o amor, que multiplica a espécie, e o nariz, que a subordina ao indivíduo. Procriação, equilíbrio.

Capítulo L

Virgília casada

— Quem chegou de São Paulo foi minha prima Virgília, casada com o Lobo Neves, continuou Luís Dutra.

— Ah!

— E só hoje é que eu soube uma coisa, seu esperto...

— Que foi?

— Que você quis casar com ela.

— **Ideias** de meu pai. Quem lhe disse isso?

— Ela mesma. Falei muito em você, e ela então contou-me tudo.

No dia seguinte, estando na Rua do Ouvidor, à porta da tipografia do Plancher, vi aparecer, a distância, uma mulher maravilhosa. Era ela; só a reconheci de perto, tão outra estava, a tal ponto a natureza e a arte lhe haviam dado a última melhoria. Saudamos um ao outro; ela seguiu; entrou com o marido no carro, que os esperava um pouco acima; fiquei surpreso.

Oito dias depois a encontrei num baile; creio que chegamos a trocar duas ou três palavras. Mas noutra baile, dado daí a um mês, na casa de uma senhora, que havia enfeitado os salões do primeiro reinado, e também os do segundo, a aproximação foi maior e mais longa, porque conversamos e dançamos. A valsa é uma coisa deliciosa. Valsamos; e não nego que, ao aproximar meu corpo daquele corpo flexível e magnífico, tive uma sensação, uma sensação de homem roubado.

— Está muito calor, disse ela, logo que acabamos. Vamos ao terraço?

— Não; pode ficar resfriada. Vamos à outra sala.

Na outra sala estava Lobo Neves, que me fez muitos cumprimentos, acerca dos meus escritos políticos, acrescentando que nada dizia dos literários, por não entender deles; mas os políticos eram excelentes, bem pensados e bem escritos. Respondi com iguais palavras de cortesia, e nos separamos contentes um do outro.

Cerca de três semanas depois, recebi um convite dele para uma reunião íntima. Fui; Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: — O senhor hoje dançará comigo.

— Na verdade, eu tinha fama e era valsista bom; não me admiro que ela me preferisse. Valsamos uma vez, e mais outra vez. Foi na valsa que nos perdemos. Creio que nessa noite apertei sua mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam...Um delírio.

Capítulo LI

É minha!

— É minha! Disse eu comigo, logo que a passei a outro homem; e confesso que, durante o resto da noite, a **ideia** foi entrando no espírito, não à força de martelo, mas de rosca, que é mais insinuativa.

— É minha! Dizia eu ao chegar à porta de casa.

Mas aí, como se o destino ou o acaso, ou o que quer que fosse, se lembrasse de dar algum benefício às minhas vontades possessivas, brilhou no chão uma coisa redonda e amarela. Abaixei-me; era uma moeda de ouro, uma meia dobra.

— É minha! Repeti eu a rir, e a coloquei no bolso.

Nessa noite não pensei mais na moeda; mas no dia seguinte, lembrando o caso, senti uns puxões da consciência, e uma voz que me perguntava por que diabo seria minha uma moeda que eu não tinha herdado nem ganhado, mas somente achado na rua. Evidentemente não era minha; era de outro, daquele que tinha perdido, rico ou pobre, e talvez fosse pobre, algum operário que não teria com que dar de comer à mulher e aos filhos; mas, se fosse rico, o meu dever era o mesmo. Cumpria devolver a moeda e o melhor meio, o único meio, era fazê-lo por intermédio de um anúncio ou da polícia. Mandeí uma carta ao chefe de polícia, enviando-o o achado e rogando-lhe que, pelos meios a seu alcance, fizesse devolvê-lo às mãos do verdadeiro dono.

Mandeí a carta e almocei **tranquilo**, posso até dizer que feliz. Minha consciência tinha dançado tanto na véspera, que chegou a ficar sufocada, sem respiração; mas a restituição da meia dobra foi uma janela que se abriu para o outro lado da moral; entrou uma onda de ar puro, e a pobre dama respirou

livremente. Ventile as consciências! não digo mais nada. Mas, despido de quaisquer outras circunstâncias, o meu ato era bonito, porque exprimia um ato justo, um sentimento de alma delicada. Era o que me dizia a minha dama interior, com um modo sério e meigo a um tempo; é o que ela me dizia, reclinada ao peitoril da janela aberta.

— Fez bem, Cubas; andou perfeitamente. Este ar não é só puro, é aromático, é uma transpiração dos eternos jardins. Quer ver o que fez, Cubas?

E a boa dama pegou um espelho e abriu diante dos olhos. Vi, claramente vista, a moeda da véspera, redonda, brilhante, nítida, multiplicando-se por si mesma — ser dez — depois trinta — depois quinhentas —, exprimindo assim o benefício que me daria na vida e na morte o simples ato da restituição. E eu espalhava todo o meu ser na admiração daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande. Uma simples moeda, hem? Vejam o que é ter dançado um pouquinho mais. Assim, eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência. Talvez não entenda o que aí fica; talvez queira uma coisa mais concreta, um embrulho, por exemplo, um embrulho misterioso. Pois toma lá o embrulho misterioso.

Capítulo LII

O embrulho misterioso

Foi o caso que, alguns dias depois, indo a Botafogo, tropecei num embrulho, que estava na praia. Não digo bem; houve menos tropeção que pontapé. Vendo um embrulho, não grande, mas limpo e corretamente feito, atado com um barbante firme, uma coisa que parecia alguma coisa, lembrou-me bater com o pé, assim por experiência, e bati, e o embrulho resistiu. Passei os olhos em volta de mim; a praia estava deserta; ao longe uns meninos brincavam — um pescador reparava as redes ainda mais longe — ninguém que pudesse ver a minha ação; inclinei-me, apanhei o embrulho e segui.

Segui, mas não sem receio. Podia ser uma piada de rapazes. Tive **ideia** de devolver o achado à praia, mas apalpei-o e rejeitei a **ideia**. Um pouco adiante, mudei o caminho e segui para casa.

— Vejamos, disse eu ao entrar no escritório.

E hesitei um instante, creio que por vergonha; veio-me outra vez o receio da piada. E certo que não havia ali nenhuma testemunha externa; mas eu tinha dentro de mim mesmo um garoto, que havia de assobiar, guinchar, grunhir, pisar, apertar, cacarejar, fazer o diabo, se me visse abrir o embrulho e achar dentro um dúzia de lenços velhos ou duas dúzias de goiabas podres. Era tarde; a curiosidade estava aguçada, como deve estar a do leitor; desfiz o embrulho, e vi... achei... contei... recontei nada menos de cinco contos de réis. Nada menos. Talvez uns dez mil réis mais. Cinco contos em boas notas e dobras, tudo certinho e arranjadinho, um achado raro. Embrulhei de novo. Ao jantar pareceu-me que um dos moleques havia falado com o outro com os olhos. Tinha me visto? Interroguei-os discretamente, e concluí que não. Sobre o jantar, fui outra vez ao gabinete, examinei o dinheiro e ri dos meus cuidados maternais a respeito de cinco contos — eu, que era rico.

Para não pensar mais naquilo fui de noite à casa do Lobo Neves, que insistiu muito comigo que não deixasse de **frequentar** as recepções da mulher. Lá encontrei o chefe de polícia; fui-lhe apresentado; ele lembrou-se logo da carta e da meia dobra que eu lhe havia enviado alguns dias antes. Contou o caso; Virgília pareceu saborear o meu procedimento, e cada um dos presentes acertou de contar uma história parecida, que eu ouvi com impaciência de mulher histérica.

De noite, no dia seguinte, em toda aquela semana pensei o menos que pude nos cinco contos, e até confesso que os deixei muito quietinhos na gaveta da mesa. Gostava de falar de todas as coisas, menos de dinheiro, e principalmente de dinheiro achado; mas não era crime achar dinheiro, era uma felicidade, um bom acaso, era talvez um lance da Providência. Não podia ser outra coisa. Não se perdem cinco contos, como se perde um maço de cigarro. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos, **seguram-se** firme, não se tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o

pensamento, e para se perderem assim totalmente, numa praia, é necessário que... Crime é que não podia ser o achado; nem crime, nem desonra, nem nada que manchasse o caráter de um homem. Era um achado, um acerto feliz, como a sorte grande, como as apostas de cavalo, como os ganhos de um jogo honesto, e até direi que a minha felicidade era merecida, porque eu não me sentia mau, nem indigno dos benefícios da Providência.

— Estes cinco contos, dizia eu comigo, três semanas depois, vou empregá-los em alguma ação boa, talvez um dote a alguma menina pobre, ou outra coisa assim... vou ver...

Nesse mesmo dia levei-os ao Banco do Brasil. Lá me receberam com muitas e delicadas alusões ao caso da meia dobra, cuja notícia andava já espalhada entre as pessoas do meu conhecimento; respondi enfadado que a coisa não valia tanto alarde; louvaram-me então a modéstia — e porque eu me zanguei, disseram que era simplesmente grande.

Capítulo LIII

.....

Virgília é que já não lembrava da moeda; ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento; era o que dizia, e era verdade.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são demoradas e lentas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal força e tanta seiva, que, logo, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembro-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula — coitadinha — trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único — breve como a ocasião, ardente como o amor, início de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que faziam sumir a dor, de aflições que desabrochavam em alegria — uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio —, vida de agitações, de raivas, de desesperos e de ciúmes, que uma hora era muito; mas outra

hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é a falta de fome e a satisfação: tal foi o livro daquela introdução.

Capítulo LIV

O pêndulo

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi todas as horas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater do pêndulo fazia-me muito mal; esse tique-taque tristonho, vagaroso e seco, parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, a tirar as moedas da vida para dá-las à morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e eterno; o último homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na bolsa, para saber a hora exata em que morre.

Naquela noite não sofri essa triste sensação de enfado, mas outra, e prazerosa. As fantasias tumultuavam-me aqui dentro, vinham umas sobre outras, como devotas que se apertam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhos; de certo tempo em diante não ouvi coisa nenhuma, porque o meu pensamento, malicioso e traquino, saltou pela janela fora e bateu as asas na direção da casa de Virgília. Aí achou ao peitoril de uma janela o pensamento de Virgília, saudaram-se e ficaram de conversa. Nós a rolarmos na cama, talvez com frio, necessitados de repouso, e os dois vadios ali postos, a repetirem o velho diálogo de Adão e Eva.

Capítulo LV

O velho diálogo de Adão e Eva

Brás Cubas...?

Virgília.....

Brás Cubas

.....

Virgília!

Brás Cubas

Virgília?

Brás Cubas

Virgília.....

Brás Cubas!

Virgília?

Brás Cubas!

Virgília!

Capítulo LVI

O momento oportuno

Mas, por Deus! quem me explicará a razão desta diferença? Um dia nos vimos, tratamos o casamento, desfizemos e **separamo-nos**, a frio, sem dor, porque não houve paixão nenhuma; **mordeu-me** apenas algum despeito e nada mais. Passam os anos, torno a vê-la, damos três ou quatro giros de valsa, e estamos a amar um ao outro com delírio. A beleza de Virgília havia chegado, é certo, a um alto grau de apuro, mas nós éramos substancialmente os mesmos, e eu, à minha parte, não havia me tornado mais bonito nem mais elegante. Quem me explicará a razão dessa diferença?

A razão não podia ser outra senão o momento oportuno. Não era oportuno o primeiro momento, porque, se nenhum de nós estava verde para o amor, ambos o estávamos para o nosso amor; distinção fundamental. Não há amor possível sem a oportunidade dos sujeitos. Esta explicação achei-a eu mesmo, dois anos depois do beijo, um dia que Virgília se queixava de um rapaz que estava tentando seduzi-la.

— Que importuno! dizia ela fazendo uma careta de raiva.

Estremeci, olhei para ela, vi que a indignação era sincera; então ocorreu-me que talvez eu tivesse provocado alguma vez aquela mesma careta, e compreendi logo toda a grandeza da minha evolução. Tinha vindo de importuno a oportuno.

Capítulo LVII

Destino

Sim, senhor, amávamos. Agora, que todas as leis sociais nos impediam, agora é que nos amávamos muito. **Achávamos-nos** moldados um ao outro, como as duas almas que o poeta encontrou no Purgatório: *Di pari, come buoi, che vanno a giogo*; e digo mal, comparando-nos a bois, porque nós éramos outra espécie de animal menos antigo, mais esperto e sensual. Estamos a caminhar sem saber até onde, nem por que estradas estranhas; problema que me assustou, durante algumas semanas, mas cuja solução entreguei ao destino. Pobre Destino! Onde estará agora, grande procurador dos negócios humanos? Talvez esteja a criar pele nova, outra cara, outras maneiras, outro nome, e não é impossível que... Já não lembro onde estava... Ah! nas estradas estranhas. Disse eu comigo que já agora seria o que Deus quisesse. Era a nossa sorte no amar; se assim não fosse, como explicaríamos a valsa e o resto? Virgília pensava a mesma coisa. Um dia, depois de me confessar que tinha momentos de remorsos, como eu lhe dissesse que, se tinha remorsos, é porque me não tinha amor, Virgília abraçou-me com os seus magníficos braços, murmurando:

— Amo você, é a vontade do céu.

E esta palavra não vinha à toa; Virgília era um pouco religiosa. Não ouvia missa aos domingos, é verdade, e creio até que só ia às igrejas em dia de festa, e quando havia lugar vago em alguma cadeira. Mas rezava todas as noites, com fervor, ou, pelo menos, com sono. Tinha medo das trovoadas; nessas ocasiões, tapava os ouvidos, e dizia todas as orações do catecismo. No quarto dela havia um oratoriozinho de madeira, obra artesanal, de três palmos de altura, com três imagens dentro;



mas não falava dele às amigas; ao contrário, tachava de beatas as que eram só religiosas. Algum tempo desconfiei que havia nela certo vexame de crer, e que a sua religião era uma espécie de camisa; mas evidentemente era engano meu.

Capítulo LVIII

Confidência

Lobo Neves, a princípio, me dava grandes sustos. Pura ilusão! Como se adorasse a mulher, não se envergonhava de me dizer muitas vezes; achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, séria, um modelo. E a confiança não parava aí. De brecha que era, chegou à porta escancarada. Um dia confessou-me que trazia uma triste marca na existência; faltava-lhe a glória pública. Animei-o; disse-lhe muitas coisas bonitas, que ele ouviu com aquela unção religiosa de um desejo que não quer acabar de morrer; então compreendi que a ambição dele andava cansada de bater as asas, sem poder abrir o **voou**. Dias depois disse-me todos os seus tédios e desfalecimentos, as amarguras engolidas, as raivas adormecidas; contou-me que a vida política era um tecido de invejas, despeitos, intrigas, brigas, interesses, vaidades. Evidentemente havia aí uma crise de melancolia; tratei de combatê-la.

— Sei o que lhe digo, respondeu-me com tristeza. Não pode imaginar o que tenho passado. Entrei na política por gosto, por família, por ambição, e um pouco por vaidade. Já vê que reuni em mim só todos os motivos que levam o homem à vida pública; faltou-me só o interesse de outra natureza. Vi o teatro pelo lado da **plateia**; e, palavra, que era bonito! Majestoso cenário, vida, movimento e graça na representação. Me candidatei; deram-me um papel que... Mas para que o estou a cansar com isto? **Deixe-me** ficar com as minhas chatices. Creia que tenho passado horas e dias... Não há constância de sentimentos, não há gratidão, não há nada... nada... nada...

Calou-se profundamente abatido, com os olhos no ar, parecendo não ouvir coisa nenhuma, a não ser o eco de seus próprios pensamentos. Após alguns instantes, ergueu-se e estendeu-me a

mão: — O senhor vai rir de mim, disse ele; mas desculpe aquele desabafo; tinha um negócio, que me mordida o espírito. E ria, de um jeito sombrio e triste; depois pediu-me que não contasse a ninguém o que se passou entre nós; disse-lhe que não se passou nada. Entraram dois deputados e um chefe político da paróquia. Lobo Neves recebeu-os com alegria, a princípio um tanto mecânica, mas logo depois natural. No fim de meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, ridicularizava e ria, e riam todos.

Capítulo LIX

Um encontro

A política deve ser um vinho bem forte, dizia eu comigo, ao sair da casa de Lobo Neves; e fui andando, fui andando, até que na Rua dos Barbonos vi um carro, e dentro, um dos ministros, meu antigo companheiro de colégio. Saudou-nos afetuosamente, o carro seguiu, e eu fui andando... andando... andando...

— Por que não serei eu ministro?

Esta **ideia**, brilhante e grande — vestida estranhamente, como diria o padre Bernardes —, esta **ideia** começou uma tontura de pensamentos e eu fiquei com os olhos nela, a achar graça. Não pensei mais na tristeza de Lobo Neves; senti a atração do abismo. Recordei aquele companheiro de colégio, as correrias nos morros, as alegrias e travessuras, e comparei o menino com o homem, e perguntei a mim mesmo por que não seria eu como ele. Entrava então no Passeio Público, e tudo me parecia dizer a mesma coisa.

— Por que não será ministro, Cubas? — Cubas, por que não será ministro de Estado? Ao ouvi-lo, uma deliciosa sensação me refrescava todo o organismo. Entrei, fui sentar-me num banco, a remoer aquela **ideia**. E Virgília que havia de gostar! Alguns minutos depois, vejo encaminhar-se para mim uma cara, que me não pareceu desconhecida. Conhecia-a, fosse donde fosse.

— Imaginem um homem de trinta e oito a quarenta anos, alto, magro e pálido. As roupas, salvo o tipo, pareciam ter escapado ao cativoiro de Babilônia; o chapéu era contemporâneo do de Gessler. Imaginem agora um casaco, mais largo do que pedia

o corpo — ou, literalmente, os ossos — da pessoa; a cor preta ia cedendo o passo a um amarelo sem brilho; o **pelo** desaparecia aos poucos; dos oito botões restavam três. As calças, de brim pardo, tinham duas joelheiras, enquanto as bainhas eram roídas pelo calço de uma bota sem misericórdia nem graxa. Ao pescoço flutuavam as pontas de uma gravata de duas cores, ambas desmaiadas, apertando um colarinho de oito dias. Creio que trazia também colete, um colete de seda escura, velho e desabotoado.

— Aposto que não me conhece, Senhor Doutor Cubas? disse ele.

— Não me lembro...

— Sou o Borba, o Quincas Borba.

Recuei espantado... Quem me dera agora a palavra solene de um Bossuet ou de Vieira, para contar tamanho espanto! Era o Quincas Borba, o gracioso menino de outro tempo, o meu companheiro de colégio, tão inteligente e rico. O Quincas Borba! Não; impossível; não pode ser. Não podia acabar de crer que essa figura esquisita, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho velho, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. Mas era. Os olhos tinham um resto da expressão de outro tempo, e o sorriso não perdeu certo ar de desdém, que lhe era peculiar. Entretanto, ele suportava com firmeza o meu espanto. No fim de algum tempo tirei os olhos; se a figura repelia, a comparação intimidava.

— Não é preciso contar nada, disse ele enfim; o senhor adivinha tudo. Uma vida de misérias, de atribulações e de lutas. Lembra-se das nossas festas, em que eu figurava de rei? Que grande coisa! Acabei mendigo...

E levantando a mão direita e os ombros, com um ar de indiferença, parecia resignado aos golpes da sorte, e não sei até se contente. Talvez contente. Com certeza, inerte. Não havia nele o orgulho cristão, nem a conformidade filosófica. Parece que a miséria lhe calejara a alma, a ponto de lhe tirar a sensação de lama. Andava se arrastando.

— Procure-me, disse eu, poderei arranjar-lhe alguma coisa.

Um sorriso magnífico lhe abriu os lábios. — Não é o primeiro que me promete alguma coisa, disse, e não sei se será o

último que não me fará nada. E para quê? Eu nada peço, a não ser dinheiro; dinheiro sim, porque é necessário comer, e as casas de comida não vendem fiado. Nem as quitandas. Uma coisa de nada, uns dois vinténs de farinha, nem isso emprestam as malditas quitandeiras... Um inferno, meu... ia dizer meu amigo... Um inferno! o diabo! todos os diabos! Olhe, ainda hoje não almocei.

— Não?

— Não; saí muito cedo de casa. Sabe onde moro? No terceiro degrau das escadas de São Francisco, à esquerda de quem sobe; não precisa bater na porta. Casa fresca, extremamente fresca. Pois saí cedo, e ainda não comi...

Tirei a carteira, escolhi uma nota de cinco mil-réis — a menos limpa, — e dei-lha. Ele recebeu-a com os olhos cintilantes de cobiça. Levantou a nota ao ar e agitou-a entusiasmado.

— *In hoc signo vinces!*³⁵Bradou.

E depois beijou-a, com muitos gestos de ternura, e tão ruidosa expansão, que me produziu um sentimento misto de nojo e lástima. Ele, que era imponente, entendeu-me; ficou sério, grotescamente sério, e pediu-me desculpa da alegria, dizendo que era alegria de pobre que não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mil-réis.

— Pois está em suas mãos ver outras muitas, disse eu.

— Sim? Acudiu ele, dando um bote para mim.

— Trabalhando, conclui eu.

Fez um gesto de desdém; calou-se alguns instantes; depois disse-me positivamente que não queria trabalhar. Eu estava enjoado dessa desgraça tão engraçada e tão triste e **preparei-me** para sair.

— Não vá sem eu lhe ensinar a minha filosofia da miséria, disse ele, ficando diante de mim.

³⁵ “Com este sinal serás vencedor”; frase que supostamente estava gravada na cruz que apareceu a Constantino I; imperador romano, antes da batalha de Ponte Milvio.

Capítulo LX

O abraço

Percebi que o pobre-diabo estava doido e ia me afastar, quando ele me pegou no pulso e olhou alguns instantes para o brilhante que eu trazia no dedo. Senti-lhe na mão uns tremores de cobiça, uns jeitos de posse.

— Magnífico! Disse ele.

Depois começou a andar a minha volta e a examinar-me muito.

— O senhor trata-se, disse ele. **Jóias**, roupa fina, elegante e... Compare esses sapatos aos meus; que diferença! Pudera, não! Digo-lhe que se trata. E moças? Como vão elas? Está casado?

— Não.

— Nem eu.

— Moro na rua...

— Não quero saber onde mora, disse Quincas Borba. Se alguma vez nos virmos, dê-me outra nota de cinco mil-réis; mas me permita que eu não vá buscar na sua casa. É uma espécie de orgulho... Agora, adeus; vejo que está impaciente.

— Adeus!

— E obrigado. Deixa-me agradecer-lhe de mais perto?

E dizendo isto abraçou-me com tal força que não pude evitar. Separamo-nos finalmente, eu a passo largo, com a camisa amassada do abraço, enfadado e triste. Já não dominava em mim a parte simpática da sensação, mas a outra. Queria ver sua miséria digna. Contudo, não pude deixar de comparar outra vez o homem de agora com o de antes, entristecer-me e encarar o abismo que separa as esperanças de um tempo da realidade de outro tempo...

— Ora adeus! Vamos jantar, disse comigo.

Meto a mão no colete e não acho o relógio. Última desilusão! O Borba o roubou no abraço.

Capítulo LXI

Um projeto

Jantei triste. Não era a falta do relógio que me entristecia, era a imagem do autor do furto, e as lembranças de criança, e outra vez a comparação, e a conclusão... Desde a sopa, começou a abrir em mim a flor amarela e mórbida do capítulo 25, e então jantei depressa, para correr à casa de Virgília. Virgília era o presente; eu queria refugiar-me nele, para escapar às opressões do passado, porque o encontro do Quincas Borba mostrava aos olhos o passado, não como havia sido, mas um passado sujo, decadente, mendigo e gatuno.

Saí de casa, mas era cedo; iria achá-los à mesa. Outra vez pensei no Quincas Borba e tive então um desejo de tornar ao Passeio Público, a ver se o achava; a **ideia** de o regenerar surgiu-me como uma forte necessidade. Fui; mas já não o achei. Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente “esse sujeito” ia por ali às vezes.

— A que horas?

— Não tem hora certa.

Não era impossível encontrá-lo noutra ocasião; prometi a mim mesmo lá voltar. A necessidade de o regenerar, de o trazer ao trabalho e ao respeito de sua pessoa enchia-me o coração; eu começava a sentir um bem-estar, uma elevação, uma admiração de mim próprio... Nisto caía a noite; fui ter com Virgília.

Capítulo LXII

O travesseiro

Fui ver Virgília; bem depressa esqueci o Quincas Borba. Virgília era o travesseiro do meu espírito, um travesseiro mole, macio, aromático, enfronhado. Era ali que ele costumava repousar de todas as sensações más, simplesmente enfadonhas, ou até dolorosas. E, bem pesadas as coisas, não era outra a razão da existência de Virgília; não podia ser. Cinco minutos bastaram para esquecer inteiramente o Quincas Borba; cinco minutos

de uma contemplação mútua, com as mãos presas umas nas outras; cinco minutos e um beijo. E lá se foi a lembrança do Quincas Borba... doença da vida, desgraça do passado, que me importa que exista, que molestes os olhos dos outros, se eu tenho dois palmos de um travesseiro divino, para fechar os olhos e dormir?

Capítulo LXIII

Fujamos!

Ai! Nem sempre dormir. Três semanas depois, indo à casa de Virgília, — eram quatro horas da tarde —, achei-a triste e abatida. Não me quis dizer o que era; mas, como eu insisti muito:

— Creio que o Damião desconfia de alguma coisa. Noto agora umas esquisitices nele... Não sei... Trata-me bem, não há dúvida; mas o olhar parece que não é o mesmo. Durmo mal; ainda esta noite acordei, assustada; estava sonhando que ele me ia matar. Talvez seja ilusão, mas eu penso que ele desconfia...

Tranquilizei-a como pude; disse que podiam ser cuidados políticos. Virgília concordou que seriam, mas ficou ainda muito excitada e nervosa. Estávamos na sala de visitas, que dava justamente para a chácara, onde trocamos o beijo inicial. Uma janela aberta deixava entrar o vento, que sacudia frouxamente as cortinas, e eu fiquei a olhar para as cortinas, sem as ver. Tinha colocado o binóculo da imaginação; queria, ao longe, uma casa nossa, uma vida nossa, um mundo nosso, em que não havia Lobo Neves, nem casamento, nem moral, nem nenhum outro impedimento, que nos negasse a liberdade da vontade. Esta **ideia** embriagou-me; eliminados assim o mundo, a moral e o marido, bastava penetrar naquela habitação dos anjos.

— Virgília, disse eu, proponho uma coisa a você.

— Que é?

— Você me ama?

— Oh! Suspirou ela, cingindo-me os braços ao pescoço.

Virgília amava-me com fúria; aquela resposta era a verdade notável. Com os braços ao meu pescoço, calada, respirando muito, deixou-se ficar a olhar para mim, com os seus grandes e

belos olhos, que davam uma sensação singular de luz úmida; eu fiquei a vê-los, a namorar-lhe a boca, fresca como a madrugada, e insaciável como a morte. A beleza de Virgília tinha agora um tom grandioso, que não possuía antes de casar. Era dessas figuras esculpidas em mármore, de um trabalho nobre, rasgado e puro, **tranquilamente** bela, como as estátuas, mas não apática nem fria. Ao contrário, tinha o aspecto das naturezas quentes, e podia-se dizer que, na realidade, resumia todo o amor. Resumia-o sobretudo naquela ocasião, em que exprimia mudamente tudo quanto pode dizer a pupila humana. Mas o tempo passava; soltei suas mãos, peguei-lhe nos pulsos, e, fito nela, perguntei-lhe se tinha coragem.

— De quê?

— De fugir. Iremos para onde nos for mais cômodo, uma casa grande ou pequena, à tua vontade, na roça ou na cidade, ou na Europa, onde te parecer, onde ninguém nos aborreça, e não haja perigos para ti, onde vivamos um para o outro... Sim? Fugamos. Tarde ou cedo, ele pode descobrir alguma coisa, e estará perdida... ouve? perdida... morta... e ele também, porque eu o matarei, juro.

Interrompi; Virgília empalideceu muito, deixou cair os braços e sentou-se no banco. Esteve assim alguns instantes, sem me dizer palavra, não sei se vacilante na escolha, se assustada com a **ideia** da descoberta e da morte. Fui-me a ela, insisti na proposta, **disse-lhe** todas as vantagens de uma vida a sós, sem zelos, nem terrores, nem aflições. Virgília ouvia-me calada; depois disse:

— Não escaparíamos talvez; ele iria ter comigo e **matava-me** do mesmo modo.

Mostrei-lhe que não. O mundo era muito vasto, e eu tinha os meios de viver onde quer que houvesse ar puro e muito sol; ele não chegaria até lá; só as grandes paixões são capazes de grandes ações, e ele não a amava tanto que pudesse ir buscá-la, se ela estivesse longe. Virgília fez um gesto de espanto e quase indignação; murmurou que o marido gostava muito dela.

— Pode ser, respondi eu; pode ser que sim...

Fui até a janela e comecei a mexer com os dedos. Virgília chamou-me; fiquei onde estava, a remoer os meus cuidados, a desejar estrangular o marido, se ele estivesse ali... Justamen-

te, nesse instante, apareceu na chácara o Lobo Neves. Não trema assim, leitora medrosa; descanse, que não mancharei está página com um pingo de sangue. Logo que apareceu na chácara, fiz-lhe um gesto amigo, acompanhado de uma palavra graciosa; Virgília retirou-se apressadamente da sala, onde ele entrou daí a três minutos.

— Está aqui há muito tempo? Disse-me ele.

— Não.

Entrou sério, pesado, derramando os olhos de um modo distraído, costume seu, que trocou logo por uma verdadeira expansão de jovialidade, quando viu chegar o filho, o Nhonhô, o futuro advogado do capítulo; tomou-o nos braços, levantou-o ao ar, beijou-o muitas vezes. Eu, que tinha ódio ao menino, afastei-me de ambos. Virgília tornou à sala.

— Ah! Respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.

— Cansado? Perguntei eu.

— Muito; aturei duas demoras de primeira ordem, uma na câmara e outra na rua. E ainda temos terceira, acrescentou, olhando para a mulher.

— Que é? Perguntou Virgília.

— Um... Adivinha!

Virgília sentou-se ao lado dele, pegou-lhe numa das mãos, compôs-lhe a gravata e tornou a perguntar o que era.

— Nada menos que um camarote.

— Para a Candiani?

— Para a Candiani.

Virgília bateu palmas, levantou-se, deu um beijo no filho, com um ar de alegria infantil, que destoava muito da figura; depois perguntou se o camarote era de boca ou do centro, consultou o marido, em voz baixa, acerca da roupa que escolheria, da ópera que se cantava, e de não sei que outras coisas.

— Você janta conosco, doutor, disse-me Lobo Neves.

— Veio para isso mesmo, confirmou a mulher; diz que você possui o melhor vinho do Rio de Janeiro.

— Nem por isso bebe muito.

Ao jantar, desmenti-o; bebi mais do que costumava; ainda

assim, menos do que era preciso para perder a razão. Já estava excitado, fiquei um pouco mais. Era a primeira grande raiva que eu sentia contra Virgília. Não olhei uma só vez para ela durante o jantar; falei de política, da imprensa, do ministério, creio que falaria de teologia, se a soubesse, ou se me lembrasse. Lobo Neves acompanhava-me com muita placidez e dignidade, e até com certa benevolência superior; e tudo aquilo me irritava também, e me tornava mais amargo e longo o jantar. Despedi-me apenas nos levantamos da mesa.

— Até logo, não? Perguntou Lobo Neves.

— Pode ser.

E saí.

Capítulo LXIV

A transação

Vaguei pelas ruas e recolhi-me às nove horas. Não podendo dormir, comecei a ler e escrever. Às onze horas estava arrependido de não ter ido ao teatro, consultei o relógio, quis vestir-me, e sair. Julguei, porém, que chegaria tarde; demais, era dar prova de fraqueza. Evidentemente, Virgília começava a aborrecer-se de mim, pensava eu. E esta **ideia** fez-me sucessivamente desesperado e frio, disposto a esquecê-la e a matá-la. Via-a dali mesmo, reclinada no camarote, com os seus magníficos braços nus, — os braços que eram meus, só meus — fascinando os olhos de todos, com o vestido maravilhoso que deveria ter, o seio à mostra, os cabelos postos em tranças, à maneira do tempo, e os brilhantes, menos luzidios que os olhos dela... Via-a assim, e doía-me que a vissem outros. Depois, começava a despi-la, a pôr de lado as **joias** e sedas, a despenteá-la com as minhas mãos sofridas e sensuais, a torná-la — não sei se mais bela, se mais natural — a torná-la minha, somente minha, unicamente minha.

No dia seguinte, não me pude ter; fui cedo à casa de Virgília; achei-a com os olhos vermelhos de chorar.

— Que houve? Perguntei.

— Você não me ama, foi a sua resposta; nunca me teve a menor soma de amor. Tratou-me ontem como se me tivesse

ódio. Se eu ao menos soubesse o que é que fiz! Mas não sei. Não me dirá o que foi?

— Que foi o quê? Creio que não houve nada.

— Nada? Tratou-me como não se trata um cachorro...

A esta palavra, peguei-lhe nas mãos, beijei-as, e duas lágrimas caíram de seus olhos.

— Acabou, acabou, disse eu.

Não tive ânimo de discutir, e, aliás, discutir o quê? Não era culpa dela se o marido a amava. Disse-lhe que não me fizera coisa nenhuma, que eu tinha necessariamente ciúmes do outro, que nem sempre o podia suportar de cara alegre; acrescentei que talvez houvesse nele muito fingimento, e que o melhor meio de fechar a porta aos sustos e às brigas era aceitar a minha **ideia** da véspera.

— Pensei nisso, disse Virgília; uma casinha só nossa, solitária, metida num jardim, em alguma rua escondida, não é? Acho a **ideia** boa; mas para que fugir?

Disse isto com o tom ingênuo e preguiçoso de quem não pensa em mal, e o sorriso que lhe marcava os cantos da boca trazia a mesma expressão de beleza. Então, afastando-me, respondi:

— Você é que nunca me teve amor.

— Eu?

— Sim, é uma egoísta! Prefere ver-me padecer todos os dias... é uma egoísta sem nome!

Virgília desatou a chorar e, para não atrair gente, metia o lenço na boca, recalrava os soluços; explosão que me constrangeu. Se alguém a ouvisse, perdia-se tudo. Inclinei-me para ela, travei-lhe dos pulsos, sussurrei-lhe os nomes mais doces da nossa intimidade; mostrei-lhe o perigo; o terror a deixou.

— Não posso, disse ela daí a alguns instantes; não deixo meu filho; se o levar, estou certa de que ele me irá buscar ao fim do mundo. Não posso; mate-me você, se o quiser, ou deixe-me morrer... Ah! Meu Deus! Meu Deus!

— Sossegue; olhe que podem ouvi-la.

— Que ouçam! Não me importa.

Estava ainda excitada; pedi-lhe que esquecesse tudo, que

me perdoasse, que eu era um doido, mas que a minha loucura vinha dela e com ela acabaria. Virgília enxugou os olhos e estendeu-me a mão.

Sorrimos ambos; minutos depois, tornávamos ao assunto da casinha solitária, em alguma rua escondida...

Capítulo LXV

Olheiros e escutas

Interrompeu-nos o barulho de um carro na chácara. Veio um empregado dizer que era a baronesa X. Virgília **consultou-me** com os olhos.

— Se a senhora está assim com dor de cabeça, disse eu, parece que o melhor é não receber.

— Já desceu? Perguntou Virgília ao empregado.

— Já; diz que precisa muito falar com a senhora!

— Que entre!

A baronesa entrou daí a pouco. Não sei se contava comigo na sala; mas era impossível mostrar maior alvoroço.

— Bons olhos o vejam! explodiu ela. Onde se mete o senhor que não aparece em parte nenhuma? Pois olhe, ontem me admirei não o ver no teatro. A Candiani estava deliciosa. Que mulher! Gosta da Candiani? É natural. Os senhores são todos os mesmos. O barão dizia ontem, no camarote, que uma só italiana vale por cinco brasileiras. Que desaforo! e desaforo de velho, que é pior. Mas por que é que o senhor não foi ontem ao teatro?

— Uma enxaqueca.

— Duvido! Algum namoro; não acha, Virgília? Pois, meu amigo, apresse-se, porque o senhor deve estar com quarenta anos... ou perto disso... Não tem quarenta anos?

— Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu; mas se me dá licença vou consultar a certidão de batismo.

— Vá, vá... E estendendo-me a mão: — Até quando? Sábado ficamos em casa; o barão está com saudades suas...

Chegando à rua, arrependi-me de ter saído. A baronesa era uma das pessoas que mais desconfiavam de nós. **Cinquenta** e cinco anos, que pareciam quarenta, macia, risonha, vestígios de

beleza, porte elegante e maneiras finas. Não falava muito nem sempre; possuía a grande arte de escutar os outros, analisando; reclinava-se então na cadeira, um olhar afiado e comprido, e deixava-se estar. Os outros, não sabendo o que era, falavam, olhavam, gesticulavam, ao tempo que ela olhava só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque deixava cair as pálpebras; mas, como as pestanas eram firmes, o olhar continuava o seu ofício, remexendo a alma e a vida dos outros.

A segunda pessoa era um parente de Virgília, o Viegas, um velho de setenta anos, chupado e amarelado, que sofria de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão do coração: era um hospital concentrado. Os olhos, porém, brilhavam de muita vida e saúde. Virgília, nas primeiras semanas, não lhe tinha medo nenhum; dizia-me que, quando o Viegas parecia espreitar, com o olhar fixo, estava simplesmente contando dinheiro. Com efeito, era um grande mesquinho.

Havia ainda o primo de Virgília, o Luís Dutra, que eu, agora, desarmava à força de lhe falar nos versos e prosas, e de o apresentar aos conhecidos. Quando estes, ligando o nome à pessoa, se mostravam contentes da apresentação, não há dúvida que Luís Dutra exultava de felicidade; mas eu me curava da felicidade com a esperança de que ele nos não denunciasse nunca. Havia, enfim, umas duas ou três senhoras, vários empregados, e tudo isso constituía uma verdadeira floresta de olheiros e escutas, por entre os quais tínhamos de resvalar com a tática e maciez das cobras.

Capítulo LXVI

As pernas

Ora, enquanto eu pensava naquela gente, minhas pernas iam me levando, ruas abaixo, de modo que insensivelmente cheguei à porta do Hotel Pharoux. De costume jantava aí; mas, não tendo deliberadamente andado, nenhum merecimento da ação me cabe, e sim às pernas, que a fizeram. Abençoadas pernas! E há quem trate vocês com desdém ou indiferença. Eu mesmo, até então, tinha vocês em má conta, zangava-me quando ficavam cansadas,

quando não podiam ir além de certo ponto, e me deixavam com o desejo de ciscar, à semelhança de galinha atada pelos pés.

Aquele caso, porém, foi um raio de luz. Sim, pernas amigas, deixaram à minha cabeça o trabalho de pensar em Virgília, e disseram uma à outra: — Ele precisa comer, são horas de jantar, vamos levá-lo ao Pharoux; dividamos a consciência dele, uma parte fique lá com a dama, tomemos nós a outra, para que ele vá direito, não bata em ninguém, tire o chapéu aos conhecidos, e finalmente chegue são e salvo ao hotel. E cumpriram à risca o seu propósito, amáveis pernas, o que me obriga a imortalizá-las nesta página.

Capítulo LXVII

A casinha

Jantei e fui a casa. Lá achei uma caixa de charutos, que o Lobo Neves tinha me mandado, embrulhada em papel de seda e ornada de fitinhas cor-de-rosa. Entendi, abri-a, e tirei este bilhete:

“Meu B...

Desconfiam de nós; tudo está perdido; esqueça-me para sempre. Não nos veremos mais. Adeus; esqueça-se da infeliz
V ... a.”

Foi um golpe esta carta; mal tinha fechado a noite, corri à casa de Virgília. Era tempo; estava arrependida. Ao vão de uma janela, contou-me o que se passou com a baronesa. A baronesa disse-lhe francamente que se falara muito, no teatro, na noite anterior, a propósito da minha ausência do camarote do Lobo Neves; tinham comentado as minhas relações na casa; em suma, éramos objeto da suspeita pública. Concluiu dizendo que não sabia que fazer.

— O melhor é fugirmos, insinuei.

— Nunca, respondeu ela abanando a cabeça.

Vi que era impossível separar duas coisas que no espírito dela estavam inteiramente ligadas: o nosso amor e a consideração pública. Virgília era capaz de iguais e grandes sacrifícios para conservar ambas as vantagens, e a fuga só lhe deixava uma. Talvez senti alguma coisa semelhante a despeito; mas

as comoções daqueles dois dias eram já muitas, e o despeito morreu depressa. Vá lá; arranjemos a casinha.

Com efeito, achei-a, dias depois, expressamente feita num recanto da Gamboa. Um brinco! Nova, estruturada de fresco, com quatro janelas na frente e duas de cada lado todas com venezianas cor de tijolo — trepadeira nos cantos, jardim na frente; mistério e solidão. Um brinco!

Concordamos que iria morar ali uma mulher, conhecida de Virgília, em cuja casa fora costureira e agregada. Virgília exercia sobre ela verdadeira fascinação. Não se diria tudo a ela; ela aceitaria facilmente o resto.

Para mim era aquilo uma situação nova do nosso amor, uma aparência de posse exclusiva, de domínio absoluto, alguma coisa que me faria adormecer a consciência e resguardar o pudor. Já estava cansado das cortinas do outro, das cadeiras, do tapete, da mesa, de todas essas coisas, que me traziam aos olhos constantemente a nossa duplicidade. Agora podia evitar os jantares frequentes, o chá de todas as noites, enfim a presença do filho deles, meu cúmplice e meu inimigo. A casa resgatava-me tudo; o mundo vulgar terminaria à porta — dali para dentro era o infinito, um mundo eterno, superior, excepcional, nosso, somente nosso, sem leis, sem instituições, sem baronesas, sem olheiros, sem escutas — ,um só mundo, um só casal, uma só vida, uma só vontade, uma só afeição — a unidade moral de todas as coisas pela exclusão das que me eram contrárias.

Capítulo LXVIII

O vergalho

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele caminho afora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um escravo que surrava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!”. Mas o primeiro não fazia caso e, a cada súplica, respondia com uma chicotada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! Gemia o outro.

— Cala a boca, besta! Respondia o carrasco.

Parei, olhei... justos céus! Quem havia de ser carrasco? Nada menos que o meu moleque Prudêncio — o que meu pai havia libertado alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas reflexões. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Refleti. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, livre da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebeu.

Vejam as sutilezas do rapaz!

Capítulo LXIX

Um grão de loucura

Este caso me faz lembrar um doido que conheci. Chamava-se Romualdo e dizia ser Tamerlão. Era a sua grande e única mania, e tinha uma curiosa maneira de a explicar.

— Eu sou o ilustre Tamerlão, dizia ele. Outrora fui Romualdo, mas adoeci, e tomei tanto tártaro, tanto tártaro, tanto tártaro, tanto tártaro, que fiquei Tártaro, e até rei dos Tártaros.

O tártaro tem a virtude de fazer Tártaros.

Pobre Romualdo! A gente ria da resposta, mas é provável que o leitor não se ria, e com razão; eu não acho graça nenhuma. Ouvida, tinha algum riso; mas assim contada, no papel, e a propósito de uma chicotada recebida e transferida, força é confessar que é muito melhor voltar à casinha da Gamboa; deixemos os Romualdos e Prudências.

Capítulo LXX

Dona Plácida

Voltemos à casinha. Não seria capaz de lá entrar hoje, curioso leitor; envelheceu, enegreceu, apodreceu, e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro que muito menor que a primeira. O mundo era estreito para Alexandre; um espaço de telhado é o infinito para as andorinhas.

Vê agora a neutralidade deste mundo, que nos leva, através dos espaços, como uma lancha de naufragos, que vai dar à costa: dorme hoje um casal de virtudes no mesmo espaço de chão que sofreu um casal de pecados. Amanhã pode lá dormir um religioso, depois um assassino, depois um ferreiro, depois um poeta, e todos abençoarão esse canto de terra, que lhes deu algumas ilusões.

Virgília fez daquilo um brinco; escolheu os tecidos mais puros com a intuição estética da mulher elegante; eu levei para lá alguns livros, e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa. Custou-lhe muito a aceitar a casa; percebia a intenção e sentia o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carancuda, às vezes triste. Eu queria ganhá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forçava por obter-lhe a bondade, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade

da consciência. Ao cabo de seis meses, quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra.

Não fui ingrato; fiz-lhe um agrado de cinco contos — os cinco contos achados em Botafogo — como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.

Capítulo LXXI

O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, escrever alguns capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco a eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa mania cadavérica; vício grave, e aliás pequeno, porque o maior defeito deste livro é você, leitor. Você tem pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; você ama a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, caem à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! — Folhas miseráveis de minha árvore, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, daria uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

Capítulo LXXII

Bibliônimo

Talvez suprima o capítulo anterior; entre outros motivos, há aí, nas últimas linhas, uma frase muito parecida com despropósito, e eu não quero dar chance à crítica do futuro.

Olhai: daqui a setenta anos, um sujeito magro, amarelo, grisalho, que não ama nenhuma outra coisa além dos livros, inclina-se sobre a página anterior, a ver se descobre o despro-

pósito; lê, relê, lê novamente, desengonça as palavras, saca uma sílaba, depois outra, mais outra, e as restantes, examina-as por dentro e por fora, por todos os lados, contra a luz, analisa-as, esfrega-as no joelho, lava-as, e nada; não acha o despropósito.

É um bibliônamo. Não conhece o autor; este nome de Brás Cubas não vem nos seus dicionários biográficos. Achou o volume, por acaso, na bagunça de um sebo. Comprou-o por duzentos réis. Indagou, pesquisou, e veio a descobrir que era um exemplar único... Único! Vocês, que não só amam os livros, senão que padecem a mania deles, vocês sabem muito bem o valor desta palavra, e adivinham, portanto, as delícias de meu bibliômano. Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os museus da Itália e da Holanda, se os houvesse de trocar por esse único exemplar; e não porque seja o das minhas Memórias, faria a mesma coisa com o Almanaque de Laemmert, uma vez que fosse único.

O pior é o despropósito. Lá continua o homem inclinado sobre a página, com uma lente no olho direito, todo entregue à nobre e áspera função de decifrar o despropósito. Já prometeu a si mesmo escrever uma breve memória, na qual relate o achado do livro e a descoberta da sublimidade, se a houver por baixo daquela frase obscura. Ao fim, não descobre nada e contenta-se com a posse. Fecha o livro, mira-o, remira-o, chega-se à janela e mostra-o ao sol. Um exemplar único! Nesse momento passa-lhe por baixo da janela um César ou um Cromwell, a caminho do poder. Ele dá de ombros, fecha a janela, estira-se na rede e folheia o livro devagar, com amor, aos goles... Um exemplar único!

Capítulo LXXIII

O lanche

O despropósito me fez perder outro capítulo. Era melhor dizer as coisas diretamente, sem todos estes atropelos! Já comparei o meu estilo ao andar dos bêbados. Se a **ideia** parece má, direi que ele é o que eram as minhas refeições com Virgília, na casinha da Gamboa, onde às vezes fazíamos a nossa diversão, o nosso lanche. Vinho, frutas, compotas. Comíamos, é verdade,

mas era um comer virgulado de palavrinhas doces, de olhares ternos, de criancices, uma infinidade desses gestos do coração, aliás o verdadeiro, o ininterrupto discurso do amor. Às vezes vinha o aborrecimento temperar o momento adocicado da situação. Ela deixava-me, refugiava-se num canto do sofá, ou ia para o interior ouvir as denguices de Dona Plácida. Cinco ou dez minutos depois, reatávamos a conversa, como eu reato a narração, para desatá-la outra vez. Note-se que, longe de termos horror ao método, era nosso costume convidá-lo, na pessoa de Dona Plácida, a sentar-se conosco à mesa; mas Dona Plácida não aceitava nunca.

— Você parece que não gosta mais de mim, disse-lhe um dia Virgília.

— Virgem Nossa Senhora! Exclamou a boa dama alçando as mãos para o teto. Não gosto de Iaiá! Mas então de quem é que eu gostaria neste mundo?

E, pegando-lhe nas mãos, olhou-a fixamente, fixamente, fixamente, até seus olhos molharem, de tão fixos que eram. Virgília acariciou-a muito; eu deixei-lhe uma pratinha na algibeira do vestido.

Capítulo LXXIV

História de Dona Plácida

Não se arrependa de ser generoso; a pratinha rendeu-me uma confiança de Dona Plácida, e **consequentemente** este capítulo. Dias depois, como eu a achasse só em casa, começamos uma conversa, e ela contou-me em breves termos a sua história. Era filha natural de um sacristão da Sé e de uma mulher que fazia doces para fora. Perdeu o pai aos dez anos. Já então ralava coco e fazia não sei que outros trabalhos de doceira, compatíveis com a idade. Aos quinze ou dezesseis casou com um alfaiate, que morreu tuberculoso algum tempo depois, deixando-lhe uma filha. Viúva e moça, ficaram a seu cuidado a filha, com dois, e a mãe, cansada de trabalhar. Tinha de sustentar a três pessoas. Fazia doces, que era o seu ofício, mas cosia também, de dia e de noite, com persistência, para

três ou quatro lojas e ensinava algumas crianças do bairro, a dez tostões por mês. Com isto iam-se passando os anos, não, não a beleza, porque não a tivera nunca. Apareceram-lhe alguns namoros, propostas, seduções, a que negava.

— Se eu pudesse encontrar outro marido, disse-me ela, acredite que teria casado; mas ninguém queria casar comigo.

Um dos pretendentes conseguiu se fazer aceite; não sendo, porém, mais delicado que os outros, Dona Plácida despediu-o do mesmo modo, e, depois de o despedir, chorou muito. Continuou a costurar para fora e a limpar os tachos. A mãe tinha a velhice do temperamento, dos anos e da necessidade; matava a filha para que tomasse um dos maridos de empréstimo e de ocasião que lha pediam. E bradava:

— Quer ser melhor do que eu? Não sei de onde vêm essas manias de pessoa rica. Minha camarada, a vida não se arranja à toa; não se come vento. Ora esta! Moços tão bons como o Policarpo da venda, coitado... Espera algum rico, não é?

Dona Plácida jurou-me que não esperava fidalgo nenhum. Era gênio. Queria ser casada. Sabia muito bem que a mãe não foi, e conhecia algumas que tinham só o seu moço delas; mas era gênio e queria ser casada. Não queria também que a filha fosse outra coisa. Trabalhava muito, queimando os dedos ao fogão, e os olhos ao candeeiro, para comer e não cair. Emagreceu, adoeceu, perdeu a mãe, enterrou-a, e continuou a trabalhar. A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, a não ser namorar os rapazes que lhe rondavam a rótula. Dona Plácida vivia com imensos cuidados, levando-a consigo, quando tinha de ir entregar costuras. A gente das lojas arregalava e piscava os olhos, convencida de que ela a levava para colher marido ou outra coisa. Alguns diziam gracinhas, faziam cumprimentos; a mãe chegou a receber propostas de dinheiro... Interrompeu-se um instante, e continuou logo:

— Minha filha fugiu; foi com um sujeito, nem quero saber... Deixou-me só, mas tão triste, tão triste, que pensei que ia morrer. Não tinha ninguém mais no mundo e estava quase velha e doente. Foi por esse tempo que conheci a família da senhora: boa gente, que me deu que fazer, e até chegou a me



dar casa. Estive lá muitos meses, um ano, mais de um ano, agregada, costurando. Saí quando a senhora casou. Depois vivi como Deus foi servindo. Olhe os meus dedos, olhe estas mãos... E mostrou-me as mãos grossas e marcadas, as pontas dos dedos picadas da agulha. — Não se cria isto à toa, meu senhor; Deus sabe como é que isto se cria... Felizmente, a senhora me protegeu, e o senhor doutor também... Eu tinha um medo de acabar na rua, pedindo esmola...

Ao soltar a última frase, Dona Plácida teve um calafrio. Depois, como se tornasse a si, pareceu atentar na inconveniência daquela confissão ao amante de uma mulher casada, e começou a rir, a desdizer-se, a chamar-se tola, “cheia de manias”, como lhe dizia a mãe; enfim, cansada do meu silêncio, retirou-se da sala. Eu fiquei a olhar para a ponta do sapato.

Capítulo LXXV

Comigo

Podendo acontecer que algum dos meus leitores tenha pulado o capítulo anterior, observo que é preciso lê-lo para entender o que eu disse comigo, logo depois que Dona Plácida saiu da sala. O que eu disse foi isto:

— Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a mulher, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de paixões vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: — Aqui estou. Para que me chamaram? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: — Chamamos para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, no trabalho, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até

acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia.

Capítulo LXXVI

O estrume

Subitamente deu-me a consciência um puxão, acusou-me de ter feito enumerar a integridade de Dona Plácida, obrigando-a a um papel torpe, depois de uma longa vida de trabalho e privações. Virgem não era melhor que prostituta, e eu tinha-a baixado a esse ofício, à custa de favores e dinheiros. Foi o que me disse a consciência; fiquei uns dez minutos sem saber que lhe dissesse. Ela acrescentou que eu me aproveitara da fascinação exercida por Virgília sobre a ex-costureira, da gratidão desta, enfim da necessidade. Notou a resistência de Dona Plácida, as lágrimas dos primeiros dias, as caras feias, os silêncios, os olhos baixos, e a minha arte em suportar tudo isso, até vencê-la. E repuxou-me outra vez de um modo irritado e nervoso.

Concordei que assim era, mas aleguei que a velhice de Dona Plácida estava agora ao abrigo da pobreza: era uma compensação. Se não fossem os meus amores, provavelmente Dona Plácida acabaria como tantas outras criaturas humanas; donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã. A consciência concordou, e eu fui abrir a porta a Virgília.

Capítulo LXXVII

Entrevista

Virgília entrou risonha e sossegada. Os tempos tinham levado os sustos e vexames. Que doce que era vê-la chegar, nos primeiros dias, envergonhada e trêmula! Ia de carro, o rosto escondido, envolvido numa espécie de manta, que lhe disfarçava as ondulações do rosto. Da primeira vez deixou-se cair no sofá, ofegante, vermelha, com os olhos no chão; e, palavra!, em nenhuma outra ocasião a achei tão bela, talvez porque nunca me senti mais lisonjeado.

Agora, porém, como eu dizia, tinham acabado os sustos

e vexames; as entrevistas entravam no período cronométrico. A intensidade de amor era a mesma; a diferença é que a chama perdeu a loucura dos primeiros dias para constituir-se um simples feixe de raios, **tranquilo** e constante, como nos casamentos.

— Estou muito zangada com você, disse ela sentando-se.

— Por quê?

— Porque não foi lá ontem, como me tinha dito. O Damião perguntou muitas vezes se você não iria, ao menos, tomar chá. Por que é que não foi?

De fato, eu havia faltado à palavra que dera, e a culpa era toda de Virgília. Questão de ciúmes.

Essa mulher esplêndida sabia que o era, e gostava de o ouvir dizer, fosse em voz alta ou baixa. Na antevéspera, na casa da baronesa, dançou duas vezes com o mesmo homem, depois de lhe escutar as cortesias, ao canto de uma janela. Estava tão alegre! Tão derramada! Tão cheia de si! Quando descobriu, entre as minhas sobranceiras, a ruga interrogativa e ameaçadora, não teve nenhum sobressalto, nem ficou subitamente séria; mas deitou ao mar o homem e as cortesias. Veio depois a mim, tomou-me o braço e levou-me a outra sala, menos povoada, onde se queixou de cansaço e disse muitas outras coisas, com o ar infantil que costumava ter, em certas ocasiões, e eu ouvi-a quase sem responder nada.

Agora mesmo, custava-me responder alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência... Não, eternas estrelas, nunca vi olhos mais pasmados. A boca **semiaberta**, as sobranceiras arqueadas, uma estupefação visível, perceptível, que se não podia negar, tal foi a primeira resposta de Virgília; abanou a cabeça com um sorriso de piedade e ternura, que inteiramente me confundiu.

— Ora você!

E foi tirar o chapéu, contente, jovial, como a menina que torna do colégio; depois veio a mim, que estava sentado, **deu-me** pancadinhas na testa, com um só dedo, a repetir: — Isto, isto; — e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em gargalhada. Era claro que me enganava.

Capítulo LXXVIII

A presidência

Certo dia, meses depois, entrou Lobo Neves em casa, dizendo que iria talvez ocupar uma presidência de província. Olhei para Virgília, que empalideceu; ele, que a viu empalidecer, perguntou-lhe:

— Não gostou, Virgília?

Virgília abanou a cabeça.

— Não me agrada muito, foi a sua resposta.

Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto, um pouco mais resolvido do que de tarde; dois dias depois declarou à mulher que a presidência era coisa definitiva. Virgília não pôde dissimular a repugnância que isto lhe causava. O marido respondia a tudo com as necessidades políticas.

— Não posso recusar o que me pedem; é até conveniência nossa, do nosso futuro, dos teus títulos, meu amor, porque eu prometi que seria marquesa, e nem baronesa é. Dirá que sou ambicioso? Sou muito, mas é preciso que não me ponhas um peso nas asas da ambição.

Virgília ficou desorientada. No dia seguinte achei-a triste, na casa da Gamboa, à minha espera; tinha dito tudo a Dona Plácida, que buscava consolá-la como podia. Não fiquei menos abatido.

— Você irá conosco, disse-me Virgília.

— Está doida? Seria uma insensatez.

— Mas então...?

— Então, é preciso desfazer o projeto.

— É impossível.

— Já aceitou?

— Parece que sim.

Levantei-me, atirei o chapéu a uma cadeira e entrei a passear de um lado para outro, sem saber o que faria. Pensei amplamente, e não achei nada. Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; Dona Plácida foi à janela.

— Nesta pequenina mão está toda a minha existência, disse eu; você é responsável por ela; faça o que lhe parecer.

Virgília teve um gesto de aflição; eu fui encostar-me ao sofá da frente. Passaram alguns instantes de silêncio; ouvíamos somente o latir de um cão, e não sei se o barulho da água que morria na praia. Vendo que não falava, olhei para ela. Virgília tinha os olhos no chão, parados, sem luz, as mãos deixadas sobre os joelhos, com os dedos cruzados, na atitude de suprema desesperança. Noutra ocasião, por diferente motivo, é certo que eu me lançaria aos pés dela, e a ampararia com a minha razão e a minha ternura; agora, porém, era preciso compeli-la ao esforço de si mesma, ao sacrifício, à responsabilidade da nossa vida comum, e **consequentemente** desampará-la, deixá-la, e sair; foi o que fiz.

— Repito, a minha felicidade está nas tuas mãos, disse eu.

Virgília quis agarrar-me, mas eu já estava fora da porta. Cheguei a ouvir um cair de lágrimas, e digo-lhes que estive a ponto de voltar, para as enxugar com um beijo; mas me controlei e saí.

Capítulo LXXIX

Compromisso

Não acabaria se houvesse de contar pelo miúdo o que sofri nas primeiras horas. Vacilava entre um querer e um não querer, entre a piedade que me levava à casa de Virgília e outro sentimento — egoísmo, suponhamos — que me dizia:

— Fica; deixa-a a sós com o problema, deixa-a que ela o resolverá no sentido do amor. Creio que essas duas forças tinham igual intensidade, investiam e resistiam ao mesmo tempo, com ardor, com firmeza, e nenhuma cedia definitivamente. Às vezes sentia um dentezinho de remorso; parecia-me que abusava da fraqueza de uma mulher amante e culpada, sem nada sacrificar nem arriscar de mim próprio; e, quando ia capitular, vinha outra vez o amor, e me repetia o conselho egoísta, e eu ficava irresoluto e inquieto, desejoso de a ver, e receoso de que a vista me levasse a compartilhar a responsabilidade da solução.

Por fim interveio um compromisso entre o egoísmo e a piedade; eu iria vê-la em casa, e só em casa, em presença do marido, para lhe não dizer nada, à espera do efeito da minha

intimação. Deste modo poderia conciliar as duas forças. Agora, que isto escrevo, quer me parecer que o compromisso era uma farsa, que essa piedade era ainda uma forma de egoísmo, e que a resolução de ir consolar Virgília não passava de uma sugestão de meu próprio sofrimento.

Capítulo LXXX

De secretário

Na noite seguinte fui efetivamente à casa do Lobo Neves; estavam os dois, Virgília muito triste, ele muito jovial. Juro que ela sentiu certo alívio, quando os nossos olhos se encontraram, cheios de curiosidade e ternura. Lobo Neves contou-me os planos que levava para a presidência, as dificuldades locais, as esperanças, as resoluções; estava tão contente! Tão esperançoso! Virgília, ao pé da mesa, fingia ler um livro, mas por cima da página olhava-me de quando em quando, interrogativa e ansiosa.

— O pior, disse-me de repente o Lobo Neves, é que ainda não achei secretário.

— Não?

— Não, e tenho uma **ideia**.

— Ah!

— Uma **ideia**... Quer dar um passeio ao Norte?

Não sei o que lhe disse.

— Você é rico, continuou ele, não precisa de um salário pequeno; mas se quisesse me fazer um favor, ia de secretário comigo.

Meu espírito deu um salto para trás, como se descobrisse uma serpente diante de si. Encarei o Lobo Neves, fixamente, imperiosamente, a ver se lhe descobria algum pensamento oculto... Nem sombra disso; o olhar vinha direito e franco, a placidez do rosto era natural, não violenta, uma placidez salpicada de alegria. Respirei, e não tive ânimo de olhar para Virgília; senti por cima da página o olhar dela, que me pedia também a mesma coisa, e disse que sim, que iria. Na verdade, um presidente, uma presidenta, um secretário, era resolver as coisas de um modo administrativo.

Capítulo LXXXI

A reconciliação

Contudo, ao sair de lá, tive umas sombras de dúvida; pensei se não ia expor insanamente a reputação de Virgília, se não haveria outro meio razoável de combinar o Estado e a Gamboa. Não achei nada. No dia seguinte, ao levantar-me da cama, trazia o espírito feito e resolvido a aceitar a nomeação. Ao meio-dia, veio o criado dizer-me que estava na sala uma senhora, coberta com um véu. Corro; era minha irmã Sabina.

— Isto não pode continuar assim, disse ela; é preciso que, de uma vez por todas, façamos as pazes. Nossa família está acabando; não podemos ficar como dois inimigos.

— Mas se eu não te peço outra coisa, mana! bradei eu estendendo-lhe os braços.

Coloquei-a junto de mim e falei-lhe do marido, da filha, dos negócios, de tudo. Tudo ia bem; a filha estava linda como os amores. O marido viria mostrar, se eu consentisse.

— Ora essa! Irei eu mesmo vê-la.

— Sim?

— Palavra.

— Tanto melhor! Respirou Sabina. É tempo de acabar com isto.

Achei-a mais gorda, e talvez mais moça. Parecia ter vinte anos, e contava mais de trinta. Graciosa, afável, nenhum acanhamento, nenhum ressentimento. Olhávamos um para o outro, com as mãos seguras, falando de tudo e de nada, como dois namorados. Era a minha infância que ressurgia, fresca, travessa e loura; os anos iam caindo como as fileiras de cartas de jogar encurvadas, com que eu brincava em pequeno, e deixavam-me ver a nossa casa, a nossa família, as nossas festas. Suportei a recordação com algum esforço; mas um barbeiro da vizinhança lembrou-se de zumbir, e essa voz — porque até então a recordação era muda — essa voz do passado, fanhosa e saudosa, a tal ponto me comoveu, que...

Os olhos dela estavam secos. Sabina não herdou a flor amarela e mórbida. Que importa? Era minha irmã, meu sangue,

um pedaço de minha mãe, e eu lhe disse com ternura, com sinceridade... Súbito, ouço bater à porta da sala; vou abrir; era um anjinho de cinco anos.

— Entra, Sara, disse Sabina.

Era minha sobrinha. Apanhei-a do chão, beijei-a muitas vezes; a pequena, espantada, empurrava meu ombro com a mãozinha, quebrando o corpo para descer... Nisto, aparece-me à porta um chapéu, e logo um homem, o Cotrim, nada menos que o Cotrim. Eu estava tão comovido, que deixei a filha e lancei-me aos braços do pai. Talvez essa efusão o desconcertou um pouco; é certo que me pareceu acanhado. Simples. Daí a pouco falávamos como bons amigos velhos. Nenhuma alusão ao passado, muitos planos de futuro, promessa de jantarmos em casa um do outro. E não deixei de dizer que essa troca de jantares podia ser que tivesse uma curta interrupção, porque eu andava com **ideias** de uma viagem ao Norte. Sabina olhou para o Cotrim, o Cotrim para Sabina; ambos concordaram que essas **ideias** não tinham senso comum. Que podia eu achar no Norte? Pois não era na corte, em plena corte, que devia continuar a brilhar, a meter num chinelo os rapazes do tempo? Que, na verdade, nenhum havia que se me comparasse; ele, Cotrim, acompanhava-me de longe, e, não obstante uma briga ridícula, teve sempre interesse, orgulho, vaidade nos meus triunfos. Ouvia o que se dizia a meu respeito, nas ruas e nas salas; era um concerto de louvores e admirações. E deixa-se isso para ir passar alguns meses na província, sem necessidade, sem motivo sério? A menos que não fosse política...

— Justamente política, disse eu.

— Nem assim, replicou ele daí a um instante. — E depois de outro silêncio: — Seja como for, venha jantar hoje conosco.

— Certamente que vou; mas, amanhã ou depois, virão jantar comigo.

— Não sei, não sei, disse Sabina; casa de homem solteiro... Você precisa casar, mano. Também eu quero uma sobrinha, ouviu?

Cotrim reprimiu-a com um gesto, que não entendi bem. Não importa; a reconciliação de uma família vale bem um gesto enigmático.

Capítulo LXXXII

Questão de botânica

Digam o que quiserem dizer os hipocondríacos: a vida é uma coisa doce. Foi o que eu pensei comigo, ao ver Sabina, o marido e a filha descerem as escadas, dizendo muitas palavras afetuosas para cima, onde eu ficava — no patamar — a dizer-lhes outras tantas para baixo. Continuei a pensar que, na verdade, era feliz. Amava-me uma mulher, tinha a confiança do marido, ia por secretário de ambos, e reconciliava-me com os meus. Que podia desejar mais, em vinte e quatro horas?

Nesse mesmo dia, tratando de organizar os ânimos, comecei a espalhar que talvez fosse para o Norte como secretário de província, a fim de realizar certos desígnios políticos, que me eram pessoais. Disse-o na Rua do Ouvidor, repeti-o no dia seguinte, no Pharoux e no teatro. Alguns, ligando a minha nomeação à do Lobo Neves, que já andava em boatos, sorriam maliciosamente, outros batiam-me no ombro. No teatro disse-me uma senhora que era levar muito longe o amor da escultura. Referia-se às belas formas de Virgília.

Mas a referência mais rasgada que me fizeram foi na casa de Sabina, três dias depois. Quem fez foi um certo Garcez, velho cirurgião, pequenino, trivial e que podia chegar aos setenta, aos oitenta, aos noventa anos sem adquirir jamais aquela compostura de seriedade, que é a gentileza do idoso. A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e última surpresa da natureza humana.

— Já sei, desta vez vai ler Cícero, disse-me ele, ao saber da viagem.

— Cícero! Exclamou Sabina.

— Pois então? Seu irmão é um grande latinista. Traduz Virgílio de relance. Olhe que é Virgílio e não Virgília... não confunda...

E ria, de um riso grosso, rasteiro e descompromissado. Sabina olhou para mim, receosa de alguma resposta; mas sorriu, quando me viu sorrir, e voltou o rosto para disfarçá-lo. As outras pessoas olhavam-me com um ar de curiosidade, pena e simpatia: era transparente que não acabavam de ouvir nenhuma

novidade. O caso dos meus amores andava mais público do que eu podia suportar. Entretanto sorri, um sorriso curto, fugitivo e guloso. Virgília era um belo erro, e é tão fácil confessar um belo erro! Costumava ficar carrancudo, a princípio, quando ouvia alguma alusão aos nossos amores; mas, palavra de honra! Sentia cá dentro uma impressão suave e interessante. Uma vez, porém, aconteceu-me sorrir, e continuei a fazê-lo das outras vezes. Não sei se há alguém que explique o fenômeno. Eu explico-o assim: a princípio, o contentamento, sendo interior, era por assim dizer o mesmo sorriso, mas abotoado; andando o tempo, **desabotoou-se** em flor, e apareceu aos olhos do próximo. Simples questão de botânica.

Capítulo LXXXIII

13

Cotrim tirou-me daquele gozo, levando-me à janela. — Você quer que lhe diga uma coisa? perguntou ele; — não faça essa viagem; é insensata, é perigosa.

— Por quê?

— Você bem sabe por que, tornou ele: é, sobretudo, perigosa, muito perigosa. Aqui na corte, um caso desses **perde-se** na multidão da gente e dos interesses; mas na província muda de figura; e, tratando-se de personagens políticos, é realmente loucura. As revistas de oposição, logo que farejarem o negócio, passam a imprimi-lo com todas as letras, e aí virão as confusões...

— Mas não entendo...

— Entende, entende. Em verdade, seria bem pouco amigo nosso, se me negasse o que toda a gente sabe. Eu sei disso há longos meses. Repito, não faça tal viagem; suporte a ausência, que é melhor, e evite algum grande escândalo e maior desgosto...

Disse isto e foi para dentro. Eu fiquei com os olhos no poste da esquina. Que fazer? Era o caso de Hamlet: ou dobrar-me à sorte, ou lutar com ela e subjugá-la. Por outros termos: embarcar ou não embarcar. Esta era a questão. O poste não me dizia nada. As palavras do Cotrim ressoavam aos ouvidos da memória, de

um modo muito diferente do das palavras do Garcez. Talvez Cotrim tivesse razão; mas podia eu separar-me de Virgília?

Sabina veio ter comigo e perguntou-me em que estava pensando. Respondi que em coisa nenhuma, que tinha sono e ia para casa. Sabina esteve um instante calada. — O que você precisa, sei eu; é uma noiva. Deixe, que eu ainda arranjo uma noiva para você. Saí de lá oprimido, desorientado. Tudo pronto para embarcar — espírito e coração — e aí me surge esse porteiro das conveniências, que me pede o cartão de ingresso. Dei ao diabo as conveniências, e com elas a constituição, o corpo legislativo, o ministério, tudo.

No dia seguinte, abro uma folha política e leio a notícia de que, por decreto de 13, tínhamos sido nomeados presidente e secretário da província de *** o Lobo Neves e eu. Escrevi imediatamente a Virgília, e segui duas horas depois para a Gamboa. Coitada de Dona Plácida! Estava cada vez mais aflita; perguntou-me se esqueceríamos a nossa velha, se a ausência era grande e se a província ficava longe. Consolei-a; mas eu próprio precisava de consolações; a fala do Cotrim afligia-me. Virgília chegou daí a pouco, feliz como uma andorinha; mas, ao ver-me triste, ficou muito séria.

— Que aconteceu?

— Vacilo, disse eu; não sei se devo aceitar...

Virgília deixou-se cair, no sofá, a rir. — Por quê? Disse ela.

— Não é conveniente, dá muito na vista...

— Mas nós já não vamos.

— Como assim?

Contou-me que o marido ia recusar a nomeação, e por motivo que só lhe disse, a ela, pedindo-lhe o maior segredo; não podia confessá-lo a ninguém mais. — É infantil, observou ele, é ridículo; mas em suma, é um motivo poderoso para mim. Referiu-lhe que o decreto trazia a data de 13, e que esse número significava para ele uma recordação fúnebre. O pai morreu num dia 13, treze dias depois de um jantar em que havia treze pessoas. A casa em que morrera a mãe tinha o nº 13. *Et cetera*. Era um algarismo fatídico. Não podia alegar semelhante coisa ao ministro; diria que tinha razões particulares para não aceitar.

Eu fiquei como há de estar o leitor — um pouco assombrado com esse sacrifício a um número; mas, sendo ele ambicioso, o sacrifício devia ser sincero...

Capítulo LXXXIV

O conflito

Número fatídico, lembra que te abençoei muitas vezes? Assim também as virgens ruivas de Tebas deviam abençoar a égua, de crina ruiva, que as substituiu no sacrifício de Pelópidas, — uma égua danosa, que lá morreu, coberta de flores, sem que ninguém lhe desse nunca uma palavra de saudade. Pois eu dou, égua piedosa, não só pela morte ocorrida, como porque, escapa entre as donzelas, não é impossível que figurasse uma avó dos Cubas... Número fatídico, você foi a nossa salvação.

Não me confessou o marido a causa da recusa; disse-me também que eram negócios particulares, e o rosto sério, convencido, com que eu o escutei, fez honra ao fingimento humano. Ele é que mal podia encobrir a tristeza profunda que o marcava; falava pouco, absorvia-se, metia-se em casa, a ler. Outras vezes recebia, e então conversava e ria muito, com barulho e afeto. Estava oprimido por duas coisas — a ambição, que um escrúpulo teria tirado as asas, e logo depois a dúvida, e talvez o arrependimento, mas um arrependimento, que viria outra vez, se repetisse a hipótese, porque o fundo supersticioso existia. Duvidava da superstição, sem chegar a rejeitá-la. Essa persistência de um sentimento, que repugna ao mesmo indivíduo, era um fenômeno digno de alguma atenção. Mas eu preferia a pura ingenuidade de Dona Plácida, quando confessava não poder ver um sapato voltado para o ar.

— Que tem isso? Perguntava-lhe eu.

— Faz mal, era a sua resposta.

Isto somente, esta única resposta, que valia para ela o livro dos sete selos. Faz mal. Disseram-lhe isso em criança, sem outra explicação, e ela contentava-se com a certeza do mal. Já não acontecia a mesma coisa quando se falava de apontar uma

estrela com o dedo; aí sabia perfeitamente que era caso de criar uma verruga.

Ou verruga ou outra coisa, que valia isso, para quem não perde uma presidência de província? Tolera-se uma superstição gratuita ou barata; é insuportável a que leva uma parte da vida. Este era o caso do Lobo Neves com o acréscimo da dúvida e do terror de ter sido ridículo. E mais este outro acréscimo, que o ministro não acreditou nos motivos particulares; atribuiu a recusa do Lobo Neves a manejos políticos, ilusão complicada de algumas aparências; tratou-o mal, comunicou a desconfiança aos colegas; sobrevieram incidentes; enfim, com o tempo, o presidente que havia negado foi para a oposição.

Capítulo LXXXV

O cimo da montanha

Quem escapa a um perigo ama a vida com outra intensidade. Entrei a amar Virgília com muito mais ardor, depois que estive perto de perdê-la, e a mesma coisa lhe aconteceu a ela. Assim, a presidência não fez mais do que avivar a afeição primitiva; foi a droga com que tornamos mais saboroso o nosso amor, e mais prezado também. Nos primeiros dias, depois daquele incidente, folgávamos de imaginar a dor da separação, se houvesse separação, a tristeza de um e de outro, à proporção que o mar, como uma toalha elástica, se fosse dilatando entre nós; e, semelhantes às crianças, que se achegam ao regaço das mães, para fugir a uma simples careta, fugíamos do suposto perigo, apertando-nos com abraços.

— Minha boa Virgília!

— Meu amor!

— Você é minha, não?

— Sua, sua...

E assim reatamos o fio da aventura, como a sultana Scheherazade o dos seus contos. Esse foi, acredito eu, o ponto máximo do nosso amor, o cume da montanha, de onde por

algum tempo dividimos os vales de leste e de oeste, e por cima de nós o céu **tranquilo** e azul. Repousado esse tempo, começamos a descer a encosta, com as mãos presas ou soltas, mas a descer, a descer...

Capítulo LXXXVI

O mistério

Serra abaixo, como eu a visse um pouco diferente, não sei se abatida ou outra coisa, perguntei-lhe o que tinha; calou-se, fez um gesto de cansaço, de mal-estar, de fadiga; insisti, ela disse-me que... Um fluido sutil percorreu todo o meu corpo: sensação forte, rápida, singular, que eu não chegarei jamais a fixar no papel. Travei-lhe das mãos, puxei-a levemente a mim e beijei-a na testa, com uma delicadeza de zéfito e uma gravidade de Abraão. Ela estremeceu, colocou minha cabeça entre as palmas da mão, fitou-me os olhos, depois afagou-me com um gesto maternal... Eis aí um mistério; deixemos ao leitor o tempo de decifrar este mistério.

Capítulo LXXXVII

Geologia

Sucedeu por esse tempo um desastre: a morte do Viegas. O Viegas passou aí de relance, num capítulo, com os seus setenta anos, abafados de asma, desconjuntados de reumatismo, e uma lesão de coração de quebra. Foi um dos finos observadores da nossa aventura. Virgília nutria grandes esperanças em que esse velho parente, avarento como um sepulcro, lhe amparasse o futuro do filho, com algum legado; e, se o marido tinha iguais pensamentos, encobria-os ou estrangulava-os. Tudo se deve dizer: havia no Lobo Neves certa dignidade fundamental, uma camada de rocha, que resistia ao comércio dos homens. As outras, as camadas de cima, terra solta e areia, levou-lhes a vida, que é uma chuva perpétua. Se o leitor ainda se lembra do capítulo 23, observará que é agora a segunda vez que eu comparo a vida a uma chu-

va; mas também há de reparar que desta vez acrescento-lhe um adjetivo — perpétua. E Deus sabe a força de um adjetivo, principalmente em países novos e quentes.

O que é novo neste livro é a geologia moral do Lobo Neves, e provavelmente a do cavalheiro, que está lendo. Sim, essas camadas de caráter, que a vida altera, conserva ou dissolve, conforme a resistência delas, essas camadas mereciam um capítulo, que eu não escrevo, para não alongar a narração. Digo apenas que o homem mais correto que conheci em minha vida foi um certo Jacó Medeiros ou Jacó Valadares, não me recordo bem o nome. Talvez fosse Jacó Rodrigues; em suma, Jacó. Era a honestidade em pessoa; podia ser rico, violentando um pequenino escrúpulo, e não quis; deixou perder nada menos de uns quatrocentos contos; tinha a honra tão exemplar, que chegava a ser miúda e cansativa. Um dia, como nos achássemos, a sós, em casa dele, em boa palestra, vieram dizer que o procurava o Doutor B., um sujeito enfadonho. Jacó mandou dizer que não estava em casa.

— Não pega, bradou uma voz do corredor; estou aqui dentro.

E, com efeito, era o Doutor B., que apareceu logo à porta da sala. O Jacó foi recebê-lo, afirmando que pensava ser outra pessoa, e não ele, e acrescentando que tinha muito prazer com a visita, o que nos rendeu hora e meia de enfado mortal, e isto mesmo porque o Jacó tirou o relógio; o Doutor B. perguntou-lhe então se ia sair.

— Com minha mulher, disse o Jacó.

Retirou-se o Doutor B. e respiramos. Uma vez respirados, disse eu ao Jacó que ele acabava de mentir quatro vezes, em menos de duas horas: a primeira, negando-se; a segunda, alegrando-se com a presença do importuno; a terceira, dizendo que ia sair; a quarta, acrescentando que com a mulher. Jacó refletiu um instante, depois confessou a justeza da minha observação, mas desculpou-se dizendo que a verdade absoluta era incompatível com um estado social adiantado, e que a paz das cidades só se podia obter à custa de mentiras recíprocas... Ah! Lembro-me agora: chamava-se Jacó Tavares.

Capítulo LXXXVIII

O enfermo

Não é preciso dizer que refutei tão perniciosa doutrina, com os mais básicos argumentos; mas ele estava tão envergonhado de minha observação, que resistiu até o fim, mostrando certo calor fictício, talvez para atordoar a consciência.

O caso de Virgília tinha alguma seriedade a mais. Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, enchia o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um testamento. Propriamente, adulava-o; mas eu observei que a bajulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens. Esta luta pela servilidade; a outra confunde-se com a afeição. As formas graciosamente curvas, a palavra doce, a mesma fraqueza física dão à ação desprezível da mulher uma cor local, um aspecto legítimo. Não importa a idade do bajulado; a mulher há de ter sempre para ele uns ares de mãe ou de irmã — ou ainda de enfermeira, outro ofício feminino, em que o mais hábil dos homens carecerá sempre de um fluido, alguma coisa.

Era o que eu pensava comigo, quando Virgília se desfazia toda em carinhos ao velho parente. Ela ia recebê-lo à porta, falando e rindo, tirava-lhe o chapéu e a bengala, dava-lhe o braço e levava-o a uma cadeira, ou até a cadeira, porque havia lá na casa a “cadeira do Viegas”, obra especial, aconchegante, feita para gente doente ou idosa. Ia fechar a janela próxima, se havia alguma brisa, ou abria-a, se estava calor, mas com cuidado, combinando de modo que não lhe desse um golpe de ar.

— Então? Hoje está mais fortezinho...

— Não! Passei mal a noite; o diabo da asma não me deixa.

E respirava o homem, repousando a pouco e pouco do cansaço da entrada e da subida, não do caminho, porque ia sempre de carro. Ao lado, um pouco mais para a frente, sentava-se Virgília, numa banquinha, com as mãos nos joelhos do enfermo. Entretanto, o nhonhô chegava à sala, sem os pulos do costume, mas discreto, meigo, sério. Viegas gostava muito dele.

— Vem cá, nhonhô, dizia-lhe; e a custo introduzia a mão

na ampla bolsa, tirava uma caixinha de pastilhas, metia uma na boca e dava outra ao pequeno. Pastilhas antiasmáticas. O pequeno dizia que eram muito boas.

Repetia-se isto, com variações. Visto que o Viegas gostava de jogar damas, Virgília cumpria-lhe o desejo, aturando-o por largo tempo, a mover as pedras com a mão frouxa e lenta. Outras vezes, desciam para passear na chácara, dando-lhe ela o braço, que ele nem sempre aceitava, por dizer-se firme e capaz de andar uma légua. Iam, sentavam-se, tornavam a ir, a falar de coisas várias, ora de um negócio de família, ora de uma fofoca de sala, ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de jeito moderno, porque a dele era das antigas, contemporânea de el-rei Dom João VI, à maneira de algumas, que ainda hoje (creio eu) se podem ver no Bairro de São Cristóvão, com as suas grossas colunas na frente. Parecia-lhe que o casarão em que morava podia ser substituído, e já tinha encomendado o risco a um pedreiro de fama. Ah! Então sim, então é que Virgília chegaria a ver o que era um velho de gosto.

Falava, como se pode supor, lentamente e a custo, intervalado de uma respiração incômoda para ele e para os outros. De quando em quando, vinha um acesso de tosse; curvo, gemendo, levava o lenço à boca, e investigava-o; passado o acesso, tornava ao plano da casa, que devia ter tais e tais quartos, um terraço, cocheira, uma maravilha.

Capítulo LXXXIX

In extremis

— Amanhã vou passar o dia em casa do Viegas, disse-me ela uma vez. Coitado! Não tem ninguém...

Viegas havia caído na cama, definitivamente; a filha, casada, adoeceu justamente agora, e não podia fazer-lhe companhia. Virgília ia lá de quando em quando. Eu aproveitei a circunstância para passar todo aquele dia ao pé dela. Eram duas horas da tarde quando cheguei. Viegas tossia com tal força que me fazia arder o peito; no intervalo dos acessos debatia o preço de uma casa, com um sujeito magro. O sujeito oferecia trinta contos, o

Viegas exigia quarenta. O comprador instava como quem receia perder o trem da estrada de ferro, mas Viegas não cedia; recusou primeiramente os trinta contos, depois mais dois, depois mais três, enfim teve um forte acesso, que lhe tolheu a fala durante quinze minutos. O comprador acarinhou-o muito, arranjou-lhe os travesseiros, ofereceu-lhe trinta e seis contos.

— Nunca! Gemeu o enfermo.

Mandou buscar um maço de papéis à escrivaninha; não tendo forças para tirar a fita de borracha que prendia os papéis, pediu-me que os deslaçasse: fiz. Eram as contas das despesas com a construção da casa: contas de pedreiro, de carpinteiro, de pintor; contas do papel da sala de visitas, da sala de jantar, dos quartos, dos gabinetes; contas das ferragens; custo do terreno. Ele abria-as, uma por uma, com a mão trêmula, e pedia-me que as lesse, e eu lia-as.

— Veja; mil e duzentos, papel de mil e duzentos a peça. Dobradiças francesas... Veja, é de graça, concluiu ele depois de lida a última conta.

— Pois bem... mas...

— Quarenta contos; não lhe dou por menos. Só os juros... faça a conta dos juros... Vinham tossidas estas palavras, às golfadas, às sílabas, como se fossem migalhas de um pulmão desfeito. Nas órbitas fundas rolavam os olhos brilhantes, que me faziam lembrar a luz da madrugada. Sob o lençol desenhava-se a estrutura óssea do corpo, pontudo em dois lugares, nos joelhos e nos pés; a pele amarelada, bamba, rugosa, revestia apenas a caveira de um rosto sem expressão; uma carapuça de algodão branco cobria-lhe o crânio raspado pelo tempo.

— Então? Disse o sujeito magro.

Fiz-lhe sinal para que não insistisse, e ele calou-se por alguns instantes. O doente ficou a olhar para o teto, calado, a respirar muito: Virgília empalideceu, levantou-se, foi até a janela. Percebeu a morte e tinha medo. Eu procurei falar de outras coisas. O sujeito magro contou uma piada, e tornou a tratar da casa, alteando a proposta.

— Trinta e oito contos, disse ele.

— Ahn?... gemeu o enfermo.

O sujeito magro aproximou-se da cama, pegou-lhe na mão, e sentiu-a fria. Eu acheguei-me ao doente, perguntei-lhe se sentia alguma coisa, se queria tomar um cálice de vinho.

— Não... não... quar... quaren... quar... quar...

Teve um acesso de tosse, e foi o último; daí a pouco morria ele, com grande contrariação do sujeito magro, que me confessou depois a disposição em que estava de oferecer os quarenta contos; mas era tarde.

Capítulo XC

O velho diálogo de Adão e Caim

Nada. Nenhuma lembrança no testamento, uma pastilha que fosse, de forma que não parecesse ingrato ou esquecido. Nada. Virgília tragou raivosa esse mal sucesso, e disse-me com certa cautela, não pela coisa em si, senão porque entendia com o filho, de quem sabia que eu não gostava muito, nem pouco. Insinuei-lhe que não devia pensar mais em semelhante coisa. O melhor de tudo era esquecer o defunto e tratar de coisas alegres; o nosso filho por exemplo...

Lá me escapou a decifração do mistério, esse doce mistério de algumas semanas antes, quando Virgília me pareceu um pouco diferente do que era. Um filho! Um ser tirado do meu ser! Esta era a minha preocupação exclusiva daquele tempo. Olhos do mundo, zelos do marido, morte do Viegas, nada me interessava por então, nem conflitos políticos, nem revoluções, nem terremotos, nem nada. Eu só pensava naquele embrião anônimo, de paternidade escondida, e uma voz secreta me dizia: é teu filho. Meu filho! E repetia estas duas palavras, com certa alegria indefinível, e não sei que ventos de orgulho. Sentia-me homem.

O melhor é que conversávamos os dois, o embrião e eu, falávamos de coisas presentes e futuras. O menino me amava, era um danado gracioso, dava-me pancadinhas na cara com as mãozinhas gordas, ou então traçava a roupa de doutor, porque ele havia de ser doutor, e fazia um discurso na Câmara dos Deputados. E o pai a ouvi-lo de uma tribuna, com os olhos rasos de lágrimas. De bacharel passava outra vez à escola, pequenino, quadro e livros



debaixo do braço, ou então caía no berço para tornar a erguer-se homem. Em vão buscava fixar no espírito uma idade, uma atitude: esse embrião tinha a meus olhos todos os tamanhos e gestos: ele mamava, ele escrevia, ele valsava, ele era o interminável nos limites de um quarto de hora, — *baby* e deputado, colegial e jovem. Às vezes, ao pé de Virgília, esquecia-me dela e de tudo; Virgília sacudia-me, quebrava o silêncio; dizia que eu já lhe não queria nada. A verdade é que estava em diálogo com o embrião; era o velho debate de Adão e Caim, uma conversa sem palavras entre a vida e a vida, o mistério e o mistério.

Capítulo XCI

Uma carta extraordinária

Por esse tempo, recebi uma carta extraordinária, acompanhada de um objeto não menos extraordinário. Eis o que a carta dizia:

“Meu caro Brás Cubas,

Há tempos, no Passeio Público, tomei-lhe de empréstimo um relógio. Tenho a satisfação de restituir-lhe com esta carta. A diferença é que não é o mesmo, porém outro, não digo superior, mas igual ao primeiro. *Que voulez-vous monseigneur* — como dizia Figaro — *c'est la misère*. Muitas coisas se deram depois do nosso encontro; irei contá-las aos poucos, se não me fechar a porta. Saiba que já não trago aquelas botas velhas, nem envergo uma famosa capa cujas abas se perdiam na noite dos tempos. Cedi o meu degrau da escada de São Francisco; finalmente, almoço.

Dito isto, peço licença para ir um dia destes expor-lhe um trabalho, fruto de longo estudo, um novo sistema de filosofia, que não só explica e descreve a origem e a consumação das coisas, como faz dar um grande passo adiante de Zenon e Sêneca, cujo estoicismo era um verdadeiro brinco de crianças ao pé da minha receita moral. É singularmente espantoso este meu sistema; retifica o espírito humano, diminui a dor, assegura a felicidade, enche de imensa glória o nosso país. Chamo-lhe Humanitismo, de *Humanitas*, princípio das coisas. Minha primeira

ideia revelava uma grande verdade; era chamar-lhe borbismo, de Borba; denominação vaidosa, além de rude e molesta. E com certeza exprimia menos. Verá, meu caro Brás Cubas, verá que é um monumento; e, se alguma coisa há que possa fazer-me esquecer as amarguras da vida, é o gosto de haver enfim apanhado a verdade e a felicidade. Estão na minha mão, essas duas fugitivas; após tantos séculos de lutas, pesquisas, descobertas, sistemas e quedas, estão nas mãos do homem. Até breve, meu caro Brás Cubas. Saudades do Velho amigo Joaquim Borba dos Santos”.

Li esta carta sem entendê-la. Vinha com ela uma bolsa contendo um bonito relógio com as minhas iniciais gravadas, e esta frase: *Lembrança do velho Quincas*. Voltei à carta, reli-a com pausa, com atenção. A restituição do relógio excluía toda a **ideia** de farsa; a lucidez, a serenidade, a convicção — um pouco estranha, é certo — pareciam excluir a suspeita de insensatez. Naturalmente o Quincas Borba havia herdado de algum dos seus parentes de Minas, e a riqueza devolvera-lhe a primitiva dignidade. Não digo tanto; há coisas que não podem reaver integralmente; mas enfim a regeneração não era impossível. Guardei a carta e o relógio e esperei a filosofia.

Capítulo XCII

Um homem extraordinário

Vou terminar agora com as coisas extraordinárias. Terminei de guardar a carta e o relógio, quando um homem magro e mediano me procurou, com um bilhete do Cotrim, me convidando para jantar. O portador era casado com uma irmã do Cotrim, tinha chegado do Norte fazia poucos dias, chamava-se Damasceno e fizera a revolução de 1831. Foi ele mesmo que me disse isto, no espaço de cinco minutos. Tinha saído do Rio de Janeiro, por não concordar com o Príncipe Regente, que era um burro, pouco menos burro do que os ministros que serviram com ele. De resto, a revolução estava outra vez próxima. Neste ponto, ainda que trouxesse as **ideias** políticas um pouco misturadas, consegui organizar e formular o governo de suas preferências: era um absolutismo

moderado — não por cantigas, como dizem em outro lugar, mas pelo poder da guarda nacional. Só não entendi se ele queria o absolutismo de um, de três, de trinta ou de trezentos. Opinava por várias coisas, entre outras, o desenvolvimento do tráfico dos africanos e a expulsão dos ingleses. Gostava muito de teatro; logo que chegou foi ao teatro de São Pedro, onde viu um drama soberbo, a Maria Joana, e uma comédia muito interessante, Kettly ou a Volta à Suíça. Também gostou muito da Deperini, na Safo, ou na Ana Bolena, não se lembrava bem. Mas a Candiani! Sim, senhor, achava ridícula. Agora queria ouvir o Ernani, que a filha dele cantava em casa, ao piano: Ernani, Ernani, involami... — E dizia isto se levantando e cantarolando a meia voz. No Norte essas coisas chegavam como um eco. A filha adorava ouvir todas as óperas. Tinha uma voz muito mimosa. E gosto, muito gosto. Ah! Ele estava ansioso por voltar ao Rio de Janeiro. Já havia andado a cidade toda, com umas saudades... Palavra! Em alguns lugares teve vontade de chorar. Mas não embarcaria mais. Enjoou muito a bordo, como todos os outros passageiros, exceto um inglês... Aos diabos os ingleses! Não era correto sem todos eles partirem de vez. Que é que a Inglaterra podia fazer com a gente? Se ele encontrasse algumas pessoas de boa vontade, em uma noite expulsaria tais godemes³⁶.

Graças a Deus, tinha patriotismo — e batia no peito — ,o que não admirava porque era de família; descendia de um antigo capitão-mor muito patriota. Sim, não era nenhum pé-rapado. Viesse a ocasião, e ele mostraria com quantos paus se faz uma jangada... Mas já era tarde, ia dizer que eu não faltaria ao jantar, e lá me esperava para uma conversa maior. Levei-o até a porta da sala; ele parou dizendo que simpatizava muito comigo. Quando casara, eu estava na Europa. Conheceu meu pai, um homem correto, com quem dançara num célebre baile da Praia Grande... Coisas! Coisas! Falaria depois, já era tarde, tinha de ir levar a resposta ao Cotrim. Saiu; fechei a porta...

³⁶ Ingleses

Capítulo XCIII

O jantar

Que sofrimento foi o jantar! Felizmente, Sabina me colocou pra sentar perto da filha do Damasceno, uma Dona Eulália, ou mais familiarmente Nhã-loló, moça bem graciosa, um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio. Não era muito elegante, mas isto era compensado com os olhos, que eram ativos e só tinham o defeito de não se desviarem de mim, exceto quando desciam ao prato; mas Nhã-loló comia tão pouco, que quase não olhava para o prato. De noite cantou; a voz era, como dizia o pai, “muito mimosa”. Entretanto, esquivei-me. Sabina veio até à porta e me perguntou que tal achara a filha do Damasceno.

— Mais ou menos.

— Muito simpática, não é? ela falou; falta a ela um pouco mais de elegância. Mas que coração! É uma pérola. Bem boa noiva para você.

— Não gosto de pérolas.

— Teimoso! Até quando você vai se guardar? Para quando estiver a cair de maduro, já sei. Pois, meu rico, quer você queira quer não, há de casar com Nhã-loló. E dizia isto batendo no meu rosto com os dedos, meiga como uma pomba, e ao mesmo tempo enérgica e decidida. Santo Deus! Seria esse o motivo da reconciliação? Fiquei um pouco desconsolado com a **ideia**, mas uma voz misteriosa me chamava à casa do Lobo Neves; me despedi de Sabina e das suas ameaças.

Capítulo XCIV

A causa secreta

“Como está a minha querida mamãe?”

— A esta palavra, Virgília ficou aborrecida, como sempre. Estava ao canto de uma janela, sozinha, olhando para a lua, e me recebeu alegremente; mas, quando lhe falei do nosso filho, se aborreceu. Não gostava de semelhante referência. Ela não gostava das minhas antecipadas carícias de

pai. E eu, para quem ela era já uma pessoa sagrada, um vaso divino, deixava ela quieta. Eu supus primeiramente que o embrião, esse perfil do desconhecido, entrando na nossa aventura, traria de volta a Virgília a consciência do mal. Enganava-me. Nunca Virgília me pareceu mais expansiva, mais sem limites, menos preocupada com os outros e com o marido. Não eram remorsos. Imaginei também que a gravidez seria pura invenção, um modo de me prender a ela, recurso sem muita eficácia, que talvez começasse a oprimi-la. Não era absurda esta hipótese; a minha doce Virgília mentia às vezes com tanta graça!

Naquela noite descobri a causa verdadeira. Era medo do parto e vergonha da gravidez. Sofreu muito quando nasceu o seu primeiro filho; e essa hora, feita de minutos de vida e minutos de morte, fazia imaginar os calafrios da forca. Quanto à vergonha, era complicada ainda pela forçada privação de certos hábitos da vida elegante. Com certeza, era isso mesmo. A fiz entender, repreendendo-a, um pouco em nome dos meus direitos de pai. Virgília olhou pra mim; em seguida desviou os olhos e sorriu de um jeito como se não acreditasse.

Capítulo XCV

Flores dos tempos passados

Onde estão elas, as flores dos tempos passados? Uma tarde, após algumas semanas de gestação, esmigalhou-se todo o edifício das minhas fantasias paternas. Ela perdeu o bebê, naquele ponto em que se não distingue Laplace de uma tartaruga. Tive a notícia por boca do Lobo Neves, que me deixou na sala e acompanhou o médico ao quarto da frustrada mãe. Eu me encostei na janela, olhando para a chácara, onde verdejavam as laranjeiras sem flores. Onde estariam as flores dos tempos passados?

Capítulo XCVI

A carta anônima

Eu senti um toque no ombro; era o Lobo Neves. Nos encaramos alguns instantes, mudos, inconsoláveis. Perguntei de Virgília, depois ficamos conversando uma meia hora. No fim desse tempo, vieram lhe trazer uma carta; ele leu, ficou branco e fechou-a com a mão trêmula. Creio que lhe vi fazer um gesto, como se quisesse atirar-se sobre mim; mas não me lembro bem. O que me lembro claramente é que durante os dias seguintes me tratou com frieza e desânimo. Enfim Virgília me contou tudo, dias depois na Gamboa.

O marido lhe mostrou a carta, logo que ela se restabeleceu. Era anônima e denunciava-me e ela. Não dizia tudo; não falava, por exemplo, dos nossos encontros; limitava-se a precavê-lo contra a minha intimidade, e acrescentava que a suspeita era pública. Virgília leu a carta e disse com raiva que era uma calúnia sem-vergonha.

— Calúnia? Perguntou Lobo Neves.

— Sem-vergonha.

O marido respirou; mas, voltando à carta, parece que cada palavra dela lhe fazia com o dedo um sinal negativo, cada letra gritava contra a indignação da mulher. Esse homem, aliás ousado, era agora a mais frágil das criaturas. Talvez a imaginação lhe mostrou, ao longe, o famoso olho da opinião a fitá-lo ironicamente, com um ar de canalha; talvez uma boca invisível lhe repetiu ao ouvido as zombarias que ele escutara ou dissera outras vezes. Insistiu com a mulher que lhe confessasse tudo, porque perdoaria tudo. Virgília compreendeu que estava salva; mostrou-se irritada com a insistência, jurou que da minha parte só ouvira palavras de gracejo e cortesia. A carta havia de ser de algum namorado sem ventura. E citou alguns — um que a cantara francamente, durante algumas semanas, outro que lhe escrevera uma carta, e ainda outros e outros. Citava todos pelo nome, com circunstâncias, estudando os olhos do marido, e concluiu dizendo que, para não dar margem à calúnia, veria um jeito de eu não voltar mais a sua casa.

Ouvi tudo isto um pouco perturbado, não pelo acréscimo de falsidade que era preciso empregar de agora em diante, até me afastar inteiramente da casa do Lobo Neves, mas pela **tranquilidade** moral de Virgília, pela falta de comoção, de susto, de saudades, e até de remorsos. Virgília notou a minha preocupação, levantou minha cabeça, porque eu olhava então para o soalho, e me disse com certa amargura:

— Você não merece os sacrifícios que faço por você.

Não disse nada a ela; era inútil questionar que um pouco de desespero e terror daria à nossa situação o sabor da adrenalina dos primeiros dias; mas se eu dissesse isso, seria capaz de ela chegar lenta e de maneira artificial até esse pouco de desespero e terror. Não lhe disse nada. Ela batia nervosamente com a ponta do pé no chão; me aproximei e a beijei na testa. Virgília recuou como se fosse um beijo de defunto.

Capítulo XCVII

Entre a boca e a testa

Sinto que o leitor estremeceu — ou devia estremecer. Naturalmente a última palavra sugeriu-lhe três ou quatro reflexões. Veja bem o quadro: numa casinha da Gamboa, duas pessoas que se amam há muito tempo, uma inclinada para a outra, dando um beijo na testa, e a outra recuando, como se sentisse o contato de uma boca de cadáver. Há aí, no breve intervalo, entre a boca e a testa, antes do beijo e depois do beijo, há aí largo espaço para muita coisa — a diminuição de um ressentimento, a ruga da desconfiança, ou enfim o nariz pálido e sonolento de se estar saciado...

Capítulo XCVIII

Suprimido

Nos separamos alegremente. Jantei reconciliado com a situação. A carta anônima devolveva à nossa aventura o sal do mistério e a pimenta do perigo; e afinal foi bom que Virgília não

perdesse naquela crise a posse de si mesma. De noite fui ao Teatro de São Pedro; estava em cartaz uma grande peça, em que a Estela arrancava lágrimas. Entro; corro os olhos pelos camarotes; vejo em um deles Damasceno e a família. A filha se vestia com outra elegância e certo requinte, coisa difícil de explicar, porque o pai ganhava apenas o necessário para se endividar; e daí, talvez fosse por isso mesmo.

No intervalo fui visitá-los. O Damasceno me recebeu com muitas palavras, a mulher com muitos sorrisos. Quanto a **Nhã-loló**, não tirou mais os olhos de mim. Parecia agora mais bonita do que no dia do jantar. Achei nela certa suavidade elevada casada com o educado das formas terrenas: expressão vaga e digna de um capítulo em que tudo há de ser vago. Realmente, não sei como dizer a vocês que não me senti mal, ao pé da moça, trajando elegantemente um vestido fino, um vestido que me dava cócegas de Tartufo. Ao contemplá-lo, cobrindo respeitosamente e redondamente o joelho, foi que eu fiz uma descoberta sutil, a saber, que a natureza previu a vestidura humana, condição necessária ao desenvolvimento da nossa espécie. A nudez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a perder os sentidos e a retardar os sexos, ao passo que o vestuário, enganando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las, e conseqüentemente faz andar a civilização. Abençoado uso que nos deu Otelo e os navios transatlânticos!

Estou com vontade de apagar este capítulo. A decadência é perigosa. Mas enfim eu escrevo as minhas memórias e não as suas, leitor pacato. Ao pé da graciosa donzela, eu parecia estar tomado de uma sensação dupla e indefinível. Ela exprimia inteiramente a dualidade de Pascal, *l'ange et la bête*, com a diferença que o jansenista não admitia a existência ao mesmo tempo das duas naturezas, ao passo que elas aí estavam bem juntinhas — *l'ange*, que dizia algumas coisas do céu, e *la bête*, que... Não; decididamente apago este capítulo.

Capítulo XCIX

Na plateia

Na **plateia** achei Lobo Neves, de conversa com alguns amigos; falamos por alto, a frio, constrangidos um e outro. Mas no intervalo seguinte, prestes a levantar a cortina, nos encontramos num dos corredores, em que não havia ninguém. Ele veio a mim, com muita cortesia e riso, puxou-me a um dos cantos do teatro, e falamos muito, principalmente ele, que parecia o mais **tranquilo** dos homens. Cheguei a perguntar a ele pela mulher; respondeu que estava boa, mas mudou logo a conversa para assuntos gerais, expansivo, quase risonho. Adivinhe quem quiser a causa da diferença; eu fujo ao Damasceno, que me brecha da porta do camarote.

Não ouvi nada do ato seguinte, nem as palavras dos atores, nem as palmas do público. Reclinado na cadeira, apanhava de memória os retalhos da conversa do Lobo Neves, refazia as maneiras dele e concluía que era muito melhor a nova situação. Bastava-nos a Gamboa. A **frequência** da outra casa aguçaria as invejas. Rigorosamente podíamos dispensar de nos falar todos os dias; era até melhor, aumentaria a saudade no meio dos amores. Ainda mais, eu chegava aos quarenta anos, e não era nada, nem simples eleitor de paróquia. Tinha pressa em fazer alguma coisa, ainda por amor de Virgília, que havia de se alegrar quando visse brilhar o meu nome... Creio que nessa ocasião houve grandes aplausos, mas não juro; eu pensava em outra coisa.

Multidão, cujo amor cobicei até a morte, era assim que eu me vingava às vezes de ti; deixava burburinhar em volta do meu corpo a gente humana, sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo fazia aos seus carrascos. Ah! Você me prendia ao rochedo da sua superficialidade, da sua indiferença, ou da sua agitação? Frágeis algemas, minha amiga; eu rompia-as de um gesto de Gulliver. Coisa sem valor é ir considerar no escuro. O libidinoso, o esquisito, é se isolar o homem no meio de um mar de gestos e palavras, de nervos e paixões, decretar-se perdido, inacessível, ausente. O mais que podem dizer, quando ele torna a si, — isto é, quando torna aos outros — ,é que baixa do mundo da lua;

mas o mundo da lua, esse esconderijo luminoso e recatado do cérebro, que outra coisa é senão a afirmação soberba da nossa liberdade espiritual? Deus vive! Eis um bom final de capítulo.

Capítulo C

O caso provável

Se esse mundo não fosse uma região de espíritos desatentos, era desculpado lembrar ao leitor que eu só afirmo certas leis quando as possuo verdadeiramente; em relação a outras me restrinjo à admissão da probabilidade. Um exemplo da segunda classe constitui o presente capítulo, cuja leitura recomendo a todas as pessoas que amam o estudo dos fenômenos sociais. Segundo parece, e não é improvável, existe entre os fatos da vida pública e os da vida particular uma certa ação recíproca, regular, e talvez periódica — ou, para usar de uma imagem, há alguma coisa semelhante às marés da Praia do Flamengo e de outras igualmente repleta de ondas. Com efeito, quando a onda quebra na praia, alaga muitos metros adentro; mas esta mesma água retorna ao mar, com variável força, e vai engrossar a onda que há de vir, e que terá de retornar como a primeira. Esta é a imagem; vejamos a aplicação.

Deixei dito noutra página que o Lobo Neves, nomeado presidente da província, recusou a nomeação por motivo da data do decreto, que era 13; ato grave, cuja **consequência** foi separar do ministério o marido da Virgília. Assim, o fato particular do nojo de um número produziu o fenômeno da divisão política. Resta ver como, tempos depois, um ato político determinou na vida particular uma cessação de movimento. Não convindo ao método deste livro descrever imediatamente esse outro fenômeno, limito-me a dizer por enquanto que o Lobo Neves, quatro meses depois de nosso encontro no teatro, reconciliou-se com o ministério; fato que o leitor não deve perder de vista, se quiser penetrar a sutileza do meu pensamento.

Capítulo CI

A Revolução Dálmata

Virgília foi quem me deu notícia da reviravolta política do marido, certa manhã de outubro, entre onze e meio-dia; ela me falou de reuniões, de conversas, de um discurso...

— Desta vez você vai virar baronesa, eu falei.

Ela curvou os cantos da boca e moveu a cabeça a um e outro lado; mas esse gesto de indiferença era desmentido por alguma coisa mais difícil de entender, não muito clara, uma expressão de gosto e de esperança. E não sei por que imaginei que a carta imperial da nomeação podia torná-la mais virtuosa, não digo pela virtude em si mesma, mas por gratidão ao marido. Ela amava de coração a nobreza; e um dos maiores desgostos de nossa vida foi o aparecimento de certo maltrapilho de uma representação diplomática — achamos que seja da Dalmácia — ,o Conde B.V., que a namorou durante três meses. Esse homem, fino de verdade desde o berço, transtornou um pouco a cabeça de Virgília, que, além do mais, tinha jeito para a carreira diplomática. Não chego a imaginar o que seria de mim, se não começasse na Dalmácia uma revolução, que derrocou o governo e limpou as embaixadas. Foi uma revolução sangrenta, dolorosa, muito grande; os jornais, a cada navio que chegava da Europa, relatavam os horrores, mediam o sangue, contavam as cabeças; toda a gente fremia de repulsão e piedade... Eu não; eu no fundo abençoava essa tragédia, que me tirou uma pedrinha do meu sapato. E depois a Dalmácia era tão longe!

Capítulo CII

De repouso

Mas este mesmo homem, que se alegrou com a partida do outro, fez coisas depois que... Não, não vou contar nesta página; fica esse capítulo para repouso da minha humilhação. Uma ação grosseira, baixa, sem explicação possível... Repito, não vou contar o caso nesta página.



Capítulo CIII

Distração

— Não, senhor doutor, isto não se faz. Perdoe-me, isto não se faz.

Tinha razão Dona Plácida. Nenhum cavalheiro chega uma hora mais tarde ao lugar em que a dama espera por ele. Entrei ofegante; Virgília tinha ido embora. Dona Plácida me contou que ela tinha esperado muito, que tinha se irritado, chorado, e jurou desejar o desprezo para mim, e outras mais coisas que a nossa caseira dizia com lágrimas na voz, pedindo-me que não desamparasse Iaiá, que isso era ser muito injusto com uma moça que fazia tudo por mim. Expliquei a ela então que um erro... E não era; penso que foi simples distração. Um dito, uma conversa, uma anedota, qualquer coisa; simples distração.

Coitada de Dona Plácida! Estava muito aflita. Andava de um lado para outro, balançando a cabeça, suspirando barulhentosamente, olhando pela grade da janela. Coitada de Dona Plácida! Com que arte dobrava as roupas, soprava as faces, aconchegava as manhas do nosso amor! Que imaginação fértil em tornar as horas mais prazerosas e breves! Flores, doces — os bons doces de outros dias — e muito riso, muito carinho, um riso e um afago que cresciam com o tempo, como se ela quisesse consolidar a nossa aventura; ou fazer retornar o início do nosso amor. A nossa confidente e caseira não esquecia de nada; nada, nem a mentira, porque a um e outro referia suspiros e saudades que não presenciara; nada, nem a calúnia, porque uma vez chegou a me atribuir uma paixão nova. — Você sabe que não posso gostar de outra mulher, foi a minha resposta, quando Virgília me falou coisa semelhante. E Dona Plácida era só palavra, sem nenhum protesto ou repreensão, amenizou a minha traição e ficou triste.

— Está bem, eu disse a ela, depois de quinze minutos; Virgília vai reconhecer que não tive culpa nenhuma... Você quer levar uma carta pra ela agora mesmo?

— Ela deve estar muito triste, coitadinha! Olhe, eu não desejo a morte de ninguém; mas, se o senhor doutor algum dia chegar a casar com Iaiá, então sim, vai ver o anjo que ela é!

Eu me lembro que desviei o rosto e baixei os olhos ao chão. Recomendo este gesto às pessoas que não tiverem uma palavra pronta para responder, ou ainda as que tiverem medo em olhar nos olhos outras pessoas. Em tais casos, alguns preferem recitar uma oitava dos *Lusíadas*, outros adotam o recurso de assobiar a Norma; eu prefiro o gesto citado; é mais simples, exige menos esforço.

Três dias depois, estava tudo explicado. Suponho que Virgília ficou um pouco admirada, quando lhe pedi desculpa por fazê-la chorar naquela triste ocasião. Nem me lembro se interiormente atribuí as lágrimas a Dona Plácida. De fato, podia acontecer que Dona Plácida chorasse, ao ver Virgília desapontada, e, por uma ilusão de ótica, as lágrimas que tinha nos próprios olhos parecessem cair dos olhos de Virgília. Fosse como fosse, tudo estava explicado, mas não perdoado, e menos ainda esquecido. Virgília me dizia uma porção de coisas duras, me ameaçava com a separação, enfim elogiava o marido. Esse sim era um homem digno, muito superior a mim, delicado, um exemplo de educação e afeição; é o que ela dizia, enquanto eu, sentado, com os braços em cima dos joelhos, olhava para o chão, onde uma mosca arrastava uma formiga que lhe mordida o pé. Pobre mosca! Pobre formiga!

— Mas você não diz nada, nada? Perguntou Virgília, parando diante de mim.

— Dizer o quê? Já expliquei tudo; você teima em se zangar; dizer o quê? Sabe o que eu acho? Parece que você está aborrecida, que quer terminar...

— Justamente!

Pegou o chapéu, com a mão trêmula, raivosa... — Adeus, Dona Plácida, ela gritou para dentro. Depois foi até a porta, abriu a cortina, ia sair; agarrei-a pela cintura. — Está bem, está bem, eu disse a ela. Virgília ainda forçou pra sair. Eu impedi, pedi que ela ficasse, que esquecesse; ela afastou-se da porta e sentou-se na cadeira. Eu me sentei perto dela, disse muitas coisas carinhosas, outras humildes, outras graciosas. Não digo se os nossos lábios chegaram à distância de um fio de cambraia ou ainda menos; não me lembro. Me lembro, sim, que na agitação caiu um brinco de Virgília, que eu me inclinei para apanhá-lo, e que a mosca de há

pouco trepou no brinco, levando sempre a formiga no pé. Então eu, com a delicadeza natural de um homem do nosso século, pus na palma da mão aquele casal de mortificados; calculei toda a distância que ia da minha mão ao planeta Saturno e perguntei a mim mesmo que interesse podia haver num episódio tão turbulento. Se você concluir disso que eu era um bárbaro, está enganado, porque eu pedi um grampo a Virgília, a fim de separar os dois insetos; mas a mosca farejou a minha intenção, abriu as asas e foi-se embora. Pobre mosca! Pobre formiga! E Deus viu que isto era bom, como se diz na Escritura.

Capítulo CIV

Era ele!

Devolvi o grampo a Virgília, que colocou de novo nos cabelos, e se preparou para sair. Era tarde; tinham dado três horas. Tudo estava esquecido e perdoado. Dona Plácida, que esperava a ocasião adequada para a saída, fecha subitamente a janela e exclama:

— Virgem Nossa Senhora! Aí vem o marido de Iaiá!

O momento de terror foi curto, mas completo. Virgília ficou da cor das rendas do vestido, correu até a porta do quarto; Dona Plácida, que tinha fechado a janela, queria fechar também a porta de dentro; eu me dispus a esperar o Lobo Neves. Esse curto instante passou. Virgília tornou a si, me empurrou para o quarto, disse a Dona Plácida que voltasse à janela; a confidente obedeceu.

Era ele. Dona Plácida abriu a porta com muitas perguntas de espanto: — O senhor por aqui! Que honra para uma velha recebê-lo em casa! Entre, por favor. Adivinhe quem está aqui... Não tem que adivinhar, não veio por outra coisa... Apareça, Iaiá.

Virgília, que estava a um canto, atirou-se nos braços do marido. Eu olhava os dois pelo buraco da fechadura. O Lobo Neves entrou lentamente, pálido, frio, quieto, calmo, sereno, e olhou em volta da sala.

— O que é isto? Exclamou Virgília. Você por aqui?

— Ia passando, vi Dona Plácida na janela e vim cumprimentá-la.

— Muito obrigada, disse Dona Plácida. E digam se as ve-

lhas não valem alguma coisa... Vejam só! Iaiá parece estar com ciúmes. E acariciando-a muito: — Este anjinho é que nunca se esqueceu da velha Plácida. Coitadinha! É mesmo a cara da mãe... Sente-se, senhor doutor...

— Não vou demorar.

— Você vai para casa? Disse Virgília. Vamos juntos.

— Vou.

— Me dê o meu chapéu, Dona Plácida.

— Está aqui.

Dona Plácida foi buscar um espelho, abriu diante dela. Virgília colocou o chapéu, amarrava as fitas, arranjava os cabelos, falando ao marido, que não respondia nada. A nossa boa velha tagarelava demais; era um modo de disfarçar as tremuras do corpo. Virgília, dominado o primeiro instante, retomou o controle da situação.

— Pronto! Disse ela. Adeus, Dona Plácida; não se esqueça de aparecer, ouviu? A outra prometeu que sim, e abriu a porta.

Capítulo CV

Equivalência das janelas

Dona Plácida fechou a porta e caiu numa cadeira. Eu dei imediatamente o quarto, e dei dois passos para sair, com a finalidade de arrancar Virgília do marido; foi o que eu disse, e ainda bem que falei, porque Dona Plácida me agarrou por um braço. Houve tempo em que cheguei a supor que não dissera aquilo senão para que ela me impedisse; mas a simples reflexão basta para mostrar que, depois dos dez minutos no quarto, o gesto mais sincero e cordial não podia ser senão esse. E isto por aquela famosa lei da equivalência das janelas, que eu tive a satisfação de descobrir e formular, no capítulo 51. Era preciso arejar a consciência. O quarto foi uma janela fechada; eu abri outra com o gesto de sair, e respirei.

Capítulo CVI

Jogo perigoso

Respirei e me sentei. Dona Plácida gritava na sala com exclamações e lamentos. Eu ouvia, sem dizer nada; refletia comigo se não era melhor ter fechado Virgília no quarto e ficado na sala; mas vi logo que seria pior; confirmaria a suspeita, colocaria fogo na pólvora, e uma cena de sangue... Foi muito melhor assim. Mas depois? Que ia acontecer na casa de Virgília? O marido iria matá-la? Espancá-la? Trancá-la? Expulsá-la? Estas interrogações percorriam lentamente o meu cérebro, como os pontinhos e vírgulas escuras percorrem o campo visual dos olhos doentes ou cansados. Iam e vinham, com o seu aspecto seco e trágico, e eu não podia agarrar um deles e dizer: é você, você e não outro.

De repente vejo um vulto negro; era Dona Plácida, que tinha ido lá dentro, vestido o manto de renda, e vinha se oferecer para ir à casa do Lobo Neves. Argumentei que era arriscado, porque ele desconfiaria da visita tão próxima.

— Sossegue, disse ela; eu vou ter cuidado. Se ele estiver em casa não entro.

Saiu; eu fiquei remoendo o que aconteceu e as **consequências** possíveis. Quando terminei, parecia jogar um jogo perigoso, e perguntava a mim mesmo se não era tempo de levantar e espairer. Estava tomado de uma saudade do casamento, de um desejo de endireitar a vida. Por que não? Meu coração ainda tinha o que explorar; não me sentia incapaz de um amor casto, severo e puro. Na verdade, as aventuras são a parte radical e a adrenalina da vida, isto é, a exceção; eu estava cansado delas; não sei até se tinha algum remorso. Mal pensei naquilo, me deixei ir atrás da imaginação; me vi logo casado, ao pé de uma mulher adorável, diante de um bebê, que dormia no colo da ama, todos nós no fundo de uma chácara sombria e verde, olhando através das árvores um pedaço do céu azul, extremamente azul...

Capítulo CVII

Bilhete

“Não aconteceu nada, mas ele suspeita de alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez só, para nhonhô, depois de o olhar muito tempo, com a cara fechada. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Tenha muito cuidado, por ora, muito cuidado.”

Capítulo CVIII

Que não se entende

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse pedacinho de papel, rabiscado em partes, amassado, era um documento de análise, que eu não vou fazer neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Eu poderia tirar do leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a capacidade de perceber as coisas e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva fingida, o desespero que se constringe e medita, porque tem de ser resolvido na lama ou no sangue, ou nas lágrimas?

Quanto a mim, se eu disser a vocês que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, acreditem, que é verdade; se disser a vocês mais, que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, podem acreditar, é a pura realidade. Mas se eu disser a vocês da comoção que tive, duvidem um pouco da afirmação, e não a aceitem sem provas. Nem então, nem ainda agora cheguei a entender o que experimentei. Era medo, e não era medo; era dó e não era dó; era vaidade e não era vaidade; enfim, era amor sem amor, isto é, sem delírio; e tudo isso dava uma combinação muito complexa e vaga, uma coisa que vocês não podem entender, como eu não entendi. Suponhamos que não disse nada.

Capítulo CIX

O filósofo

Como é sabido que reli a carta, antes e depois do almoço, é sabido também que almocei, e só resta dizer que essa refeição foi uma das mais pobres da minha vida: um ovo, uma fatia de pão, uma xícara de chá. Não me esqueci deste pequeno detalhe; no meio de tanta coisa importante esquecida me escapou esse almoço. A razão principal poderia ser justamente o meu desastre; mas não foi; a principal razão foi a reflexão que me fez o Quincas Borba, cuja visita recebi naquele dia. Ele me disse que a moderação na alimentação não era necessária para entender o Humanitismo, e menos ainda para praticá-lo; que esta filosofia se acomodava facilmente com os prazeres da vida, inclusive a mesa, o espetáculo e os amores; e que, ao contrário, a alimentação moderada podia indicar certa tendência para a busca da perfeição moral, o que era a expressão acabada da tolice humana.

— Veja São João, continuou ele; comia gafanhotos, no deserto, em vez de engordar **tranquilamente** na cidade, e fazer emagrecer os fariseus na sinagoga. Deus me livre de contar a história do Quincas Borba, que, aliás, ouvi toda naquela triste ocasião, uma história longa, complicada, mas interessante. E se não vou contar a história, me dispenso também de descrever a figura, aliás, muito diferente da que me apareceu na praça. Prefiro me calar; digo somente que, se a principal característica do homem não são as feições, mas o vestuário, ele não era o Quincas Borba; era um desembargador sem beca, um general sem farda, um negociante sem déficit. Eu percebi a perfeição da sua sobrecasaca, a brancura da camisa, a limpeza das botas. A mesma voz, fanhosa de antes, parecia voltar ao primeiro aspecto. Quanto aos gestos, sem que houvesse perdido a viveza de outro tempo, não tinha já a desordem. Estavam sujeitos a certa ordem. Mas eu não quero descrevê-lo. Se falasse, por exemplo, no botão de ouro que trazia ao peito, e na qualidade do couro das botas, iniciaria uma descrição, que omito por brevidade. Contentem-se de saber que as botas eram de verniz. Saibam mais que ele herdara alguns pares de contos de réis de um velho tio de Barbacena.

— Meu espírito (me permitam aqui uma comparação de criança!), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca. A narração do Quincas Borba lhe dava uma palmada, ele subia; quando ia a cair, o bilhete de Virgília lhe dava outra palmada, e ele era de novo arremessado aos ares; descia, e o episódio da praça recebia ele com outra palmada, igualmente dura e eficaz. Acho que não nasci para situações complexas. Esse puxar e empuxar de coisas opostas desequilibrava-me; tinha vontade de embrulhar o Quincas Borba, o Lobo Neves e o bilhete de Virgília na mesma filosofia, e mandá-los de presente a Aristóteles. Contudo, era instrutiva a narração do nosso filósofo; era admirável sobretudo o talento de observação com que descrevia a gestação e o crescimento do vício, as lutas interiores, as sujeições vagarosas, o uso da lama.

— Olhe, observou ele; a primeira noite que passei na escada de São Francisco dormi a noite inteira, como se fosse a mais fina pluma. Por quê? Porque fui gradualmente da esteira à cama de pau, do quarto próprio ao corpo da guarda, do corpo da guarda à rua...

Quis me expor finalmente a filosofia; eu pedi a ele que não.

Estou muito preocupado hoje e não poderia atendê-lo; venha depois; estou sempre em casa. Quincas Borba sorriu de um modo malicioso; talvez soubesse da minha aventura, mas não acrescentou nada. Só me disse estas últimas palavras à porta:

— Venha para o Humanitismo; ele é o grande refúgio dos espíritos, o mar eterno em que mergulhei para arrancar de lá a verdade. Os gregos fazia-na sair de um poço. Que concepção pobre! Um poço! Mas é por isso mesmo que nunca a descobriram. Gregos, subgregos, antigregos, toda a longa série dos homens tem-se debruçado sobre o poço, para ver a verdade sair, mas não está lá. Gastaram cordas e caçambas; alguns mais afoitos desceram ao fundo e trouxeram um sapo. Eu fui diretamente ao mar. Venha para o Humanitismo.

Capítulo CX

31

Uma semana depois, Lobo Neves foi nomeado presidente de província. Agarrei-me à esperança da recusa, se o decreto viesse outra vez datado de 13; trouxe, porém, a data de 31, e esta simples transposição de algarismos eliminou deles a substância diabólica. Que profundas que são as molas da vida!

Capítulo CXI

O Muro

Não sendo meu costume disfarçar ou esconder nada, contarei nesta página o caso do muro. Eles estavam prestes a embarcar. Entrando em casa de D. Plácida, vi um papelinho dobrado sobre a mesa; era um bilhete de Virgília; dizia que me esperava à noite, na chácara, sem falta. E concluía: “O muro é baixo do lado do beco”.

Fiz um gesto de desagrado. A carta pareceu-me descomunalmente audaciosa, mal pensada e até ridícula. Não era só um convite ao escândalo, era também à zombaria. Imaginei-me saltando o muro, embora baixo e do lado do beco; e, quando estivesse no alto, via-me agarrado por um pedestre de polícia, que me levava ao corpo da guarda. O muro é baixo! E que tinha que fosse baixo?

Naturalmente Virgília não soube o que fez; era possível que já estivesse arrependida. Olhei para o papel, um pedaço de papel amarrotado, mas inflexível. Minha mão coçou para o rasgar, em trinta mil pedaços, e atirá-los ao vento, como o último despojo da minha aventura; mas recuei a tempo; o amor-próprio, o vexame da fuga, a **ideia** do medo... Não havia remédio senão ir.

— Diga-lhe que vou.

— Aonde? Perguntou D. Plácida.

— Onde ela disse que me espera.

— Não me disse nada.

— Neste papel.

D. Plácida arregalou os olhos:

— Mas esse papel, achei-o hoje de manhã, nesta sua gaveta, e pensei que...

Tive uma sensação esquisita. Reli o papel, olhei-o, olhei-o novamente; era, em verdade, um antigo bilhete de Virgília, recebido no começo dos nossos amores, uma certa entrevista na chácara, que me levou efetivamente a saltar o muro, um muro baixo e discreto. Guardei o papel e... Tive uma sensação esquisita.

Capítulo CXII

A opinião

Mas estava escrito que esse dia devia ser o dos lances duvidosos. Poucas horas depois, encontrei Lobo Neves, na Rua do Ouvidor, falamos da presidência e da política. Ele aproveitou o primeiro conhecido que passou e deixou-me, depois de muitos cumprimentos.

Lembra-me que estava retraído, mas de um retraimento que se esforçava para disfarçar. Pareceu-me então (e peço perdão à crítica, se este meu juízo for temerário!), pareceu-me que ele tinha medo — não medo de mim, nem de si, nem do código, nem da consciência; tinha medo da opinião. Supus que esse tribunal anônimo e invisível, em que cada membro acusa e julga, era o limite posto à vontade do Lobo Neves. Talvez já não amasse a mulher; e, assim, pode ser que o coração fosse estranho à indulgência dos seus últimos atos. Penso (e de novo insisto pela boa vontade da crítica!) penso que ele estaria pronto a separar-se da mulher, como o leitor se terá separado de muitas relações pessoais; mas a opinião, essa opinião que lhe arrastaria a vida por todas as ruas, que abriria minucioso inquérito acerca do caso, que juntaria uma a uma todas as circunstâncias, antecedências, induções, provas, que as relataria na palestra das chácaras desocupadas, essa terrível opinião, tão curiosa das alcovas, impediu a dispersão da família. Ao mesmo tempo tornou impossível o desforço, que seria a divulgação. Ele não podia mostrar-se ressentido comigo, sem igualmente buscar a separação conjugal; teve então de simular a mesma ignorância de outrora, e, por dedução, iguais sentimentos.

Que lhe custasse acreditar; naqueles dias, principalmente, vi-o de modo que devia custar-lhe muito. Mas o tempo (e é outro ponto em que eu espero a paciência dos homens pensadores!), o tempo caleja a sensibilidade e esconde a memória das coisas; era de supor que os anos retirassem os espinhos, que a distância dos fatos apagasse os respectivos contornos, que uma sombra de dúvida retrospectiva cobrisse a nudez da realidade; enfim, que a opinião se ocupasse um pouco com outras aventuras. O filho, crescendo, buscaria satisfazer as ambições do pai; seria o herdeiro de todos os seus afetos. Isso, e a atividade externa, e o prestígio público, e a velhice depois, a doença, o declínio, a morte, uma prece, uma notícia biográfica, e estava fechado o livro da vida, sem nenhuma página de sangue.

Capítulo CXIII

A Solda

A conclusão, se há alguma no capítulo anterior, é que a opinião é uma boa solda das instituições domésticas. Não é impossível que eu desenvolva este pensamento, antes de acabar o livro; mas também não é impossível que o deixe como está. De um ou de outro modo, é uma boa solda a opinião, e tanto na ordem doméstica, como na política. Alguns metafísicos mal-humorados têm chegado ao extremo de darem-na como simples produto da gente chocha ou medíocre; mas é evidente que, ainda quando um conceito tão extremado não trouxesse em si mesmo a resposta, bastava considerar os efeitos salutares da opinião, para concluir que ela é a obra superfina da flor dos homens, a saber, do maior número.

Capítulo CXIV

Fim de um diálogo

- Sim, é amanhã. Você vai a bordo?
- Está doida? É impossível.
- Então, adeus!
- Adeus!

— Não se esqueça de D. Plácida. Vá vê-la algumas vezes. Coitada! Foi ontem despedir-se de nós; chorou muito, disse que eu não a veria mais... É uma boa criatura, não é?

— Certamente.

— Se tivermos de escrever, ela receberá as cartas. Agora até daqui a...

— Talvez dois anos?

— Qual! ele diz que é só até fazer as eleições.

— Sim? Então até breve. Olhe que estão olhando para nós.

— Quem?

— Ali no sofá. Separemo-nos.

— Custa-me muito.

— Mas é preciso; adeus, Virgília!

— Até breve. Adeus!

Capítulo CXV

O Almoço

Não a vi partir; mas à hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses. Não se irrite o leitor com esta confissão. Eu bem sei que, para afagar os nervos da sua fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico. A realidade pura é que eu almocei, como nos demais dias, acudindo ao coração com as lembranças da minha aventura e ao estômago com os aperitivos de M. Prudhon... Velhos do meu tempo, acaso vos lembrais desse mestre cozinheiro do Hotel Pharoux, um sujeito que, segundo dizia o dono da casa, havia servido nos famosos Véry e Véfour, de Paris, e mais nos palácios do Conde Molé e do Duque de la Rochefoucauld? Era famoso.

Entrou no Rio de Janeiro com a polca... A polca, M. Prudhon, o Tivoli, o baile dos estrangeiros, o Cassino, eis algumas das melhores recordações daquele tempo; mas, sobretudo, os aperitivos do mestre eram deliciosos.

Eram, e naquela manhã parece que o diabo do homem adivinhara a nossa catástrofe. Jamais o engenho e a arte lhe

foram tão propícios.

Que requinte de temperos! Que maciez de carnes! Que rebuscado de formas! Comia-se com a boca, com os olhos, com o nariz. Não guardei a conta desse dia; sei que foi cara. Ai, dor! Era-me preciso enterrar magnificamente os meus amores. Eles lá iam, mar afora, no espaço e no tempo, e eu ficava ali numa ponta de mesa, com os meus quarenta e tantos anos, tão vadios e tão vazios; ficava para os não ver nunca mais, porque ela poderia tornar e tornou, mas o eflúvio da manhã quem é que o pediu ao crepúsculo da tarde?

Capítulo CXVI

Filosofia Das Folhas Velhas

Fiquei tão triste com o fim do último capítulo que estava capaz de não escrever este, descansar um pouco, lavar o espírito da melancolia que o empacha e continuar depois. Mas não, não quero perder tempo.

A partida de Virgília deu-me uma amostra da viuvez. Nos primeiros dias meti-me em casa, a fisgar moscas, como Domiciano, se não mente o Suetônio, mas a fisgá-las de um modo particular: com os olhos. Fisgava-as uma a uma, no fundo de uma sala grande, estirado na rede, com um livro aberto entre as mãos. Era tudo: saudades, ambições, um pouco de tédio, e muito devaneio solto. Meu tio cônego morreu nesse intervalo; idem, dois primos. Não me dei por abalado: levei-os ao cemitério, como quem leva dinheiro a um banco. Que digo? Como quem leva cartas ao correio: selei as cartas, meti-as na caixinha, e deixei ao carteiro o cuidado de as entregar em mão própria. Foi também por esse tempo que nasceu minha sobrinha Venância, filha do Cotrim. Morriam uns, nasciam outros: eu continuava às moscas.

Outras vezes agitava-me. Ia às gavetas, entornava as cartas antigas, dos amigos, dos parentes, das namoradas (até as de Marcela), e abria-as todas, lia-as uma a uma, e recompunha o pretérito... Leitor inculto, se não guardas as cartas da juventude, não conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas, não gosta-



rás o prazer de ver-te, ao longe, na penumbra, com um chapéu de três bicos, botas de sete léguas e longas barbas assírias, a bailar ao som de uma gaita anacreônica. Guarda as tuas cartas da juventude!

Ou, se não te agrada o chapéu de três bicos, empregarei a locução de um velho marujo, familiar da casa de Cotrim; direi que, se guardares as cartas da juventude, acharás ocasião de “cantar uma saudade”. Parece que os nossos marujos dão este nome às cantigas de terra, entoadas no alto-mar. Como expressão poética, é o que se pode exigir mais triste.

Capítulo CXVII

O Humanitismo

Porém duas forças, além de uma terceira, eram levadas a assumir a vida agitada do local: Sabina e Quincas Borba. Minha irmã organizou rapidamente a proposta conjugal de Nhã-loló de um modo verdadeiramente enérgico. Quando dei por mim, estava com a moça quase nos braços. Quanto ao Quincas Borba, relatou-me enfim o Humanismo, sistema de filosofia destinado a arruinar todos os demais sistemas.

— Humanitas, dizia ele, o princípio das coisas, não é outro senão o mesmo homem repartido por todos os homens. Conta três fases Humanitas: a estática, anterior a toda a criação; a expansiva, começo das coisas; a dispersiva, aparecimento do homem; e contará mais uma, a contrativa, absorção do homem e das coisas. A expansão, iniciando o universo, sugeriu a Humanitas o desejo de o gozar, e daí a dispersão, que não é mais do que a multiplicação personificada da substância original.

Como não me parecesse muito claro este relato, Quincas Borba desenvolveu-o de um modo profundo, fazendo notar as grandes linhas do sistema. Explicou-me que, por um lado, o Humanitismo ligava-se ao Bramanismo, a saber, na distribuição dos homens pelas diferentes partes do corpo de Humanitas; mas aquilo que na religião indiana tinha apenas uma estreita significação teológica e política, era no Humanitismo a grande lei do valor pessoal. Assim, descender do peito ou dos rins de

Humanitas, isto é, ser um forte, não era o mesmo que descender dos cabelos ou da ponta do nariz. Daí a necessidade de cultivar e temperar o músculo. Hércules não foi senão um símbolo antecipado do Humanitismo. Neste ponto o Quincas Borba considerou que o paganismo poderia ter chegado à verdade, se não tivesse se amesquinhado com a parte elegante dos seus mitos. Nada disso acontecerá com o Humanitismo. Nesta igreja nova não há aventuras fáceis, nem quedas, nem tristezas, nem alegrias infantis. O amor, por exemplo, é um sacerdócio, a reprodução um ritual. Como a vida é o maior benefício do universo, e não há mendigo que não prefira a miséria à morte (o que é uma deliciosa influência de Humanitas), deduz-se que a transmissão da vida, longe de ser uma ocasião de elogio, é a hora mais importante da missa espiritual. Porquanto, verdadeiramente há só uma desgraça: é não nascer.

— Imagina, por exemplo, que eu não tivesse nascido, continuou o Quincas Borba; seria benéfico que eu não tivesse agora o prazer de conversar contigo, comer esta batata, ir ao teatro, e para tudo dizer numa só palavra: viver. Nota que eu não faço do homem um simples veículo de Humanitas; não, ele é ao mesmo tempo veículo, motorista e passageiro; ele é o próprio Humanitas reduzido; daí a necessidade de adorar-se a si próprio. Você quer uma prova da superioridade do meu sistema? Contemple a inveja. Não há moralista grego ou turco, cristão ou muçulmano, que não fique bravo contra o sentimento da inveja. O acordo é universal, desde os campos da **Ideia** até o Alto da Tijuca. Ora bem; abre mão dos velhos preconceitos, esquece as discussões superficiais, e estuda a inveja, esse sentimento tão sutil e tão nobre. Sendo cada homem uma redução de Humanitas, é claro que nenhum homem é fundamentalmente oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências contrárias. Assim, por exemplo, o carrasco que executa o condenado pode excitar o clamor sem valor dos poetas; mas resumindo-se é Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas. O mesmo direi do indivíduo que esfaqueia outro; é uma manifestação da força de Humanitas. Nada impede (e há exemplos) que ele seja igualmente esfaqueado. Se você entendeu bem, facilmente

compreenderá que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos inclinados para a guerra são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude.

Para que negar isso? Eu estava boquiaberto. A clareza da exposição, a lógica dos princípios, o rigor das **consequências**, tudo isso parecia superiormente grande, e foi preciso suspender a conversa por alguns minutos, enquanto digeriria a filosofia nova. Quincas Borba mal podia encobrir a satisfação do triunfo. Tinha uma asa de frango no prato, e trincava-a com uma calma filosófica. Eu ainda perguntei a ele a respeito de algumas dúvidas que eu tinha, mas estas eram tão frágeis em argumentos, que ele não gastou muito tempo em destruí-las.

— Para entender bem o meu sistema, concluiu ele, é importante não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido em cada homem. Olha: a guerra, que parece uma calamidade, é uma operação conveniente, como se disséssemos o estalar dos dedos de Humanitas; a fome (e ele chupava filosoficamente a asa do frango), a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria víscera. Mas eu não quero outro testemunho do esplendor do meu sistema, senão este mesmo frango. Alimentou-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar o conjunto de cabos, cordas e outras partes do navio. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executados como único fim de matar minha fome.

Entre o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o seu sistema era a destruição da dor. A dor, segundo o Humanismo, é uma pura ilusão. Quando a criança é ameaçada por um pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa predisposição é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida. Não basta certamente a adoção do sistema para acabar logo com a dor, mas é indispensável; o resto é a natural evolução das coisas. Uma vez que o homem se convence profun-

damente bem de que ele é o próprio Humanitas, não tem mais do que voltar o pensamento à substância original para cessar qualquer sensação dolorosa. A evolução, porém, é tão profunda, que mal pode ser compreendida em alguns milhares de anos.

Quincas Borba, dias depois, leu para mim a sua grande obra. Eram quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um, com letra miúda e citações latinas. O último volume era composto de um tratado político, fundado no Humanitismo; era talvez a parte mais cansativa do sistema, pois era criada com um excelente rigor de lógica. Reorganizada a sociedade pelo método dele, nem por isso ficavam eliminadas a guerra, a insurreição, o simples murro, a fachada anônima, a miséria, a fome, as doenças; mas, sendo esses supostos castigos verdadeiros erros do entendimento, porque não passariam de movimentos externos da substância interior, destinados a não influir sobre o homem, senão como simples quebra da monotonia universal, claro estava que a sua existência não impediria a felicidade humana. Mas ainda quando tais castigos (o que era radicalmente falso) correspondessem no futuro ao tímido entendimento de antigos tempos, nem por isso ficava destruído o sistema, e por dois motivos: 1º porque sendo Humanitas a substância criadora e absoluta, cada indivíduo deveria achar a maior delícia do mundo em sacrificar-se ao princípio do qual se origina; 2º porque, ainda assim, não diminuiria o poder espiritual do homem sobre a terra, inventada unicamente para recreio dele, como as estrelas, as brisas, as tâmaras e o ruibardo. Pangloss, ele me disse ao fechar o livro, não era tão tolo como o pintou Voltaire.

Capítulo CXVIII

A terceira força

A terceira força que me causava agitação era o gosto de brilhar, e, sobretudo, a incapacidade de viver só. A multidão me atraía, o aplauso me namorava. Se eu tivesse tido a ideia do emplasto nesse tempo, quem sabe? Não teria morrido logo e estaria célebre. Mas o emplasto não veio. Veio o desejo de me inquietar em alguma coisa, com alguma coisa e por alguma coisa.

Capítulo CXIX

Parênteses

Quero deixar aqui, entre parênteses, meia dúzia de normas das muitas que escrevi por esse tempo. São bocejos de cansaço; podem servir de títulos a discursos sem assunto:

Aguente com paciência a cólica do próximo.

Matamos o tempo; o tempo nos enterra.

Um cocheiro filósofo costumava dizer que o gosto da carruagem seria pequeno, se todos andassem de carruagem.

Creia em você; mas nem sempre duvide dos outros.

Não se compreende que um índio fure o lábio para **enfeitá-lo** com um pedaço de pau. Esta reflexão é de um joalheiro.

Não se irrite se te pagarem mal um benefício: é melhor cair das nuvens, que de um terceiro andar.

Capítulo CXX

“Compelle intrare”

— Não, senhor, agora quer você queira, quer não, há de casar, Sabina falou para mim. Que belo futuro! Um solteirão sem filhos.

Sem filhos! A **ideia** de ter filhos me assustou; percorreu-me outra vez o fluido misterioso. Sim, era necessário ser pai. A vida de solteiro podia ter certas vantagens próprias, mas seriam pequenas, e compradas a troco da solidão. Sem filhos! Não; impossível. Coloquei-me à disposição de aceitar tudo, mesmo a aliança do Damasceno. Sem filhos! Como já então depositasse grande confiança em Quincas Borba, fui conversar com ele e **mostrei-lhe** os movimentos internos da minha paternidade. O filósofo me ouviu com animação; declarou-me que Humanitas se agitava

em meu interior; animou-me para o casamento; argumentou que eram mais alguns convidados que batiam à porta, etc. *Compelle intrare*, como dizia Jesus. E não me deixou sem provar que o ensinamento evangélico não era mais do que uma previsão do Humanitismo, erradamente interpretada pelos padres.

Capítulo CXXI

Morro abaixo

No fim de três meses, corria tudo às mil maravilhas. O fluido, Sabina, os olhos da moça, os desejos do pai, eram outros tantos impulsos que me levavam ao matrimônio. A lembrança de Virgília aparecia de quando em quando, à porta, e com ela um diabo negro, que colocava um espelho na minha cara, no qual eu via ao longe Virgília derramada em lágrimas; mas outro diabo vinha, cor-de-rosa, com outro espelho, em que se refletia a figura de Nhã-loló, meiga, luminosa, angelical.

Não falo dos anos que passaram. Não os sentia; acrescentarei até que os esquecera, certo domingo, em que fui à missa na capela do Livramento. Como o Damasceno morava nos Cajueiros, eu os acompanhava muitas vezes à missa. O morro estava ainda sem habitações, a não ser o velho palacete do alto, onde era a capela.

Pois um domingo, ao descer com Nhã-loló pelo braço, não sei que fenômeno se deu que fui deixando aqui dois anos, ali quatro, logo adiante cinco, de maneira que, quando cheguei abaixo, estava com vinte anos apenas, tão jovem como tinha sido.

Agora, se querem saber em que circunstâncias se deu o fenômeno, basta que leiam este capítulo até o fim. Vínhamos da missa, ela, o pai e eu. No meio do morro achamos um grupo de homens. Damasceno, que vinha abaixo da gente, percebeu o que era e se adiantou agitado; nós fomos atrás dele. E vimos isto; homens de todas as idades, tamanhos e cores, uns de camisa, outros de jaqueta, outros metidos em sobrecasacas rasgadas; atitudes diversas, uns de cócoras, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, estes sentados sem pedras, aqueles encostados ao muro, e todos com os olhos fixos no centro, e as almas como que saindo pelos olhos arregalados.



— Que é? Perguntou-me Nhã-loló.

Fiz um sinal que se calasse; abri sutilmente caminho, e todos me foram cedendo espaço, sem que realmente ninguém me visse. O centro tinha-lhes atado os olhos. Era uma briga de galos. Vi os dois lutadores, dois galos de esporão agudo, olho de fogo e bico afiado. Ambos agitavam as cristas sangrentas; o peito de um e de outro estava sem penas e vermelho; estavam imensamente cansados. Mas lutavam ainda assim, olhos nos olhos, bico abaixo, bico acima, golpe deste, golpe daquele, vibrantes e raivosos. O Damasceno não sabia mais nada; o espetáculo eliminou para ele todo o universo. Em vão eu lhe disse que era tempo de descer: ele não respondia, não ouvia, concentrara-se no duelo. A briga de galos era uma de suas paixões.

Foi nessa ocasião que Nhã-loló me puxou brandamente pelo braço, dizendo que nos fôssemos embora. Aceitei o conselho e vim com ela por ali abaixo. Já disse que o morro era então desabitado; disse a vocês também que vínhamos da missa, e como não disse que chovia, era claro que fazia bom tempo, um sol delicioso. E forte. Tão forte que abri logo o guarda-sol, segurei-o pelo centro do cabo, e inclinei-o de modo que ajuntei uma página à filosofia do Quincas Borba: Humanitas beijou Humanitas... Foi assim que os anos me vieram caindo pelo morro abaixo.

Paramos alguns minutos no pé do morro, à espera de Damasceno; ele veio daí a pouco rodeado dos apostadores, comentando sobre a briga. Um destes, tesoureiro das apostas, distribuía um velho maço de notas de dez tostões, que os vencedores recebiam duplamente alegres. Quanto aos galos, vinham sustentados pelo respectivo dono. Um deles trazia a crista tão comida e ensanguentada, que vi logo que ele tinha sido vencido; mas era engano — o vencido era o outro, que não trazia crista nenhuma. Ambos tinham o bico aberto, respirando com dificuldade, sem forças. Os apostadores, ao contrário, vinham alegres, sem pararem de comentar as fortes emoções da luta; olhávamos adversários que relembavam as proezas de ambos. Eu fui andando, apressado; Nhã-loló apressadíssima.

Capítulo CXXII

Uma intenção muito fina

O que envergonhava a Nhã-loló era o pai. A facilidade com que ele se metera com os apostadores colocava em evidência antigos costumes e afinidades sociais, e Nhã-loló chegara a temer que eu achasse que tal sogro não fosse digno para mim. Era notável a diferença que ela fazia de si mesma; estudava-se e estudava-me. A vida elegante e educada a atraía, principalmente porque lhe parecia o meio mais seguro de ajustar as nossas pessoas. Nhã-loló observava, imitava, adivinhava; ao mesmo tempo se dava ao esforço de mascarar a inferioridade da família. Naquele dia, porém, a manifestação do pai foi tamanha que a entristeceu grandemente. Eu busquei então distraí-la do assunto, dizendo-lhe muitas piadas e motes de bom-tom; vãos esforços, que não a alegravam mais. Era tão profundo o abatimento, tão expressivo o desânimo, que eu cheguei a atribuir a Nhã-loló a intenção positiva de separar, no meu íntimo, a sua causa da causa do pai. Este sentimento me pareceu de grande elevação; era uma afinidade mais entre nós.

— Não há remédio, disse eu comigo, vou arrancar esta flor deste pântano.

Capítulo CXXIII

O verdadeiro Cotrim

Apesar dos meus quarenta e tantos anos, como eu amasse a harmonia da família, pensei não tratar sobre o casamento sem primeiro falar ao Cotrim. Ele me ouviu e me respondeu seriamente que não tinha opinião em negócio de parentes seus. Podiam supor-lhe algum interesse, se acaso louvasse as raras prendas de Nhã-loló; por isso calava-se. Mais: estava certo de que a sobrinha sentia por mim verdadeira paixão, mas, se ela o consultasse, o seu conselho seria negativo. Não era levado por nenhum ódio; apreciava as minhas boas qualidades, não se cansava de elogiá-las, como era de justiça; e, pelo que respeita

a Nhã-loló, não chegaria jamais a negar que era uma noiva excelente; mas daí a aconselhar o casamento era muito distante.

— Lavo inteiramente as mãos, concluiu ele.

— Mas você achava outro dia que eu devia casar o quanto antes...

— Isso é outro negócio. Acho que é indispensável casar, principalmente tendo ambições políticas. Saiba que na política a solteirice é um obstáculo. Agora, quanto à noiva, não posso ter voto, não quero, não devo, não é de minha honra. Parece-me que Sabina foi além, fazendo-lhe certas confidências, segundo me disse; mas em todo caso ela não é tia carnal de Nhã-loló, como eu. Olhe... Mas não... Não digo...

— Diga.

— Não, não digo nada.

Talvez pareça excessiva a hesitação do Cotrim, para quem não soube que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Diziam que tinha avareza, e acho que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o *déficit*. Tinha muitos inimigos, pois era muito rude, chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, de onde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir ao caráter original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. A prova de que o Cotrim tinha sentimentos piedosos se encontrava no seu amor aos filhos, e na dor que sofreu quando morreu Sara, dali a alguns meses; prova incontestável, acho eu, e não única. Era tesoureiro de uma associação, e irmão de várias irmandades, e até irmão reabilitado de uma destas, o que não condiz muito com a reputação da avareza; verdade é que o benefício não caíra no chão: a irmandade (de que ele fora juiz), mandara-lhe tirar o retrato a óleo. Não era perfeito, certamente;

tinha, por exemplo, o vício de mandar para os jornais a notícia de um ou outro benefício que praticava — vício repreensível ou não louvável, concordo — ; mas ele se desculpava dizendo que as boas ações eram contagiosas, quando públicas; razão a que se não pode negar algum peso. Creio mesmo (e nisto faço o seu maior elogio) que ele não praticava, de quando em quando, esses benefícios senão com o fim de despertar a filantropia dos outros; e se tal era o intuito, tenho de confessar que a publicidade se tornava uma condição indispensável. Resumindo, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

Capítulo CXXIV

Vá de intermédio

Que há entre a vida e a morte? Uma curta ponte. Entretanto, se eu não compusesse este capítulo, sofreria o leitor um forte abalo, muito danoso ao efeito do livro. Saltar de um retrato para um epitáfio, pode ser real e comum; o leitor, entretanto, não se refugia no livro, senão para escapar à vida. Não digo que este pensamento seja meu; digo que há nele uma dose de verdade, e que, ao menos, a forma é original. E repito: não é meu.

Capítulo CXXV

Epitáfio

EPITÁFIO

AQUI DESCANSA
DONA EULÁLIA DAMASCENA DE BRITO
MORTA AOS DEZENOVE ANOS DE IDADE
ORAI POR ELA

Capítulo CXXVI

Desconsolação

O epitáfio diz tudo. Vale mais do que se eu lhes contasse a doença de Nhã-loló, a morte, o desespero da família, o enterro. Ficam sabendo que morreu; acrescentarei que foi por ocasião do primeiro surto da febre amarela. Não digo mais nada, a não ser que a acompanhei até o túmulo, e me despedi triste, mas sem lágrimas. Concluí que talvez não a amasse de verdade.

Vejam agora a que excessos pode levar uma falta de atenção; doeu-me um pouco a cegueira da epidemia que, matando gente de tudo que é lado, levou também uma jovem dama, que tinha de ser minha mulher; não cheguei a entender a necessidade da epidemia, menos ainda daquela morte. Creio até que esta me pareceu ainda mais absurda que todas as outras mortes. Quincas Borba, porém, explicou-me que epidemias eram úteis à espécie, embora desastrosas para uma certa porção de indivíduos; **fez-me** notar que, por mais horrendo que fosse o espetáculo, havia uma vantagem de muito peso: a sobrevivência do maior número. Chegou a me perguntar se, no meio do luto geral, não sentia eu algum secreto encanto em ter escapado às garras da peste; mas esta pergunta era tão insensata, que ficou sem resposta.

Se não contei a morte, não conto igualmente a missa do sétimo dia. A tristeza de Damasceno era profunda; esse pobre homem parecia uma ruína. Quinze dias depois estive com ele; continuava inconsolável, e dizia que a dor grande com que Deus o castigara fora ainda aumentada com a que lhe impuseram os homens. Não me disse mais nada. Três semanas depois tornou ao assunto, e então me confessou que, no meio do desastre irreparável, quisera ter a consolação da presença dos amigos. Doze pessoas apenas, e cerca de trinta por cento era de amigos do Cotrim, acompanharam à cova o cadáver de sua querida filha. E ele fizera expedir oitenta convites. Argumentei que as perdas eram tantas que bem se podia desculpar essa desatenção aparente. Damasceno abanava a cabeça de um modo incrédulo e triste.

— Qual! Gemia ele, desampararam-me.

Cotrim, que estava presente:

— Vieram os que verdadeiramente se interessam por você e por nós. Os oitenta viriam por formalidade, falaria da falta de atitude do governo, dos remédios milagrosos das farmácias, do preço das casas, ou uns dos outros...

Damasceno ouviu calado, abanou outra vez a cabeça, e suspirou:

— Mas, que viessem!

Capítulo CXXVII

Formalidade

É uma grande coisa ter recebido do céu uma pequeníssima parte da sabedoria, o dom de achar as relações das coisas, a capacidade de compará-las e o talento de concluir! Eu tive essa distinção psíquica; eu agradeço ainda agora do fundo do meu túmulo.

De fato, o homem vulgar que ouvisse a última palavra do Damasceno, não se lembraria dela, quando, tempos depois, houvesse de olhar para uma gravura representando seis damas turcas. Pois eu me lembrei. Eram seis damas de Constantinopla, — modernas — em trajes de rua, cara tapada, não com um espesso pano que as cobrisse de verdade, mas com um véu finíssimo, que fazia de conta descobrir somente os olhos, e na realidade descobria a cara inteira. E eu achei graça nessa esperteza da faceirice muçulmana, que assim esconde o rosto — e cumpre o uso, mas não o esconde — e divulga a beleza. Aparentemente, nada há entre as damas turcas e o Damasceno; mas se você é um espírito profundo e penetrante (e duvido muito que me negue isso), compreenderá que, tanto num como noutro caso, surge aí a ponta de uma rígida e meiga companheira do homem social...

Amável Formalidade, tu és, sim, o bordão da vida, o bálsamo dos corações, a medianeira entre os homens, o vínculo da terra e do céu; tu enxugas as lágrimas de um pai, tu captas a indulgência de um Profeta; se a dor adormece, e a consciência se acomoda, a quem, senão a ti, deverão esse imenso benefício? A estima que passa de chapéu na cabeça não diz nada à alma; mas

a indiferença que corteja lhe deixa uma prazerosa impressão. A razão é que, ao contrário de uma velha fórmula sem sentido, não é a letra que mata; a letra dá vida; o espírito é que é objeto de controvérsia, de dúvida, de interpretação, e conseqüentemente de luta e de morte. Vive tu, amável Formalidade, para sossego do Damasceno e glória de Maomé.

Capítulo CXXVIII

Na Câmara

E note bem que eu vi a gravura turca, dois anos depois das palavras de Damasceno, e a vi na Câmara dos Deputados, em meio de grande burburinho, enquanto um deputado discutia um parecer da comissão do orçamento, sendo eu também deputado. Para quem já leu este livro é desculpado encarecer a minha satisfação, e para os outros é igualmente inútil. Era deputado, e vi a gravura turca, recostado na minha cadeira, entre um colega, que contava uma anedota, e outro, que tirava a lápis, nas costas de uma sobrecarta, o perfil do orador. O orador era o Lobo Neves. A onda da vida nos trouxe à mesma praia, como duas botelhas de naufragos, ele contendo o seu ressentimento, eu devendo conter o meu remorso; e emprego esta forma suspensiva, dubitativa ou condicional, para o fim de dizer que efetivamente não continha nada, a não ser a ambição de ser ministro.

Capítulo CXXIX

Sem remorsos

Não tinha remorsos. Se possuísse os aparelhos próprios, incluía neste livro uma página de química, porque havia de decompor o remorso até os mais simples elementos, com a finalidade de saber de um modo positivo e concludente, por que razão Aquiles passeia à roda de **Troia** o cadáver do adversário, e lady Macbeth passeia à volta da sala a sua mancha de sangue. Mas eu não tenho aparelhos químicos, como não tinha remorsos; tinha vontade de ser ministro de Estado. Contudo, se

vou acabar este capítulo, direi que não quisera ser Aquiles nem lady Macbeth; e que, a ser alguma coisa, antes Aquiles, antes passear triunfante o cadáver do que a mancha; ouvem-se no fim as súplicas de Príamo, e se ganha uma bonita reputação militar e literária. Eu não ouvia as súplicas de Príamo, mas o discurso do Lobo Neves, e não tinha remorsos.

Capítulo CXXX

Para intercalar no capítulo 129

A primeira vez que pude falar a Virgília, depois da presidência, foi num baile em 1855. Trazia um soberbo vestido de gorgorão azul, e ostentava às luzes o mesmo par de ombros de outro tempo. Não era a frescura da primeira idade; ao contrário; mas ainda estava formosa, de uma formosura de outono, realçada pela noite. Lembro-me que falamos muito; e sem lembrar coisa nenhuma do passado. Subentendia-se tudo. Um dito remoto, vago, ou então um olhar, e mais nada. Pouco depois, retirou-se; eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômeno de ventriloquismo cerebral (perdoem-me os filólogos essa frase bárbara) murmurei comigo esta palavra de profunda saudade:

— Magnífica!

Convém intercalar este capítulo entre a primeira oração e a segunda do capítulo 129.

Capítulo CXXXI

De uma calúnia

Como eu acabava de dizer aquilo, pelo processo **ventríloco-cerebral** — o que era simples opinião e não remorso —, senti que alguém me punha a mão no ombro. Voltei-me; era um antigo companheiro, oficial de marinha, jovial, um pouco sem modos. Ele sorriu maliciosamente e disse-me:

— Seu brincalhão! Recordações do passado, hem?

— Viva o passado!

— Você naturalmente foi reintegrado no emprego.

— Salta, ordinário! Eu disse, ameaçando-o com o dedo.

Confesso que este diálogo era uma indiscrição — principalmente a última parte. E, com maior prazer confesso, quanto que as mulheres é que têm fama de indiscretas, e não quero acabar o livro sem corrigir essa noção do espírito humano. Em pontos de aventura amorosa, achei homens que sorriam, ou negavam a muito custo, de um modo frio, monossilábico, etc., ao passo que as parceiras não davam por si, e jurariam aos Santos Evangelhos que era tudo uma calúnia. A razão desta diferença é que a mulher (exceto a hipótese do capítulo 101 e outras) se entrega por amor, ou seja, o amor-paixão de Stendhal, ou o puramente físico de algumas damas romanas, por exemplo, ou polinésias, lapônias, cafres, e pode ser que outras raças civilizadas; mas o homem — falo do homem de uma sociedade culta e elegante —, o homem combina a sua vaidade ao outro sentimento. Além disso (e me refiro sempre aos casos proibidos), a mulher, quando ama outro homem, parece a ela que falta a um dever, e portanto tem de fingir com arte maior, tem de refinar a traição; ao passo que o homem, sentindo-se causa da infração e vencedor de outro homem, fica legitimamente orgulhoso, e logo passa a outro sentimento menos áspero e menos secreto — essa meiga insensatez, que é a transpiração luminosa do mérito.

Mas seja ou não verdadeira a minha explicação, basta deixar escrito nesta página, para uso dos séculos, que a indiscrição das mulheres é uma mentira inventada pelos homens; em amor, pelo menos, elas são um verdadeiro túmulo. Perdem-se muita vez por desastradas, por inquietas, por não saberem resistir aos gestos, aos olhares; e é por isso que uma grande dama e fino espírito, a rainha de Navarra, empregou em algum lugar esta metáfora para dizer que toda a aventura amorosa vinha a ser descoberta à força, cedo ou tarde: “Não há cachorrinho tão adestrado, que enfim não lhe ouçamos o latir”.

Capítulo CXXXII

Que não é sério

Citando o dito da rainha de Navarra, penso que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa irritada, costuma

perguntar a ela: “Gente, quem matou seus cachorrinhos?” Como se dissesse: “Quem lhe levou os amores, as aventuras secretas etc”. Mas este capítulo não é sério.

Capítulo CXXXIII

O princípio de Helvetius

Estávamos no ponto em que o oficial de marinha me arrancou a confissão dos amores de Virgília, e aqui emendo eu o princípio de Helvetius — ou, por outra, eu explico. O meu interesse era calar; confirmar a suspeita de uma coisa antiga fora provocar algum ódio adormecido, dar origem a um escândalo, quando menos adquirir a reputação de indiscreto. Era esse o interesse; e, entendendo o princípio de Helvetius de um modo superficial, isso é o que devia ter feito. Mas eu já dei o motivo da indiscrição masculina: antes daquele interesse de segurança, havia outro, o do envaidecimento, que é mais íntimo, mais imediato: o primeiro era reflexivo, supunha uma premissa e uma dedução anterior; o segundo era espontâneo, instintivo, vinha das entranhas do sujeito; finalmente, o primeiro tinha o efeito distante, o segundo próximo. Conclusão: o princípio de Helvetius é verdadeiro no meu caso; a diferença é que não era o interesse aparente, mas o escondido.

Capítulo CXXXIV

Cinquenta anos

Ainda não disse a vocês — mas digo agora — que quando Virgília descia a escada, e o oficial de marinha me tocava no ombro, eu tinha **cinquenta** anos. Era portanto a minha vida que descia pela escada abaixo — ou a melhor parte, ao menos, uma parte cheia de prazeres, de agitações, de sustos, com uma capa de fingimento e duplicidade, mas enfim a melhor, se devemos falar a linguagem usual. Se, porém, empregarmos outra sublime, a melhor parte foi a restante, como eu terei honra de dizer a vocês nas poucas páginas deste livro.

Cinquenta anos! Não era preciso confessar. Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão ligeiro como nos primeiros dias. Naquela ocasião, acabado o diálogo com o oficial de marinha, que vestiu a capa e saiu, confesso que fiquei um pouco triste. Voltei à sala, lembro-me de ter dançado uma polca, de ter me entorpecido com as luzes, as flores, os cristais, os olhos bonitos e o burburinho surdo e ligeiro das conversas particulares. E não me arrependo; rejuvenesci. Mas, meia hora depois, quando me retirei do baile, às quatro da manhã, o que é que fui achar no fundo do carro? Os meus **cinquenta** anos. Lá estavam eles, os teimosos, não entrevados de frio, nem reumáticos, mas cochilando o seu cansaço, um pouco desejosos de cama e de repouso. Então — e vejam até que ponto pode ir a imaginação de um homem, com sono — ,então parecia ter ouvido um morcego pendurado no teto do veículo: Senhor Brás Cubas, a juventude estava na sala, nos cristais, nas luzes, nas sedas, enfim, nos outros.

Capítulo CXXXV

“Oblivion”

E agora sinto que, se alguma dama tem seguido estas páginas, fecha o livro e não lê as restantes. Para ela **extinguiu-se** o interesse da minha vida, que era o amor. **Cinquenta** anos! Não é ainda a invalidez, mas já não é o frescor. Venham mais dez, e eu entenderei o que um inglês dizia, entenderei que “coisa é não achar já quem se lembre de meus pais, e de que modo me há de encarar o próprio ESQUECIMENTO”.

Vai em versaletes esse nome. OBLIVION! Justo é que se **deem** todas as honras a um personagem tão desprezado e tão digno, conviva da última hora, mas certo. Sabe-o a dama que luziu na aurora do atual reinado, e mais dolorosamente a que ostentou suas graças em flor sob o ministério Paraná, porque esta acha-se mais perto do triunfo, e sente já que outras lhe tomaram o carro. Então, se é digna de si mesma, não teima em espertar a lembrança morta ou exalante; não busca no olhar de hoje a mesma saudação do olhar de ontem, quando eram outros os que iniciavam a marcha da vida, de alma alegre e



pé veloz. *Tempora mutantur*. Compreende que este vendaval é assim mesmo, leva as folhas do mato e os farrapos do caminho, sem exceção nem piedade; e se tiver um pouco de filosofia, não inveja, mas lastima as que lhe tomaram o carro, porque também elas hão de ser desmontadas pelo estribeiro OBLIVION. Espetáculo, cujo fim é divertir o planeta Saturno, que anda muito aborrecido.

Capítulo CXXXVI

Inutilidade

Mas, ou muito me engano, ou acabo de escrever um capítulo inútil.

Capítulo CXXXVII

O quepe

E daí, não; ele resume as reflexões que fiz no dia seguinte ao Quincas Borba, acrescentando que me sentia abatido, e mil outras coisas tristes. Mas esse filósofo, com o elevado tino de que dispunha, deu uma bronca em mim, que eu ia escorregando na ladeira fatal da tristeza.

— Meu caro Brás Cubas, não se entregue! Que diacho! É preciso ser homem! Ser forte! Lutar! Vencer! Brilhar! Influir! Dominar! **Cinquenta** anos é a idade da ciência e do governo. Ânimo, Brás Cubas; não seja palerma. Que tens tu com essa sucessão de ruína a ruína ou de flor a flor? Trata de saborear a vida; e fica sabendo que a pior filosofia é a do choramingas que se deita à margem do rio para o fim de lastimar o curso incessante das águas. O ofício delas é não parar nunca; acomoda-te com a lei, e trata de aproveitá-la.

Vê-se nas menores coisas o que vale a autoridade de um grande filósofo. As palavras do Quincas Borba tiveram o dom de sacudir o torpor moral e mental em que andava. Vamos lá; façamo-nos governo, é tempo. Eu não havia intervindo até então nos grandes debates. Cortejava a pasta por meio de bajulações, chás, comissões de votos; e a pasta não vinha. Era urgente me apoderar da tribuna.

Comecei devagar. Três dias depois, discutindo-se o orçamento da Justiça, aproveitei o ensejo para perguntar modestamente ao ministro se não julgava útil diminuir a barretina da guarda nacional. Não tinha vasto alcance o objeto da pergunta; mas ainda assim demonstrei que não era indigno das cogitações de um homem de Estado; e citei Filopémen, que ordenou a substituição dos escudos de suas tropas, que eram pequenos, por outros maiores, e bem assim as lanças, que eram demasiado leves; fato que a história não achou que desmentisse a gravidade de suas páginas. O tamanho dos nossos quepes estava pedindo um corte profundo, não só por serem deselegantes, mas também por serem anti-higiênicos. Nas paradas, ao sol, o excesso do calor produzido por elas podia ser fatal. Sendo certo que um dos preceitos de Hipócrates era trazer a cabeça fresca, parecia cruel obrigar um cidadão, por simples consideração de uniforme, a arriscar a saúde e a vida, e **consequentemente**, o futuro da família. A câmara e o governo deviam lembrar-se que a guarda nacional era o anteparo da liberdade e da independência, e que o cidadão, chamado a um serviço gratuito, **frequente** e penoso, tinha direito a que se lhe diminuísse o ônus, decretando um uniforme leve e maneiro. Acrescia que o quepe, por seu peso, abatia a cabeça dos cidadãos, e a pátria precisava de cidadãos cuja frente pudesse se levantar majestosa e serena diante do poder; e concluí com esta **ideia**: O chorão, que inclina os seus galhos para a terra, é árvore de cemitério; a palmeira, ereta e firme, é árvore do deserto, das praças e dos jardins.

Vária foi a impressão deste discurso. Quanto à forma, ao êxtase convincente, à parte literária e filosófica, a opinião foi só uma; disseram-me todos que era completo, e que de um quepe ninguém ainda conseguira tirar tantas **ideias**. Mas a parte política foi considerada por muitos detestável; alguns achavam o meu discurso um desastre parlamentar; enfim, vieram dizer-me que outros me davam já em oposição, entrando nesse número os opositoristas da câmara, que chegaram a insinuar a convivência de uma moção de desconfiança. Repeli energicamente tal interpretação, que não era só errônea, mas caluniosa à vista

da notoriedade com que eu sustentava o gabinete; acrescentei que a necessidade de diminuir o quepe não era tamanha que não pudesse esperar alguns anos; e que, em todo caso, eu transigiria na extensão do corte, contentando-me com três quartos de polegada ou menos; enfim, dado mesmo que a minha **ideia** não fosse adotada, bastava-me tê-la iniciado no parlamento.

Quincas Borba, porém, não fez restrição alguma. Não sou homem político, disse-me ele ao jantar; não sei se andaste bem ou mal; sei que fizeste um excelente discurso. E então notou as partes mais salientes, as belas imagens, os argumentos fortes, com esse comedimento de louvor que tão bem fica a um grande filósofo; depois, tomou o assunto à sua conta, e impugnou o quepe com tal força, com tamanha lucidez, que acabou me convencendo efetivamente do seu perigo.

Capítulo CXXXVIII

A um crítico

Meu caro crítico, algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha **cinquenta** anos, acrescentei: “Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão ligeiro como nos primeiros dias”. Talvez você ache esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado; mas eu chamo a sua atenção para a sutileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro. A morte não envelhece. Quero dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me, Deus! É preciso explicar tudo.

Capítulo CXXXIX

De como não fui ministro de Estado

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Capítulo CXL

Que explica o anterior

Há coisas que melhor se dizem calando; tal é a matéria do capítulo anterior. Podem entendê-lo os ambiciosos frustrados. Se a paixão do poder é a mais forte de todas, como alguns sugerem, imagine o desespero, a dor, o abatimento do dia em que perdi a cadeira da Câmara dos Deputados. Perdi as esperanças todas; terminava a carreira política. E notem que o Quincas Borba, por induções filosóficas que fez, achou que a minha ambição não era a paixão verdadeira do poder, mas um capricho, um desejo de me amostrar. Na opinião dele, este sentimento, não sendo mais profundo que o outro, aflige muito mais, porque estima pelo amor que as mulheres têm às rendas e toucados. Um Cromwell ou um Bonaparte, acrescentava ele, por isso mesmo que os queima a paixão do poder, lá chegam à fina força ou pela escada da direita, ou pela da esquerda. Não era assim o meu sentimento; este, não tendo em si a mesma força, não tem a mesma certeza do resultado; e daí a maior aflição, o maior desencanto, a maior tristeza. O meu sentimento, segundo o Humanitismo...

— Vai para o diabo com o teu Humanitismo, interrompi-o; estou farto de filosofias que não me levam a nada.

A dureza da interrupção, tratando-se de tamanho filósofo, equivalia a um desacato; mas ele próprio desculpou a irritação com que lhe falei. Trouxeram-nos café; era uma hora da tarde, estávamos na minha sala de estudo, uma bela sala, que dava para o fundo da chácara, bons livros, objetos de arte, um Voltaire entre eles, um Voltaire de bronze, que nessa ocasião parecia acentuar o risinho de ironia com que me olhava, o ladrão; cadeiras excelentes; fora, o sol, um grande sol, que o Quincas Borba, não sei se por malícia ou poesia, chamou um dos ministros da natureza; corria um vento fresco, o céu estava azul. De cada janela — eram três — pendia uma gaiola com pássaros, que cantavam as suas óperas simples. Tudo tinha a aparência de uma conspiração das coisas contra o homem; e, se bem que eu estivesse na minha sala, olhando

para a minha chácara, sentado na minha cadeira, ouvindo meus pássaros, ao pé dos meus livros, iluminado pelo meu sol, não chegava a me curar das saudades daquela outra cadeira, que não era minha.

Capítulo CXLI

Os cães

— Mas, enfim, que pretendes fazer agora? Perguntou-me Quincas Borba, indo pôr a xícara vazia no parapeito de uma das janelas.

— Não sei; vou me enfurnar na Tijuca; fugir aos homens. Estou envergonhado, aborrecido. Tantos sonhos, meu caro Borba, tantos sonhos, e não sou nada.

— Nada! Interrompeu-me o Quincas Borba com um gesto de indignação.

Para me distrair, convidou-me a sair; saímos para os lados do Engenho Velho. Íamos a pé, filosofando as coisas. Nunca me esquecerei do benefício desse passeio. A palavra daquele grande homem era o amor da sabedoria. Ele me disse que eu não podia fugir ao combate; se me fechavam a tribuna, cumpria-me abrir um jornal. Chegou a usar uma expressão menos elevada, mostrando assim que a língua filosófica podia, uma ou outra vez, retemperar-se no calão do povo. Funda um jornal, disse-me ele, e “desmancha toda esta igrejinha”.

— Magnífica **ideia**! Vou fundar um jornal, vou escachá-los, vou...

— Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.

Daí a pouco vimos uma briga de cães; fato que aos olhos de um homem vulgar não teria valor. Quincas Borba me fez parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles estava um osso, motivo da guerra, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães se mordiam, rosnavam, com furor nos olhos... Quincas Borba meteu a bengala debaixo do braço, e parecia em êxtase.

— Que belo que é isto! dizia ele de quando em quando.

Quis sair dali, mas não pude; ele estava arraigado ao chão, e só continuou a andar quando a briga cessou inteiramente, e um dos cães, mordido e vencido, foi levar a sua fome a outra parte. Notei que ficara sinceramente alegre, ainda que contivesse a alegria, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso; as criaturas humanas é que disputam os ossos e outros manjares menos apetecíveis com os cães; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos, etc.

Capítulo CXLII

O pedido secreto

Quanta coisa num compasso musical simples! Como dizia o outro. Quanta coisa numa briga de cães! Mas eu não era um discípulo servil ou medroso, que deixasse de fazer uma ou outra censura adequada. Andando, eu disse a ele que tinha uma dúvida; não estava bem certo da vantagem de disputar a comida aos cães. Ele me respondeu com excepcional brandura.

— Disputá-la aos outros homens é mais lógico, porque a condição dos lutadores é a mesma, e leva o osso o que for mais forte. Mas por que não será um espetáculo grandioso disputá-lo com os cães? De própria vontade, comem-se gafanhotos, como o Precursor, ou coisa pior, como Ezequiel; logo, o ruim é comível; resta saber se é mais digno do homem disputá-lo, por virtude de uma necessidade natural, ou preferi-lo, para obedecer a uma exaltação religiosa, isto é, modificável, ao passo que a fome é eterna, como a vida e como a morte.

Estávamos à porta de casa; deram-me uma carta, dizendo que vinha de uma senhora. Entramos, e o Quincas Borba, com a discrição própria de um filósofo, foi ler a lombada dos livros de uma estante, enquanto eu lia a carta, que era de Virgília.

“Meu bom amigo, Dona Plácida está muito mal. Peço-lhe o favor de fazer alguma coisa por ela; mora no Beco das Escadinhas; veja se chega a tempo de colocá-la na Santa Casa de Misericórdia. Sua amiga sincera”. Não era a letra fina e correta de Virgília, mas grossa e desigual; o V da assinatura não passava de um rabisco sem intenção alfabética; de maneira que, se a carta aparecesse, era muito difícil atribuir-lhe a autoria. Virei e revirei o papel. Pobre Dona Plácida! Mas eu tinha deixado para ela os cinco contos da Praia da Gamboa, e não podia compreender que...

— Vais compreender, disse Quincas Borba, tirando um livro da estante.

— O quê? Perguntei espantado.

— Você vai compreender que eu só te disse a verdade. Pascal é um dos meus avós espirituais; e, conquanto a minha filosofia valha mais que a dele, não posso negar que era um grande homem. Ora, que diz ele nesta página? — E, chapéu na cabeça, bengala debaixo do braço, apontava o lugar com o dedo. — Que diz ele? Diz que o homem tem “uma grande vantagem sobre o resto do universo: sabe que morre, ao passo que o universo não sabe absolutamente”. Você percebe? Logo, o homem que disputa o osso a um cão tem sobre este a grande vantagem de saber que tem fome; e é isto que torna grandiosa a luta, como eu dizia. “Sabe que morre” é uma expressão profunda; creio, porém, que é mais profunda a minha expressão: sabe que tem fome. Por isso que o fato da morte limita, por assim dizer, o entendimento humano; a consciência da extinção dura um breve instante e acaba para nunca mais, ao passo que a fome tem a vantagem de voltar, de prolongar o estado consciente. **Parece-me** (se não vai nisso alguma falta de modéstia), que a fórmula de Pascal é inferior à minha, sem entretanto deixar de ser um grande pensamento, e Pascal um grande homem.

Capítulo CXLIII

Não vou

Enquanto ele devolvia o livro à estante, eu relia o bilhete. No jantar, vendo que eu falava pouco, mastigava sem acabar de

engolir, olhava o canto da sala, a ponta da mesa, um prato, uma cadeira, uma mosca invisível, disse-me ele:

— Alguma coisa perturbou você; aposto que foi aquela carta?

— Foi. Realmente, sentia-me aborrecido, incomodado, com o pedido de Virgília. Tinha dado a Dona Plácida cinco contos de réis; duvido muito que ninguém fosse mais generoso do que eu, nem tanto. Cinco contos! E que fizera deles? Naturalmente botou fora, comeu em grandes festas, e agora suplica misericórdia, e eu que a leve! Morre-se em qualquer parte. Acrescente-se que eu não sabia ou não me lembrava do tal Beco das Escadinhas; mas, pelo nome, parecia-me algum recanto estreito e escuro da cidade. Tinha de ir lá, chamar a atenção dos vizinhos, bater à porta, etc. Que chato! Não vou.

Capítulo CXLIV

Utilidade relativa

Mas a noite, que é boa conselheira, considerou que a cortesia mandava obedecer aos desejos da minha antiga dama.

— Letras vencidas, é urgente pagá-las, eu disse ao me levantar.

Depois do almoço fui à casa de Dona Plácida; achei um molho de ossos, envolto em molambos, estendido sobre uma cama velha e fedorenta; dei a ela algum dinheiro. No dia seguinte mandei transportá-la para a Misericórdia; onde ela morreu uma semana depois. Minto: amanheceu morta; saiu da vida às escondidas, tal qual entrara. Outra vez perguntei, a mim mesmo, como no capítulo 75, se era para isto que o sacristão da Sé e a doceira trouxeram Dona Plácida à luz, num momento de simpatia específica. Mas adverti logo que, se não fosse Dona Plácida, talvez os meus amores com Virgília tivessem sido interrompidos, ou imediatamente quebrados, em plena efervescência; tal foi, portanto, a utilidade da vida de Dona Plácida. Utilidade relativa, reconheço; mas que diacho há de absoluto nesse mundo?

Capítulo CXLV

Simple repetição

Quanto aos cinco contos, não vale a pena dizer que um carteiro da vizinhança fingiu estar apaixonado por Dona Plácida, logrou espertar-lhe os sentidos, ou a vaidade, e casou com ela; no fim de alguns meses inventou um negócio, vendeu as apólices e fugiu com o dinheiro. Não vale a pena. É o caso dos cães do Quincas Borba. Simple repetição de um capítulo.

Capítulo CXLVI

O programa

Tinha pressa em fundar o jornal. Redigi o programa, que era uma aplicação política do Humanitismo; somente, como Quincas Borba não houvesse ainda publicado o livro (que aperfeiçoava de ano em ano), acertamos de não fazer nenhuma referência a ele. Quincas Borba exigiu apenas uma declaração, manuscrita e reservada, de que alguns princípios novos aplicados à política eram tirados do livro dele, ainda inédito. Era a fina flor dos programas; prometia curar a sociedade, destruir os abusos, defender os princípios saudáveis de liberdade e conservação; fazia um apelo ao comércio e à lavoura; citava Guizot e **Ledru-Rollin**, e acabava com esta ameaça, que o Quincas Borba achou mesquinha e local: “A nova doutrina que professamos há de inevitavelmente derrubar o atual ministério”. Confesso que, nas circunstâncias políticas da ocasião, o programa me pareceu uma obra-prima. A ameaça do fim, que o Quincas Borba achou mesquinha, demonstrei a ele que era repleta do mais puro Humanitismo, e ele mesmo confessou depois. Visto que o Humanitismo não excluía nada; as guerras de Napoleão e uma briga de cabras eram, segundo a nossa doutrina, a mesma sublimidade, com a diferença que os soldados de Napoleão sabiam que morriam, coisa que aparentemente não acontece às cabras. Ora, eu não fazia mais do que aplicar às circunstâncias a nossa

fórmula filosófica: Humanitas queria substituir Humanitas para consolação de Humanitas.

— Tu és o meu discípulo amado, o meu califa, bradou Quincas Borba, com uma nota de ternura, que até então não ouvira dele. Posso dizer como o grande Maomé: nem que venham agora contra mim o sol e a lua, não recuarei das minhas **ideias**. Crê, meu caro Brás Cubas, que esta é a verdade eterna, anterior aos mundos, posterior aos séculos.

Capítulo CXLVII

O desatino

Mandei logo para a imprensa uma notícia discreta, dizendo que provavelmente começaria a publicação de um jornal oposicionista, daí a algumas semanas, redigido pelo Doutor Brás Cubas. Quincas Borba, a quem li a notícia, pegou da pena, e acrescentou ao meu nome, com um carinho verdadeiramente humanístico, esta frase: “Um dos mais gloriosos membros da passada Câmara.”

No dia seguinte entra em minha casa o Cotrim. Vinha um pouco transtornado, mas disfarçava, afetando sossego e até alegria. Tinha visto a notícia do jornal, e achou que devia, como amigo e parente, fazer com que eu desistisse de semelhante **ideia**. Era um erro, um erro fatal. Mostrou que eu ia me colocar numa situação difícil, e de certa maneira trancar as portas do parlamento. O ministério, não só lhe parecia excelente, o que aliás podia não ser a minha opinião, mas com certeza viveria muito; e o que eu podia ganhar em indispor-lo contra mim? Sabia que alguns dos ministros tinham afeição para comigo; não era impossível uma vaga, e... Interrompi-o nesse ponto, para lhe dizer que meditara muito o passo que ia dar, e não podia recuar uma linha. Cheguei a lhe propor a leitura do programa, mas ele recusou energicamente, dizendo que não queria ter a mínima participação no meu desatino.

— É um verdadeiro desatino, repetiu ele; pense ainda alguns dias, e verá que é um desatino.

A mesma coisa disse Sabina, à noite, no teatro. Deixou a filha no camarote, com Cotrim, e me trouxe ao corredor.

— Mano Brás, que é que você vai fazer? Perguntou-me aflita. Que **ideia** é essa de provocar o governo, sem necessidade, quando podia...

Expliquei a ela que, para mim, não era conveniente mendigar uma cadeira no parlamento; que a minha **ideia** era derrubar o ministério, por não me parecer adequado à situação — e a certa fórmula filosófica; prometi que empregaria sempre uma linguagem cortês, embora enérgica. A violência não era especiaria do meu paladar. Sabina bateu com o leque na ponta dos dedos, abanou a cabeça e tornou ao assunto com um ar de pedido humilde e ameaça, alternadamente; eu disse a ela que não, que não, e que não. Desenganada, passou na minha cara que eu preferia os conselhos de pessoas estranhas e invejosas aos dela e do marido. — Pois siga o que parecer melhor para você, concluiu; nós cumprimos a nossa obrigação. Deu-me as costas e voltou ao camarote.

Capítulo CXLVIII

O problema insolúvel

Publiquei o jornal. Vinte e quatro horas depois, aparecia em outros uma declaração do Cotrim, dizendo, em essência, que “como não militasse em nenhum dos partidos em que se dividia a pátria, achava conveniente deixar bem claro que não tinha influência nem parte direta ou indireta na folha de seu cunhado, o Doutor Brás Cubas, cujas **ideias** e procedimento político inteiramente reprovava. O atual ministério (como aliás qualquer outro composto de iguais capacidades) parecia-lhe destinado a promover a felicidade pública”.

Não podia acabar de crer nos meus olhos. Esfreguei-os uma e duas vezes, e reli a declaração inoportuna, insólita e enigmática. Se ele nada tinha com os partidos, que lhe importava um incidente tão vulgar como a publicação de uma folha? Nem todos os cidadãos que acham bom ou mau um ministério fazem declarações tais pela imprensa, nem são obrigados a fazê-las. Realmente, era um mistério a intrusão do Cotrim neste negócio, não menos que a sua agressão pessoal. Nossas relações



até então tinham sido lhanas e benévolas; não me lembrava de nenhum desentendimento, nenhuma sombra, nada, depois da reconciliação. Ao contrário, as recordações eram de verdadeiros obséquios; assim, por exemplo, sendo eu deputado, pude obter-lhe uns fornecimentos para o arsenal de marinha, fornecimentos que ele continuava a fazer com a maior pontualidade, e dos quais me dizia algumas semanas antes, que, no fim de mais três anos, podiam dar-lhe uns duzentos contos. Pois a lembrança de tamanho obséquio não teve força para obstar que ele viesse a público enxovalhar o cunhado? Devia ser mui poderoso o motivo da declaração, que o fazia cometer ao mesmo tempo um destempero e uma ingratidão; confesso que era um problema insolúvel.

Capítulo CXLIX

Teoria do benefício

...Tão insolúvel que o Quincas Borba não pôde lidar com ele, apesar de estudá-lo longamente e com boa vontade. — Ora adeus! Concluiu; nem todos os problemas valem cinco minutos de atenção.

Quanto à repreensão de ingratidão, Quincas Borba rejeitou inteiramente, não como improvável, mas como absurda, por não obedecer às conclusões de uma boa filosofia humanística.

— Você não pode me negar um fato, disse ele; é que o prazer do beneficiador é sempre maior que o do beneficiado. Que é o benefício? É um ato que faz cessar certa privação do beneficiado. Uma vez produzido o efeito essencial, isto é, uma vez acabada a privação, retorna o organismo ao estado anterior, ao estado indiferente. Suponha que você tenha apertado demais o cinto das calças; para fazer cessar o incômodo, você desabota o cinto, respira, saboreia um instante de alívio, o organismo retorna à indiferença, e você não lembra dos seus dedos que praticaram o ato. Não havendo nada que perdure, é natural que a memória perca as forças, porque ela não é uma planta aérea, precisa de chão. A esperança de outros favores, é certo, conserva sempre no beneficiado a lembrança do primeiro; mas este fato, aliás um

dos mais sublimes que a filosofia pode achar em seu caminho, é explicado pela memória da privação, ou, usando de outra fórmula, pela privação continuada na memória, que repete a dor passada e aconselha a precaução do remédio apropriado. Não digo que, ainda sem esta circunstância, não aconteça, algumas vezes, persistir a memória da gentileza, acompanhada de certa afeição mais ou menos intensa; mas são verdadeiras contradições, sem nenhum valor aos olhos de um filósofo.

— Mas, respondi novamente, se nenhuma razão há para que dure por muito tempo a memória da gentileza na mente de quem a recebe, menos há de haver em relação a quem fez a gentileza. Eu queria que me explicasse este ponto.

— Não se explica o que é de natureza evidente, respondeu o Quincas Borba; mas eu direi alguma coisa mais. A persistência do benefício na memória de quem o exerce se explica pela mesma natureza do benefício e seus efeitos. Primeiramente, há o sentimento de uma boa ação, e, por dedução, a consciência de que somos capazes de boas ações; em segundo lugar, recebe-se uma convicção de superioridade sobre outra criatura, superioridade no estado e nos meios; e esta é uma das coisas mais autenticamente agradáveis, segundo as melhores opiniões, ao organismo humano. Erasmo, que no seu *Elogio da Loucura* escreveu algumas coisas boas, chamou a atenção para a benevolência com que dois burros se coçam um ao outro. Estou longe de rejeitar essa observação de Erasmo; mas direi o que ele não disse, a saber, que, se um dos burros coçar melhor o outro, esse há de ter nos olhos algum indício especial de satisfação. Por que é que uma mulher bonita olha muitas vezes para o espelho, senão porque se acha bonita, e por que isso lhe dá certa superioridade sobre uma multidão de outras mulheres menos bonitas ou absolutamente feias? A consciência é a mesma coisa; olha-se novamente e minuciosamente, quando se acha bela. Nem o remorso é outra coisa mais do que o gesto de uma consciência que se vê repelente. Não esqueças que, sendo tudo uma simples propagação de Humanitas, o benefício e seus efeitos são fenômenos perfeitamente admiráveis.

Capítulo CL

Rotação e translação

Há em cada empreendimento, afeição ou idade um ciclo inteiro da vida humana. O primeiro número do meu jornal me encheu a alma de uma vasta aurora, coroou-me de verduras, restituiu-me a lepidéz da mocidade. Seis meses depois batia a hora da velhice, e daí a duas semanas a da morte, que foi clandestina, como a de Dona Plácida. No dia em que o jornal amanheceu morto, respirei como um homem que vem de longo caminho. De modo que, se eu disser que a vida humana nutre de si mesma outras vidas, mais ou menos efêmeras, como o corpo alimenta os seus parasitas, creio não dizer uma coisa inteiramente absurda. Mas, para não arriscar essa figura menos nítida e adequada, prefiro uma imagem astronômica: o homem executa à roda do grande mistério um movimento duplo de rotação e translação; tem os seus dias, desiguais como os de Júpiter, e deles compõe o seu ano mais ou menos longo.

No momento em que eu terminava o meu movimento de rotação, concluía Lobo Neves o seu movimento de translação. Morria com o pé na escada ministerial. Durante pelo menos algumas semanas, havia rumores que ele ia ser ministro; o boato me encheu de muita irritação e inveja, não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma **tranquilidade**, alívio, e um ou dois minutos de prazer. Prazer é muito, mas é verdade; juro aos séculos que é a pura verdade.

Fui ao enterro. Na sala mortuária achei Virgília, ao pé do caixão, soluçando. Quando levantou a cabeça, vi que chorava de verdade. Ao sair o enterro, abraçou-se ao caixão, aflita; vieram tirá-la e levá-la para dentro. Digo a vocês que as lágrimas eram verdadeiras. Eu fui ao cemitério; e, para dizer tudo, não tinha muita vontade de falar; como se tivesse uma pedra na garganta ou na consciência. No cemitério, principalmente quando deixei cair a pá de cal sobre o caixão, no fundo da cova, o barulho surdo da cal deu-me um estremecimento passageiro, é certo, mas desagradável; e depois a tarde tinha o peso e a cor do chumbo; o cemitério, as roupas pretas...

Capítulo CLI

Filosofia dos epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos, e fingindo ler as inscrições dos túmulos. Aliás, gosto dessas inscrições; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele piedoso e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar da morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem que os seus mortos estão na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

Capítulo CLII

A moeda de Vespasiano

Todos tinham ido; só o meu carro esperava pelo dono. Acendi um charuto; afastei-me do cemitério. Não podia deixar de imaginar a cerimônia do enterro, nem de ouvir os soluços de Virgília. Os soluços, principalmente, tinham o som vago e misterioso de um problema. Virgília traíra o marido, com sinceridade, e agora o chorava com sinceridade. Eis uma combinação difícil que não pude fazer em todo o trajeto; em casa, porém, descendo do carro, suspeitei que a combinação era possível, e até fácil. Meiga Natura! A taxa da dor é como a moeda de Vespasiano; não cheira a origem, e tanto se colhe do mal como do bem. A moral repreenderá, porventura, a minha cúmplice; é o que não importa a ti, implacável amiga, uma vez que recebeste pontualmente as lágrimas. Meiga, três vezes Meiga Naturaza!

Capítulo CLIII

O alienista

Começo a ficar ridículo e prefiro dormir. Dormi, sonhei que era rico, e acordei com a **ideia** de ser rico. Eu gostava, às vezes, de imaginar esses contrastes de região, estado e credo. Alguns dias antes eu tinha pensado na hipótese de uma revolução social,

religiosa e política, que transformasse o arcebispo de Cantuária em simples coletor de Petrópolis, e fiz longos cálculos para saber se o coletor eliminaria o arcebispo, ou se o arcebispo rejeitaria o coletor, ou que porção de arcebispo pode caber num coletor, ou que soma de coletor pode combinar com um arcebispo, etc. Questões insolúveis, aparentemente, mas na realidade perfeitamente solúveis, desde que se atenda que pode haver num arcebispo dois arcebispos — o autêntico e o outro. Está dito, vou ser rico.

Era um simples gracejo; eu disse, todavia, ao Quincas Borba, que olhou para mim com certo cuidado e pena, levando a sua bondade a me comunicar que eu estava doido. Eu ri a princípio; mas a nobre convicção do filósofo me deu certo medo. A única objeção contra a palavra do Quincas Borba é que não me sentia doido, mas não tendo geralmente os doidos outro conceito de si mesmos, tal objeção ficava sem valor. E veja se há algum fundamento na crença popular de que os filósofos são homens despreocupados com as coisas mínimas. No dia seguinte, mandou-me o Quincas Borba um alienista. Eu o conhecia, fiquei aterrado. Ele, porém, se portou com a maior delicadeza e habilidade, despedindo-se tão alegremente que me animou a lhe perguntar se verdadeiramente não me achava doido.

— Não, disse ele sorrindo; raros homens terão tanto juízo como o senhor.

— Então o Quincas Borba se enganou?

— Redondamente. E depois: — Ao contrário, se é amigo dele... peço-lhe que o distraia... que...

— Oh céus! O Senhor acha?... Um homem de tamanho espírito, um filósofo!

— Não importa; a loucura entra em todas as casas.

— Imaginem a minha aflição. O alienista, vendo o efeito de suas palavras, reconheceu que eu era amigo do Quincas Borba, e tratou de diminuir a gravidade da advertência. Observou que podia não ser nada, e acrescentou até que um grãozinho de loucura, longe de fazer mal, dava certa graça à vida. Como eu rejeitasse com horror esta opinião, o alienista sorriu e me disse uma coisa tão extraordinária, tão extraordinária, que não merece menos de um capítulo.

Capítulo CLIV

Os navios do Pireu

— Há de se lembrar, disse-me o alienista, daquele famoso maníaco ateniense, que supunha que todos os navios entrados no Pireu eram de sua propriedade. Não passava de um pobre-tão, que talvez não tivesse, para dormir, a cuba de Diógenes; mas a posse imaginária dos navios valia por todas as moedas da Hélade. Ora, há em todos nós um maníaco de Atenas; e quem jurar que não possuiu alguma vez, mentalmente, dois ou três pequenos barcos, pelo menos, pode crer que jura falso.

— O senhor também! Perguntei-lhe.

— Eu também.

— Eu também?

— O senhor também; e o seu criado, não menos, se é seu criado esse homem que ali está sacudindo os tapetes à janela.

De fato, era um dos meus criados que batia os tapetes, enquanto nós falávamos no jardim, ao lado. O alienista notou então que ele escancarara as janelas todas desde longo tempo, que levantara as cortinas, que mexera o mais possível a sala, ricamente enfeitada, para que a vissem de fora, e concluiu: — Este seu criado tem a mania do ateniense: crê que os navios são dele; uma hora de ilusão que lhe dá a maior felicidade da Terra.

Capítulo CLV

Reflexão cordial

— Se o alienista tem razão, disse eu comigo, não haverá muito que lastimar o Quincas Borba; é uma questão de mais ou de menos. Contudo, é justo cuidar dele, e evitar que lhe entrem no cérebro maníacos de outros lugares.

Capítulo CLVI

Orgulho da servilidade

Quincas Borba discordou do alienista em relação ao meu criado.

— Pode-se, pelo que se vê, disse ele, atribuir ao teu criado a mania de ateniense; mas imagens não são **ideias** nem observações tomadas à natureza. O que o teu criado tem é um sentimento nobre e perfeitamente regido pelas leis do Humanitismo: é o orgulho da servilidade. A intenção dele é mostrar que não é criado de qualquer.

Depois chamou a minha atenção para os cocheiros de casa grande, mais vaidosos que o amo, para os criados de hotel, cuja consideração obedece às variações sociais da freguesia, etc. E concluiu que era tudo a expressão daquele sentimento delicado e nobre, prova concreta de que muitas vezes o homem, ainda a engraxar botas, é sublime.

Capítulo CLVII

Fase brilhante

— Você é sublime, eu gritei, abraçando-lhe o pescoço. Na verdade, era impossível crer que um homem tão profundo chegasse à demência; foi o que lhe disse após o meu abraço, indicando-lhe a suspeita do alienista. Não posso descrever a impressão que ele teve após isto; lembro-me que ele estremeceu e ficou muito pálido.

Foi por esse tempo que eu me reconciliei outra vez com o Cotrim, sem chegar a saber a causa do desentendimento. Reconciliação oportuna, porque a solidão doía muito, e a vida era para mim o pior dos cansaços, que é o cansaço sem trabalho. Pouco depois fui convidado por ele a me filiar a uma Ordem Terceira; o que eu não fiz sem consultar o Quincas Borba.

— Vai, se você quiser, ele me disse, mas temporariamente. Eu trato de anexar à minha filosofia uma parte doutrinária e litúrgica. O Humanitismo há de ser também uma religião, a

do futuro, a única verdadeira. O cristianismo é bom para as mulheres e os mendigos, e as outras religiões não valem mais do que essa: andam todas pela mesma vulgaridade ou fraqueza. O paraíso cristão é um digno imitador do paraíso muçulmano; e quanto ao nirvana de Buda não passa de uma concepção de paralíticos. Verás o que é a religião humanística. A absorção final, a fase contrativa é a reconstituição da substância, não o seu aniquilamento, etc. Vai aonde te chamam; não esqueças, porém, que és o meu califa.

Veja agora a minha modéstia; filiei-me na Ordem Terceira de ***, exerci ali alguns cargos, foi essa a fase mais brilhante da minha vida. Mesmo assim, calo-me, não digo nada, não conto os meus serviços, o que fiz aos pobres e aos enfermos, nem as recompensas que recebi, nada, não digo absolutamente nada.

Talvez a economia social pudesse ganhar alguma coisa, se eu mostrasse como todo e qualquer prêmio estranho vale pouco ao lado do prêmio relativo e imediato; mas seria romper o silêncio que jurei guardar neste ponto. Demais, os fenômenos da consciência são de difícil análise; por outro lado, se contasse um, teria de contar todos os que a ele se prendessem, e acabava fazendo um capítulo de psicologia. Afirmo somente que foi a fase mais brilhante da minha vida. Os quadros eram tristes; tinham a monotonia da desgraça, que é tão aborrecida como a da satisfação, e talvez pior. Mas a alegria que se dá à alma dos doentes e dos pobres é recompensa de algum valor; e não me digam que é negativa, por só recebê-la o que precisa de favor. Não; eu a recebia de um modo involuntário, e ainda assim grande, tão grande que me dava excelente **ideia** de mim mesmo.

Capítulo CLVIII

Dois Encontros

No fim de alguns anos, três ou quatro, estava cansado do ofício e o deixei, não sem um donativo importante, que me deu direito ao retrato na sacristia. Não acabarei, porém, o capítulo, sem dizer que vi morrer no Hospital da Ordem, adivinhem

quem?... a linda Marcela; e a vi morrer no mesmo dia em que, visitando uma favela, para distribuir esmolas, achei... Agora é que não são capazes de adivinhar.., achei a flor da moita, Eugênia, a filha de Dona Eusébia e do Vilaça, tão manca como a deixara, e ainda mais triste.

Esta, ao me reconhecer, ficou pálida, e baixou os olhos; mas foi obra de um instante. Ergueu logo a cabeça e olhou-me com muita dignidade. Compreendi que não receberia esmolas do meu bolso, e lhe estendi a mão, como faria à esposa de um capitalista. Cumprimentou-me e se fechou no pequeno quarto. Nunca mais a vi; não soube nada da vida dela, nem se a mãe era morta, nem que desastre a trouxera a tamanha miséria. Sei que continuava manca e triste. Foi com esta impressão profunda que cheguei ao hospital, onde Marcela entrara na véspera, e onde a vi morrer meia hora depois, feia, magra, arruinada...

Capítulo CLIX

Semidemência

Compreendi que estava velho, e precisava de uma força; mas o Quincas Borba partira seis meses antes para Minas Gerais, e levou consigo a melhor das filosofias. Voltou quatro meses depois, e entrou em minha casa, certa manhã, quase no estado em que eu o vira no Passeio Público. A diferença é que o olhar era outro. Vinha demente. Contou-me que, para aperfeiçoar o Humanitismo, queimara o manuscrito todo e ia recomeçá-lo. A parte doutrinária ficara completa, embora não escrita; era a verdadeira religião do futuro.

— Você jura por Humanitas? Perguntou-me.

— Você sabe que sim.

A voz mal podia sair do meu peito; aliás não tinha descoberto toda a cruel verdade. Quincas Borba não só estava louco, e esse resto de consciência, como uma frouxa lamparina no meio das trevas, complicava muito o horror da situação. Ele sabia disso, e não se irritava contra o mal; ao contrário, dizia-me que era ainda uma prova de Humanitas, que assim brincava consigo

mesmo. Recitava-me longos capítulos do livro, e versículos, e orações espirituais; chegou até a reproduzir uma dança sacra que inventara para as cerimônias do Humanitismo. A graça fúnebre com que ele levantava e sacudia as pernas era inconfundivelmente fantástica. Outras vezes se aborrecia num canto, com os olhos fitos no ar, uns olhos em que, de longe em longe, brilhava um raio persistente da razão, triste como uma lágrima...

Morreu pouco tempo depois, em minha casa, jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão, e que Pangloss, o caluniado Pangloss, não era tão tolo como o supôs Voltaire.

Capítulo CLX

Das negativas

Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediam os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do emplasto Brás Cubas, que morreu comigo, por causa da doença que apanhei. Divino emplasto, você me daria o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque era a genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vocês ficam eternamente hipocondríacos.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui rico, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube a mim a boa sorte de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não morri como Dona Plácida, nem possuí a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve falta nem sobra, e, conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a última negativa deste capítulo de negativas:

— Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura a herança da nossa miséria.

O autor
Machado de Assis



O autor

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839, falecendo na mesma cidade em 29 de setembro de 1908. Foi romancista, contista, cronista, poeta, jornalista e teatrólogo.

Por ser mulato e pobre, filho de operário, Machado de Assis não pôde frequentar uma instituição de ensino, embora tenha estudado mesmo longe da escola. Aos quinze anos, publicou uma obra literária pela primeira vez, no *Periódico dos pobres*, de 3 de outubro de 1854. Dois anos depois, começou a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional, onde teve contato com textos de autores variados. Foi jornalista e revisor em vários jornais e revistas da época.

Seu primeiro livro foi uma tradução, ao qual seguiu seu primeiro livro de poesias: *Crisálidas*, de 1864. O primeiro romance veio em 1872, *Ressurreição*, seguido de *A mão e a Luva* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro considerado pelos críticos como divisor de águas da obra machadiana. Ingressou pelos contos com *Papéis avulsos*, *Contos fluminenses* e *Relíquias da casa velha*.

No teatro, publicou várias peças, dentre as quais *Desencantos* e *Quase ministro*. Como crítico literário, comentou textos de autores nacionais e estrangeiros nos jornais em que colaborou, sendo, inclusive, um dos precursores dessa atividade no Brasil. Na crônica, destacam-se as obras *Bons dias!* e *Crônicas de Lélío* (esta publicada após a morte do autor).

Ocupou a cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras, da qual foi patrono-fundador.



Características da obra de Machado de Assis

Machado de Assis é seguramente **um dos maiores escritores da língua Portuguesa** de todos os tempos. Cultivando os **vários gêneros literários**, como poesia, prosa e teatro, seus textos são considerados verdadeiros documentos humanos e de **paisagens sociais** do final do século XIX e início do século XX.

A importância do autor é mais evidenciada nos estudos relacionados à sua **prosa**, sendo seus romances as obras mais destacadas pelos estudiosos da literatura.

Sua prosa costuma ser dividida em **duas fases**: uma fase romântica e uma fase realista, sendo esta última considerada a de grande expressão para a Literatura brasileira.



O escritor francês Honoré du Balzac, que teve grande influência na literatura realista mundial.

Em todas as suas obras podem ser percebidas características que marcaram a prosa machadiana, como: o **diálogo com o leitor**; a **referência a autores e obras literárias e filosóficas** de outros tempos (Pascal, Montaigne e Shopenheuer); a **descrição psicológica** dos personagens; a divisão da obra em **capítulos curtos; frases breves**.

Suas temáticas giram em torno de **conflitos** em eventos cotidianos da vida burguesa, que o autor usa para analisar, à sua maneira, o próprio **caráter humano**. Assim, comumente observamos mulheres e homens **desludidos por amor** não correspondido; **casamentos realizados por interesse** (nem sempre em dinheiro); **o ciúme**; a **traição**.

Os **fatos históricos** também estão presentes nas obras de Machado: nelas, há referência à Guerra do Paraguai (no conto *Um Capitão de Voluntários*, do livro *Relíquias da casa velha*); à declaração da maioria de D. Pedro II, para que pudesse assumir o trono do Brasil Império (em *Dom Casmurro*); à escravidão e aos momentos logo **subsequentes** à libertação dos escravos; à monarquia e às batalhas políticas na transição para a República.

O panorama político é uma temática bastante presente nas obras machadianas. Em seus livros, há grande número de alusões à monarquia e à república. Exemplo disso podemos encontrar na obra *Esau e Jacó*, na qual dois irmãos, que professam ideologia política diferente (um republicano, o outro monarquista), disputam o amor da mesma mulher.

Machado também se caracteriza por veicular, em suas obras, **ideias** filosóficas, sendo bastante conhecida sua filosofia *humanitista*, elaborada pelo personagem Quincas Borba. O pensamento humanitista afirma que há uma tendência do homem sempre lutar pela sua sobrevivência ou mesmo para sua escalada social, mesmo que isso prejudique a outrem. Essa filosofia está resumida na célebre frase “Ao vencedor, as batatas”, que o personagem diz após refletir sobre um episódio a seguir:

“Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

Memórias póstumas de Brás Cubas

Pode-se perceber, no trecho anterior, uma relação com as **teorias naturalistas**, a lei da seleção natural, na qual os mais capazes de adaptarem-se ao ambiente têm mais chances de sobreviver.

O **pessimismo** das obras de Machado de Assis é também bastante conhecido e registrado pela crítica literária. Esse pessimismo se caracteriza principalmente pela predeterminação do homem a ser infeliz, ou seja, todo ser humano teria por destino a infelicidade. O clássico *Memórias Póstumas de Brás Cubas* apresenta de maneira bem evidente essa característica logo na dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas”. Em vez de homenagear alguém, ele dedica a obra a um verme, colocando-o acima do ser humano. No final, outra clássica demonstração de pessimismo: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.



Machado de Assis descreveu com grande sagacidade o estilo de vida, os modos e os elementos que constituíam o comportamento social do homem em sua época. Alguns críticos chegam a considerar seus escritos verdadeiros testemunhos da sociedade de então.

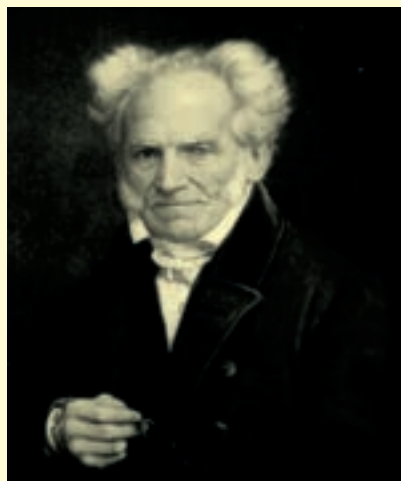
O tom pessimista de Machado é completado pela ironia e muitas vezes sarcasmo que sua obra apresenta. Na própria obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a ironia começa já no fato de o autor ser um narrador-defunto, o que o liberaria para contar mais abertamente sua história, sem se preocupar em ferir pessoas.

Ainda nessa obra, a constatação do amor de Marcela pelo narrador (ou pelo que ele poderia oferecer-lhe) é também carregada de tom irônico: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”. Já em *Quincas Borba* e *O alienista*, o autor ironiza a filosofia positivista e o cientificismo, carregando de termos científicos e sugerindo a incapacidade de compreensão da realidade apenas pelo foco da ciência.

No conto *A cartomante*, o autor tece ironicamente uma crítica ao misticismo, quando narra a previsão de futuro não realizada por uma cartomante. Esse ceticismo será encontrado também em várias de suas obras.

Machado, pai do Realismo brasileiro

O **Realismo** é um movimento literário que surgiu no **século XIX**, juntamente com o Parnasianismo e o Naturalismo. Esse movimento se caracterizou por buscar retratar a sociedade de maneira **objetiva**, mergulhando na análise da **psicologia humana**, contrariando o Romantismo, que supervalorizava o sentimento.



Arthur Schopenhauer. A filosofia pessimista do pensador alemão influenciou a prosa machadiana.

No Brasil, esse movimento teve início com a publicação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do nosso ilustre Machado de Assis, que acabou sendo a figura central do realismo brasileiro.

Machado imprimiu com sua obra quase todas as características desse movimento no Brasil: **análise psicológica** dos personagens; abordagem de temas relacionados à **sociedade** da época; **ambientação urbana**; narração permeada de **fatos cotidianos**; narrativa **não linear** e recheada por pitadas de **humor** e **pessimismo** resumem bem o que foi o Realismo no Brasil.

Contexto Histórico em que a obra foi produzida

O contexto histórico no qual a obra de Machado de Assis foi produzida é profundamente marcado por transformações político-culturais e no pensamento humano.

No Brasil, vivia-se um panorama caracterizado pela passagem do regime monárquico para o republicano, que ocasionou os seguintes fatos:

- O Brasil tinha se tornado independente de Portugal havia pouco tempo, o que interferiu no modo de ver as relações entre os portugueses e os brasileiros;

- Abolição da escravatura, que gerou uma mudança nos papéis sociais de donos de terra e trabalhadores rurais, mas não mudou, de imediato, a mentalidade desses atores sociais. Machado se serviu disso para abordar ironicamente as relações interpessoais nesse período.

- Proclamação da República, que intensificou o debate acerca dos ideais políticos liberais e conservadores e republicanos e monarquistas.

- Revoltas civis e campanhas militares, como a Guerra do Paraguai, a Guerra de Canudos.

- O Encilhamento, que foi uma crise financeira da época, registrado em *Esaú e Jacó*.

- Fortalecimento dos ideais positivistas e cientificistas.

A obra Memórias póstumas de Brás Cubas

Memórias Póstumas de Brás Cubas foi o quarto romance produzido por Machado de Assis, e sua publicação foi no ano de 1881. O autor era um profundo conhecedor de sua época e, facilmente, percebem-se em seus textos diversos elementos que reconstróem os contextos que marcavam as sociedades da época. Suas obras são verdadeiros estudos da dinâmica social e, para entendê-las, é necessário que se compreendam os contextos históricos.

A segunda metade do século XIX foi, na verdade, o momento de produção literária de Machado de Assis. Ainda que no início do século XX o autor tenha produzido alguns textos, foi mesmo entre os anos de 1854 e o final do século que ele mais produziu. E, como testemunha ocular de modificações profundas na organização social do mundo e do Brasil, Machado de Assis estruturou suas obras de forma que elas apresentassem verdadeiras leituras de sua época.

A segunda metade do século XIX foi marcada por três eventos que modificaram fortemente as estruturas social, política e econômica da sociedade brasileira. A Guerra do Paraguai, conflito armado que se estendeu de 1864 a 1870, foi o maior evento bélico da América do Sul, mobilizando tropas de diversos países e influenciando a economia de todos; a abolição da escravidão no Brasil, no ano de 1888, que extinguiu o tráfico negreiro; e a Proclamação da República em 1889 foram eventos vivenciados pelo autor.

Todos esses movimentos sociais, sendo guerra ou modificação na estrutura política do país, são fortes o suficiente para marcar uma mente crítica de sua época. Assim era com Machado de Assis. A dinâmica social sempre foi um elemento fundamental diante de sua escrita.

Contribuições de outros autores contemporâneos

Quando se trata de Machado de Assis, é muito difícil apontar outro escritor que tenha tamanha relevância. No entanto, é justiça se reconhecer — se não na grandeza e na habilidade

Memórias póstumas de Brás Cubas

em construir textos, pelo menos na contribuição cultural para a época — outros autores que aformosearam também a Literatura brasileira. Como Machado de Assis viveu até os primeiros anos da primeira metade do século XX, acompanhou também o surgimento do pensamento moderno na Literatura Brasileira e foi **plateia** e influência de toda uma geração que estruturaria o Modernismo brasileiro.

Euclides da Cunha, autor mais conhecido pela publicação de *Os Sertões* (1902) — obra de caráter documental, mas que extrapola a linguagem jornalística para uma descrição marcada pela subjetividade poética —, foi um dos autores que assistiram à morte de Machado de Assis. Desse evento, ele publicou um comentário sobre esse dia, em tom elogioso e descritivo. Nesse texto, ele aponta a presença de outros nomes da Literatura brasileira:

“(…)

Desapontamento. Mas aquela placidez augusta despertava na sala principal, onde se reuniam Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Alencar, José Veríssimo, Raimundo Correia e Rodrigo Octavio, comentários divergentes. Resumia-os um amargo desapontamento. De um modo geral, não se compreendia que uma vida que tanto viveu as outras vidas, assimilando-as através de análises sutilíssimas, para no-las transfigurar e ampliar, aformoseadas em sínteses raras - que uma vida de tal porte desaparecesse no meio de tamanha indiferença, num círculo limitadíssimo de corações amigos. Um escritor da estatura de Machado de Assis só deverá extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional.”

(<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/contemporaneos/euclides.pdf>)

Graça Aranha, autor de *Canaã* (1902), foi um escritor que viveu entre os anos de 1868 e 1931. Assim como Machado de Assis, ele foi testemunha das modificações sociais pelas quais o mundo passava em sua época. No entanto, diferentemente da estética escolhida por Machado de Assis, enveredou pela produção de um

romance descritivo dos movimentos migratórios para o Brasil da virada do século. Em seu principal romance, *Graça Aranha* faz uma verdadeira reflexão política no que diz respeito a todos os temas que atravessam a realidade do imigrante no Brasil.

Outro autor de importância relevante é José Veríssimo. Ele foi o principal idealizador da Academia Brasileira de Letras e também profundo defensor da obra de Machado de Assis. Como educador, escritor e jornalista, foi uma grande influência no contexto cultural brasileiro da segunda metade do século XIX.

Além dele, Raimundo Correia foi um autor que mereceu destaque em sua época e foi forte influência para autores como Olavo Bilac, a partir da publicação de obras como *Primeiros Sonhos* (1879).

Sem dúvida, à sombra de Machado de Assis, outros autores encontram espaço e notoriedade. Isso não é, de forma alguma, exagero, visto que, em sua época, o nome Machado de Assis é a maior tônica.

Resumo da obra

A história se inicia com uma dedicatória ao verme que roeu as carnes do cadáver de Brás Cubas e segue, daí, uma reflexão sobre a qualidade e a validade da narrativa.

O primeiro momento descrito, sendo o narrador o defunto, é o da morte dele, que, entre delírios e realidades, é cercada de pessoas que fizeram parte da vida do personagem.

Inicialmente, o narrador conta a história de quando era criança. É descrito como uma pessoa mimada e traquina, sendo o tempo todo apoiado pelo pai, que via nele um grande futuro para a família Cubas. Ao se tornar adolescente, envolve-se com uma prostituta de luxo, chamada Marcela. Com ela, ele quase gasta toda a fortuna da família.

Com o objetivo de esquecer Marcela, Brás Cubas viaja para Coimbra e lá estuda levemente o curso de Direito. Ao retornar, mais amadurecido, encontra Virgília, mulher que antes seria sua esposa e que depois resolveu casar-se com o político Lobo Neves, e apaixona-se por ela. Com ela, mantém um relacionamento amoroso às escondidas e protegido pelo silêncio de Dona Plácida, subornada por Brás Cubas em troca de discrição.

Virgília engravida, mas perde o bebê e tudo continua em discrição. Tentando a glória com a fundação de um jornal, com a candidatura a ministro do Estado, fracassa em tudo. Resta a ele apenas o projeto do Emplasto Brás Cubas, destinado a curar a melancolia da humanidade.

O último capítulo da obra destina-se a contar as negativas e faz um inventário de tudo o que não deu certo em sua vida.

Análise Temática

Os romances de Machado de Assis até então publicados, não apresentavam a densidade estilística e o poder literário que podem ser encontrados em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Afirma-se isso porque a primeira fase do autor, se assim pudermos descrever fases em sua produção, destinou-se a aprofundar o estilo da escrita. Ainda marcado por influências do Romantismo, não houve em suas três primeiras obras o mergulho aprofundado na estilística realista.

A proposta da estética realista era a análise aprofundada dos mecanismos que regem a sociedade. A sociedade da época de Machado de Assis era marcada por escravidão, divisão social, crise política no Império, entre outros elementos políticos e econômicos. Isso tudo é bem retratado na obra de Machado.

Um dos primeiros elementos que se percebem em sua obra é o retrato fiel da sociedade. Brás Cubas é o herdeiro de uma boa quantidade de dinheiro ao mesmo tempo que também herda a história social de sua família. Na época, a condição de prestígio era conseguida pelo dinheiro e pela história. A família de Brás Cubas tinha dinheiro e esforçava-se para construir uma história que desse a ela a condição de nobreza pela qual tanto ansiava: o pai dele era o filho de um fazedor de barris e tentava a todo custo ver nisso uma condição de nobreza.

Assim, é interesse temático de Machado de Assis a condição em que a família brasileira se encontra. Ele investiga essa condição apontando os elementos morais que a regem. As relações entre pai e filho, a marca de um amor fraternal marcado pelos interesses, a tentativa de manutenção da imagem a todo custo, a traição e o

envolvimento amoroso às escondidas são temas que estão sob essa investigação moral que Machado impõe em sua narrativa.

Outro elemento é o amor por interesse. A sociedade da época de Machado de Assis é governada por grandes valores morais de respeito, equilíbrio e temperança. Isso também é um tópico analisado por Machado a partir do momento em que ele enfoca as relações extraconjugais ou, então, o amor apaixonado de um homem em relação a uma prostituta de luxo, por exemplo. Aprofunda ainda mais sua análise quando afirma que o amor, enquanto elemento imaterial, parece ser sustentado por elemento material: a riqueza.

Ainda que este não seja um romance que tenha como tema a escravidão, ele é pano de fundo da descrição de Machado de Assis. A análise das classes sociais, da pobreza e da riqueza também faz parte da observação mais apurada do autor. No entanto, existe um elemento que atravessa toda a obra: o efêmero.

Essa condição de ser passageiro está presente no romance como uma espécie de *continuum* que afeta as pessoas. Tudo o que é não será mais um dia. Isso é frequentemente sugerido em cada cena descrita por Machado. É a vida que se esvai, é o tempo que passa, é a riqueza que se gasta, é a beleza que envelhece, tudo aponta para a efemeridade.

Análise crítica

De forma geral, afirma-se que o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi a obra introdutória do Realismo brasileiro. O que se fazia no mundo até então era a construção de um romance linear, como o *Primo Basílio*, *A cidade e as serras* e *Os Maias*, de Eça de Queirós. *Madame Bovary*, de Flaubert, e *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, também seguem a estrutura linear de contação de história. O que se vê no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por outro lado, segue um princípio de narrativa não linear e que, aos olhos dos críticos da época, causou grande estranheza.

Para se compreender melhor o que vem a ser linear e não linear, é necessário tomar como ponto de partida a **sequência**

Memórias póstumas de Brás Cubas

natural de uma narrativa. Ela geralmente apresenta elementos encadeados, como apresentação de contextos, apresentação de personagens, fato principal da obra, complicador, desfecho. Essa seria a **sequência** natural de um texto que apresenta uma narrativa linear. O que se vê na obra já é algo totalmente inovador.

Primeiramente, se observarmos o título do romance, perceberemos a grande incoerência presente em suas palavras. Como se pode ter memória póstuma? Ser póstumo é condição de quem já morreu, e da morte não se tem memória, até onde se prova a concretude das experiências humanas. Se memórias existem e se são póstumas é porque quem tem a lembrança já morreu.

E é exatamente isso que se segue: a pessoa que conta as memórias é um defunto. Esse aspecto foi o que mais criou assombro no meio literário, visto que até então a existência de um narrador servia para dar continuidade à história e não para criar um complicador. No caso em questão, o complicador seria a quebra da verossimilhança, pois um defunto que se apresenta para contar a história não é algo reconhecido como verdadeiro, socialmente falando. A seguir, podemos perceber a exemplificação disso:

“Por algum tempo fiquei em dúvida se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se colocaria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Visto que o comum seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar método diferente: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem o túmulo foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais elegante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a colocou no início, mas no fim; diferença radical entre este livro e o Pentateuco (p. 9).”

Podemos notar que os problemas em relação à verossimilhança são resolvidos com a apresentação de elementos que fazem parte do conhecimento cultural mais amplo. A história bíblica é evocada para dar teor de realidade à narrativa de Brás Cubas.

Literariamente falando, elementos que dizem respeito ao pós-vida costumam não ser encarados com normalidade. É comum até se dizer que isso é literatura que lida com tema de mau gosto. No entanto, esse não é o aspecto central da obra e está longe de ser encarado como um elemento de valor para a sustentação da argumentação que aponta para o mau gosto.

É uma literatura diferente da que trata os temas da terceira geração romântica. A morte não é idealizada, não é fuga para uma vida que não se sustenta. Ela não é também punição nem muito menos algo que se aponte um juízo de valor moral. No romance de Machado, ela é vista como mera **consequência** de uma vida que passou.

O “ser mera **consequência**” é que começa a dar ao estilo condição de realismo. O Realismo brasileiro encontrou na apatia, no não fazer caso, na indiferença, o seu quinhão. Foi nessa condição de não se importar que foi construída a impressão de pessimismo que norteia a obra realista de Machado de Assis. Não podemos dizer que essa apatia esteja declaradamente presente no ciúme doentio de Bentinho, em *Dom Casmurro*, mas é aparente na condição de Capitu e mais ainda na de Brás Cubas, na obra em questão. É presente nas respostas de Quincas Borba. É presente na impressão que os deuses, como Pandora, têm da humanidade. É a sensação de *continuum*, de deixar passar, de deixar de ser que mais uma vez marca a narrativa machadiana.

Essa indiferença também pode ser percebida logo no prefácio da obra. Foi necessário que outros autores chamassem a atenção para o próprio prefácio, como o caso de Mário de Andrade ao dizer que seria um prefácio interessantíssimo, para que pudessem sentir o resultado da notoriedade. Em Machado de Assis, a simples proposta de prefácio encerrou na obra o sentimento de espanto, o sentimento de inquietação que o leitor tem após lê-lo. “Ao verme” é que é dedicada a obra.

Metaforicamente, o verme representa a finitude da vida. Representa o único ser que pode, inconscientemente, atestar que a vida, a matéria, tudo realmente acabou. É ele quem rói a esperança e o desejo de que se retorne a ser o que era antes. É ele quem representa o fim do que era. Assim, não haveria

elemento melhor que ele para receber a dedicação da obra de Machado, as lembranças de Brás Cubas.

Isso poderia ser apontado como algo de extremo mau gosto, visto que dedicar a um verme um romance que tem a proposta de ampliar o lastro literário brasileiro pode ser tomado como ato de frivolidade. Não seria isso desdém em relação ao bem maior que é a vida? No entanto, isso reflete exatamente a condição de reflexão e consciência sobre si mesmo que marca o personagem central da obra e que, por sinal, é o próprio narrador: Brás Cubas.

As observações acerca da tipologia da narração também são marcas próprias da obra de Machado de Assis. Ao optar por uma escrita livre e não linear, Machado criou também uma narração que não pede, de forma alguma, a continuidade previsível das histórias até então. O narrador é personagem. Esse é um aspecto que até então não havia sido utilizado pelo autor em seus romances anteriores.

Ter um narrador personagem é o mesmo que compreender que ele foi participante da história. No entanto, além do fato inverossímil de esse narrador não estar vivo, ele conta a história e ainda sabe de todos os contextos que motivaram a história. Isso quer dizer que, além de ter a tipologia de narrador personagem, também é narrador onisciente, ou seja, conhecedor de tudo sobre o enredo. Machado desfaz a possibilidade do inverossímil apontando para o fato de que, do outro lado, o da morte, não existe nada que não seja revelado. Isso aponta a profundidade estratégica da construção do romance.

Outro detalhe interessante sobre o narrador é que ele faz conjecturas acerca de sua própria sorte, e isso ligado a reflexões sobre si mesmo e sobre outros autores. Podemos observar isso a seguir:

*“Seria de se admirar se Stendhal confessasse ter escrito um de seus livros para apenas cem leitores. O que não admira, nem provavelmente causará perturbação, é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem **cinquenta**, nem vinte, e muito menos, dez... Dez? Talvez cinco (...)” (p.7).*

Podemos perceber claramente as reflexões acerca do sucesso da obra e do pessimismo, que marca a condição do narrador. Ter cinco leitores seria uma catástrofe para um autor. Mas isso não parece ser algo que incomoda o narrador, visto que ele, em seguida, explica que isso se daria por ser esta uma obra redundante. Nota-se claramente o pessimismo em suas palavras.

Essa sensação de desconforto passa ao tentar pensar mais uma vez sobre usar a sorte, quando diz:

“Mas, eu ainda espero receber as simpatias da opinião, e o caminho para isso é fugir a uma apresentação explícita e longa. O melhor início é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e confuso. **Consequentemente**, evito contar o processo impressionante que empreguei na elaboração destas Memórias, trabalhadas aqui no outro mundo. Seria interessante, mas exageradamente extenso, aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se agradar a você, fino leitor, estou satisfeito; se não agradar, pago com um peteleco, e adeus” (p.7).

Podemos perceber que, ainda que haja pessimismo nas palavras, há a tentativa de atenuá-lo tornando a narração uma metalinguagem em relação ao ato de produzir narrações. Esse é um recurso até então não experimentado nas narrativas machadianas e não é difícil de dizer que em qualquer outra.

Além dessa tipologia, podemos ainda afirmar que se trata de um narrador intruso. Isso quer dizer que ele apresenta-se com um grau de profundidade muito maior do que nas obras anteriores. Enquanto em *Helena* e em *Iaiá Garcia* o ato de emitir algum juízo de valor já estava presente, mas muito timidamente, em *Memórias Póstumas* o narrador fala categoricamente com o leitor, ao ponto de sugerir que o leitor pule páginas caso a história não seja de seu agrado. Podemos observar isso a seguir:

“Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; isso eu faço, e a ciência me agradecerá. Se o leitor não gosta de contemplar estes fenômenos mentais, pode passar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos (p.9).”

Memórias póstumas de Brás Cubas

Outro elemento presente na narrativa de Brás Cubas é o racionalismo positivista. Para o narrador, tudo pode ser explicado por meio da razão e, se não pode, basta mais alguns anos de experiência para que se explique. Isso leva o leitor a compreender melhor o pessimismo. Não seria a expressão do desencanto do pessimismo alemão em sua atitude existencialista, mas apenas a letargia frente a uma vida que, a cada minuto que passa, mais perto chega do fim. O racionalismo em Brás Cubas é algo que se propõe como consolo ao desespero de finitude.

Ainda mais um elemento pode ser apresentado: o Humanitismo. Trata-se de uma verdadeira exposição de uma filosofia cínica na percepção de Quincas Borba. Ele, na obra, era uma criança abastada e que perdeu tudo. Sendo colocado inicialmente como um mendigo louco, apresentou depois a proposta do Humanitismo a Brás Cubas. Essa seria uma explicação cínica dos processos sociais que regem a humanidade.

Muito se fala também do emplasto criado por Brás Cubas. No entanto, é necessário que se perceba que esse foi apenas um elemento que acabava por costurar as etapas do enredo. Isso quer dizer que não foi o elemento central da história, mas algo que permitiu que alguns problemas de narrativa pudessem ser superados: a continuidade e a persistência em se tornar notório estava concretizada na tentativa de fazer o emplasto, que era um remédio, dar certo.

Memórias Póstumas de Brás Cubas foi, sem dúvida, a obra que conseguiu reunir em si toda a expressão cínica, crítica e analítica em relação à sociedade da época de Machado de Assis. Carregada de uma **sequenciação** incomum e inverossímil, a narrativa machadiana construiu a estética do Realismo como mote ou manifesto, para amadurecer nas obras que foram lançadas a seguir.